



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Departamento de Letras e Artes



Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações

CIRO ANTONIO DAS MERCÊS CARVALHO

**TUÍTES DO PRESIDENTE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO AUTORITÁRIO EM
@JAIRBOLSONARO**

**ILHÉUS-BAHIA
2022**

CIRO ANTONIO DAS MERCÊS CARVALHO

**TUÍTES DO PRESIDENTE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO AUTORITÁRIO EM
@JAIRBOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Beck.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

**ILHÉUS-BAHIA
2022**

C331

Carvalho, Ciro Antonio das Mercês.

Tuítes do presidente: uma análise do discurso autoritário em @jairbolsonaro / Ciro Antonio das Mercês Carvalho. – Ilhéus, BA: UESC, 2022. 98f. : il.

Orientador: Maurício Beck

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações – PPGL
Inclui referências.

1. Análise do discurso. 2. Twitter (Rede social on-line).
3. Violência. 4. Ditadura. 5. Pandemias. I. Título.

CDD 401.41

CIRO ANTONIO DAS MERCÊS CARVALHO

**TUÍTES DO PRESIDENTE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO AUTORITÁRIO EM
@JAIRBOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Beck.

28 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora

Maurício Beck (Orientador)

Doutor em Letras – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Juliana da Silveira (Examinadora)

Doutora em Letras – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Marlúcia Mendes da Rocha (Examinadora)

Doutora em Comunicação e Semiótica – Universidade Estadual de Santa Cruz
(UESC)

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Isaías e Cláudia, em primeiro lugar, por constituírem peças fundamentais na minha vida acadêmica e pessoal. Sou grato por todos os esforços que fizeram para que eu tivesse todas as condições necessárias para concretizar os meus objetivos acadêmicos. Sem eles, nada disto teria sido possível. Não posso deixar de agradecer a meu irmão, Arão, e a minha vó Cleusa, por contribuírem afetiva e existencialmente no meu percurso.

À Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), por reiterar o acolhimento neste meu início de trajetória na pós-graduação, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, por todo o suporte e atenção ao longo do Mestrado, em particular a Jaíne por sua proatividade e atenção nas comunicações e procedimentos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo fomento durante o período que durou o curso de mestrado, essencial para dar as condições básicas para cursar e me dedicar à pesquisa na pós-graduação.

Ao professor Doutor Maurício Beck, por seu constante diálogo, apoio, incentivo, dedicação e prontidão com este orientando, mesmo durante tempos difíceis e pandêmicos, além de ser exemplar pesquisador na área e por sua inspiradora trajetória.

À arguidora externa, professora Doutora Juliana da Silveira, pelo pronto aceite em compor a banca de avaliação deste trabalho, sendo sempre solícita e auxiliando com sugestões e correções desde a banca de qualificação, bem como à arguidora interna, professora Doutora Marlúcia Mendes da Rocha, por motivo igual, com seu contagiante sorriso e suas preciosas contribuições.

Aos amigos e colegas Ricardo, Iago, Milena, Lais, Renata e demais que fazem/fizeram parte do Grupo de Estudos Discursivos da UESC (GEDUESC) e que estiveram presentes nas discussões e nas leituras, tão ricas e fundantes para o meu percurso, em especial a Elis, amiga e parceira de produções e discussões acadêmicas que, na não-presença virtual devido à pandemia, foram de enorme importância.

A todos que não mencionei individualmente e que contribuíram de alguma forma, em especial àqueles que, como eu, compartilham da ânsia e da revolta contra posturas e posições políticas anticientíficas, genocidas e fascistóides.

#ForaBolsonaro

Se você vier me perguntar por onde andei
No tempo em que você sonhava
De olhos abertos, lhe direi
Amigo, eu me desesperava

Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em 76
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português

Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue
E de América do Sul
Por força deste destino
Um tango argentino
Me vai bem melhor que um blues

Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em 76
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês

Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue
E de América do Sul
Por força deste destino
Um tango argentino
Me vai bem melhor que um blues

Sei que assim falando, pensas
Que esse desespero é moda em 76
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês

“À Palo Seco”, *Alucinação*, Belchior.

CARVALHO, Ciro Antonio das Mercês. **Tuítes do presidente**: uma análise do discurso autoritário em @jairbolsonaro. 98 f. 2022. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representação – PPGL-UESC. Ilhéus, 2022.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa está alicerçado na Análise de Discurso Materialista, dispositivo teórico e analítico cujo mentor é o filósofo Michel Pêcheux. A obra *Análise automática do discurso* (AAD69) é o mote epistemológico para o objetivo de analisar discursiva e criticamente um *corpus* composto por recortes de publicações feitas pela conta @jairbolsonaro, que pertence ao chefe do Poder Executivo brasileiro, na rede de microblogues *Twitter*. O marco temporal definido se inicia quando Jair Bolsonaro é empossado no cargo de Presidente da República, em janeiro de 2019, até meados de maio de 2021. São levadas em consideração a materialidade discursiva do digital e suas peculiaridades tecnodiscursivas virtuais que proporcionam condições específicas de (re)produção dos seus discursos em tuítes. Por entre os meandros dos rumores e burburinhos do *Twitter*, puderam ser analisados os vieses político-ideológicos em @jairbolsonaro por entre as elipses, as metáforas, as anáforas e as contradições nas quais o que parece óbvio não o é. Há em @jairbolsonaro relações interdiscursivas com o militarismo ditatorial de outrora, com a violência antagônica em relação ao *Outro* e ainda com o descaso à vida no contexto da gestão da pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Tecnodiscurso; *Twitter*; Violência; Ditadura; Pandemia.

CARVALHO, Ciro Antonio das Mercês. **The president's tweets: an analysis of the authoritarian discourse at @jairbolsonaro**. 98 pp. 2022. Master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações – PPGL-UESC, Ilhéus, 2022.

ABSTRACT

This research work is based on the Materialist Discourse Analysis, a theoretical and analytical device whose mentor is the philosopher Michel Pêcheux. The work *Analyse automatique du discours* (AAD-69) is the epistemological motto for discursively and critically analyzing a corpus composed of clippings of publications at @jairbolsonaro Twitter account, which belongs to the Brazilian presidential subject. The timeframe begins when Jair Bolsonaro is sworn in as President of Brazil, in January, 2019, until mid-May 2021. It was taken into account the digital discursive materiality and its virtual technodiscursive peculiarities that provide specific conditions for (re)production of his speeches into tweets. Through rumours and heavy discussions on Twitter, the political biases of @jairbolsonaro constantly made with ellipsis, metaphors, anaphors, and contradictions, in which what sounds obvious actually isn't, could be analyzed. In @jairbolsonaro, there are interdiscursive relationships with the dictatorial militarism of the past, with the antagonistic violence towards the Other and even with the neglect of life in the context of the Covid-19 pandemic management.

Key-words: Technodiscourse; Twitter; Violence; Dictatorship; Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Primeira postagem de @jairbolsonaro no <i>Twitter</i> como presidente da República	p. 16
Figura 02	Postagem do perfil @jairbolsonaro com vídeo de Donald Trump	p. 19
Figura 03	Capa e mini biografia da conta oficial de Jair Bolsonaro no <i>Twitter</i>	p. 20
Figura 04	Recorte do portal do Ministério da Defesa na página da Brigada de Infantaria Pára-quedista	p. 22
Figura 05	Exemplo de lateral da linha do tempo do <i>Twitter</i>	p. 36
Figura 06	<i>Print screen</i> de como ficava a disposição dos dados coletados após transferir para o <i>Microsoft Excel</i> os dados obtidos pela API do <i>Twitter</i> através de comando no sistema Ubuntu.	p. 45
Figura 07	Postagem em @jairbolsonaro fazendo homenagem a Enéas Carneiro	p. 49
Figura 08	Postagem em @jairbolsonaro em que divulga vídeo com balanço de assuntos recorrentes	p. 51
Figura 09	Postagem em @jairbolsonaro divulgando um acordo entre Brasil e Japão	p. 51
Figura 10	Postagens em @jairbolsonaro ataca com acusações a seus opositores	p. 52
Figura 11	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” se refere àqueles que defendem que o tráfico de drogas e a criminalidade	p. 55
Figura 12	Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada às políticas de reforma agrária de governos anteriores e ao Movimento Sem Terra	p. 55
Figura 13	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada a plataformas educação sexual nas escolas públicas	p. 56
Figura 14	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” se refere aos manifestantes que, em Santigado do Chile	p. 56
Figura 15	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada a uma suposta descriminalização da pedofilia	p. 57
Figura 16	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” se relaciona ao derramamento de óleo bruto na costa brasileira	p. 57
Figura 17	Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada ao militante político Che Guevara e ao Foro de São Paulo	p. 58
Figura 18	Postagem em @jairbolsonaro com destaque ao trabalho de militares	p. 59
Figura 19	Postagem de @JairBoslsonaro sobre auditoria em indenizações às vítimas de tortura e perseguição da Comissão da Verdade durante a ditadura militar	p. 60
Figura 20	Postagem de @JairBoslsonaro em que se refere à CNV como uma “cafetina”	p. 61
Figura 21	Postagens em @jairbolsonaro com imagem dele no período em que era militar da ativa	p. 64
Figura 22	Postagem em @jairbolsonaro em apoio às manifestações populares que ocorreram em Cuba contra o governo e a crise econômica	p. 65
Figura 23	Postagem em @jairbolsonaro sobre o programa do governo federal, Mais Médicos, e os médicos cubanos	p. 65
Figura 24	Postagem em @jairbolsonaro sobre um médico cubano que agora atua no Brasil e, nas palavras do tuíte, “é grato ao governo Bolsonaro”	p. 66
Figura 25	Postagem em @jairbolsonaro sobre a emigração de venezuelanos	p. 66
Figura 26	Postagem em @jairbolsonaro agradecendo a recepção da China	p. 68
Figura 27	Postagem em @jairbolsonaro em que fala do investimento de bilhões de dólares entre Brasil e China	p. 68
Figura 28	Postagem em @jairbolsonaro mostrando solidariedade à China	p. 68
Figura 29	Postagem em @jairbolsonaro sobre “laços de amizade” entre a China e o Brasil	p. 68

Figura 30	Postagem em @jairbolsonaro sobre insumos para produção de vacinas contra a Covid-19	p. 69
Figura 31	Postagem em @jairbolsonaro sobre “laços de amizade” entre a China e o Brasil	p. 76
Figura 32	Postagem em @jairbolsonaro em que faz ponderação entre as medidas de combate ao vírus e o desemprego	p. 77
Figura 33	Postagem em @jairbolsonaro com afirmações inverídicas sobre o <i>lockdown</i> no Reino Unido	p. 78
Figura 34	Postagem em @jairbolsonaro com vídeo de telejornal sobre hidroxiclороquina	p. 79
Figura 35	Postagem em @jairbolsonaro sobre protocolo da cloroquina – parte do “kit covid”	p. 79
Figura 36	Postagem em @jairbolsonaro com vídeo em que médica Nise Yamaguchi, defensora do tratamento precoce, defende o uso de hidroxiclороquina	p. 81
Figura 37	Postagem em @jairbolsonaro indicando o discurso de um médico que apoia o uso da cloroquina	p. 81
Figura 38	Postagem em @jairbolsonaro em que menciona médica que indica o uso da hidroxiclороquina em um vídeo	p. 82
Figura 39	Postagem em @jairbolsonaro com vídeo de Donald Trump falando sobre suposta ampliação do uso de hidroxiclороquina nos Estados Unidos	p. 82
Figura 40	Postagem em @jairbolsonaro direcionada á CPI em que defende o “tratamento precoce” e ataca o ex-ministro da saúde do seu próprio governo	p. 83
Figura 41	Postagem em @jairbolsonaro com críticas a vacina desenvolvida em parceria entre o Instituto Butantan e um laboratório chinês	p. 84
Figura 42	Postagem em @jairbolsonaro sobre aquisição de vacinas no em que o governo se omitia ante as ofertas de imunizantes da empresa <i>Pfizer</i>	p. 84
Figura 43	Postagem em @jairbolsonaro em que defende “tratamento precoce” reforça que a vacina é não obrigatória	p. 87
Figura 44	Postagem em @jairbolsonaro em que destaca o número de doses de vacina contra Covid-19 aplicadas no Brasil	p. 87
Figura 45	Postagem em @jairbolsonaro em que compara a vacinação do Brasil com a Europa, critica governadores e defende tratamentos <i>off-label</i>	p. 89
Figura 46	Postagem em @jairbolsonaro exalta a distribuição de doses de vacina	p. 89

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	PREPARAÇÃO DA ANÁLISE	14
1.1	Pesadelo de uma noite de primavera	14
1.2	Primeiros gestos: considerações sobre a biografia de Jair Bolsonaro e a “tempestade de tuítes”	16
1.3	Posições teóricas	23
1.4	Das posições teóricas a uma prática analítica	29
2	O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO NO DIGITAL	31
2.1	Uma breve historiografia do digital no Brasil: a internet e as redes sociais	31
2.2	O digital: apontamentos discursivos sobre o <i>Twitter</i>	34
2.3	Rumores, balbucios e gorjeios	38
2.4	Arquivo e <i>corpus</i>	41
3	ANÁLISE DO DISCURSO PRESIDENCIAL NO <i>TWITTER</i>	46
3.1	O presidente	46
3.1.1	Enéas e o Nióbio	49
3.1.2	Esquerda e oposição – o <i>Outro</i> em @jairbolsonaro	52
3.1.3	Ditadura e golpe militar de 1964	59
3.1.4	China	67
3.1.5	@jairbolsonaro e a gestão sanitária da pandemia da Covid-19: “e daí?”	72
3.1.5.1	@jairbolsonaro <i>versus</i> Organização Mundial da Saúde	74
3.1.5.2	@jairbolsonaro e o “tratamento precoce” à Covid-19	77
3.1.5.3	@jairbolsonaro <i>versus</i> vacina	84
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE @jairbolsonaro: UM ERRANTE E AUTORITÁRIO COMO CHEFE DE ESTADO	91
	REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

É preciso demarcar, de pronto, que as condições de produção do meu discurso neste trabalho de pesquisa foram completamente afetadas pela pandemia de Covid-19, contaminado pelas angústias e afetos conturbados desse período deveras singular. Um obstáculo que se impôs e que foi sobreposto com paciência, com chamadas de vídeo e com o constante “fique em casa” (um dos axiomas desse período pandêmico). O quadro sanitário que se desenhou trouxe a necessidade de quarentenas e distanciamento social, condições que mudaram a dinâmica da vida e das relações interpessoais, simbolicamente marcadas pelo uso de álcool em gel, máscaras e negacionismo da ciência, tudo parte do infame “novo normal”. Assim, essa pandemia compôs o mosaico dos desafios enfrentados ao ingressar no Mestrado em Letras, o que já representou uma saída definitiva da zona de conforto da minha área de graduação, o Direito, e me trouxe o tão importante aprendizado dos princípios e procedimentos da Análise de Discurso, entre outras perspectivas e abordagens críticas e teóricas.

A temática dessa dissertação se constitui por gestos de análise de postagens da conta @jairbolsonaro, na rede social *Twitter*, que, até o fechamento deste trabalho, possuía mais de doze mil postagens (sem contar as que foram deletadas e removidas). Desse modo, esse canal digital é o meio público mais utilizado pela Presidência da República para divulgar seus discursos, independente dos conteúdos, de modo que meu foco está especificamente nas postagens feitas a partir do momento em que esse capitão da reserva assume o cargo de chefe do Poder Executivo, em janeiro de 2019. Assim, o recorte temporal que compõe o meu arquivo abrangeu publicações feitas de janeiro de 2019 até meados de maio de 2021. Saliento que o meu material de análise tem um *corpus* dinâmico e que continuará sendo produzido enquanto durar o mandato presidencial de Jair Bolsonaro (se os rumores de um golpe de Estado não se concretizarem, está datado para terminar em 31 de dezembro de 2022).

Assim, minha afinidade com essa temática, por conseguinte, esteve presente ainda no período eleitoral de 2018, com o interesse de concatenar, numa perspectiva crítica e analítica, as nuances discursivas de Jair Messias Bolsonaro. Impressionava-me a tranquilidade e a possibilidade mesma com que esse político emitia opiniões de tamanha violência e com viés expressamente antidemocrático. Acompanhei a

candidatura do então deputado do baixo clero da Câmara ao pleito democrático para o cargo presidencial, em meio à disseminação de *fake News* e à demonização do Partido dos Trabalhadores (PT) e, por efeito de metonímia, o espectro ideológico da esquerda. Conhecido desde o início da sua carreira política por bradar discursos militares, antidemocráticos e violentos em nome da suposta moralidade resumida em seu lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, foi o capitão da reserva que venceu o certame de 2018. Ademais, o meu interesse no tema só se amplificou durante o período pandêmico. Afinal, Jair Bolsonaro e seu (des)governo foram explicitamente a favor de tratamentos sem comprovação científica para o Coronavírus e toda sua gestão da saúde teve resultados extremamente negativos colocando o Brasil entre os piores na gestão da crise sanitária que se impôs.

Desse modo, com o enorme volume de informação disseminada pela *internet*, resolvi focar minha análise na materialidade digital do *Twitter*, especificamente nas postagens da conta oficial @jairbolsonaro. Portanto, o objetivo principal foi investigar contradições em posições ideológicas presentes nessas postagens marcadas pelas posições-sujeito daquele que tem como slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Como primeiro objetivo secundário, busco analisar as memórias discursivas atualizadas, a partir da análise das marcas da historicidade que precedem os dizeres de quem ocupa atualmente o cargo mais alto do Poder Executivo.

Através de recortes que compõem um arquivo extraído de materialidades discursivas digitais, bem como levando em consideração as condições de produção desses discursos, meu segundo objetivo secundário é compreender como são produzidos determinados efeitos de sentido e não outros que podem ser suscitados na interpretação desses enunciados e como as escolhas de palavras e de figuras resvalam no “já-dito” do interdiscurso e assinalam determinadas posições-sujeito num conflito político e ideológico. Por fim, meu terceiro objetivo secundário é analisar a questão dos rumores que permeiam o discurso presidencial de Jair Bolsonaro no *Twitter*.

Na primeira sessão, preparo o terreno já com alguns gestos de análise e dados biográficos e traços correlacionados a discursividade presidencial. Já exponho, também, os marcos teóricos que me filio para desenvolver o trabalho. Assim, parto da teoria à uma prática analítica, mas antes, na segunda sessão, traço um percurso pelo digital e suas nuances (tecno)discursivas, que são muito caras ao presente trabalho.

Na segunda sessão, dou ênfase à questão do funcionamento discursivo no digital, em especial no *Twitter*, desenvolvo noções teóricas sobre os rumores e também dou atenção às técnicas de pesquisa empreendidas, detalhando como foi o processo de composição do meu *corpus* com a metodologia utilizada para compor um arquivo de análise e seus posteriores recortes.

Na terceira sessão, foco meus esforços na análise dos discursos presentes nos tuítes em @jairbolsonaro, com destaque para sua identificação com a figura de Enéas Carneiro bem como sua fixação com o nióbio. Em seguida observo como os sintagmas “oposição” e “esquerda” assumem importantes sentidos dentro do contexto alusivo ao *Outro* que não está alinhado com o governo. Ato contínuo, parto para observar a identificação dos discursos publicados na conta presidencial com o militarismo e com a ditadura militar brasileiro, bem como a assunção de sentidos do sintagma “ditadura”. Nesse contexto, também analisarei como a China é discursivamente tratada.

Para encerrar, analiso com diversos tuítes em @jairbolsonaro ante a conjuntura da crise sanitária da Covid-19. Destaco os discursos que o chefe de Estado propagou e os efeitos de rumor gerados; seus ataques à Organização Mundial da Saúde; sua defesa ao suposto “tratamento precoce” por meio de medicamentos sem eficácia para doença; seu descaso com a vacinação e a forma como seus discursos no *Twitter* variaram no decorrer da crise sanitária que teve início no primeiro semestre de 2020.

1 PREPARAÇÃO DA ANÁLISE

We're not scaremongering
This is really happening, happening
We're not scaremongering
This is really happening, happening

“Idioteque”, *Kid A*, Radiohead

1.1 Pesadelo de uma noite de primavera

Na noite de 28 de outubro de 2018, os canais de televisão, as estações de rádio, os portais de notícias, os grupos de *WhatsApp*, o *Twitter* e demais veículos de comunicação brasileiros estavam em polvorosa com o resultado das urnas da oitava eleição para a Presidência da República desde a redemocratização, em 1988. Era possível ouvir rojões sendo disparados e gritos de pessoas comemorando pela vizinhança (que também poderiam ser tiros de arma de fogo disparados pelos cidadãos de bem; nunca saberei com certeza).

Naquela noite, os boletins eleitorais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indicavam a vitória de Jair Messias Bolsonaro, do até então inexpressivo Partido Social Liberal (PSL), ao qual tinha se filiado em janeiro daquele ano, no pleito face a seu adversário, Fernando Haddad, do tradicional Partido dos Trabalhadores (PT), com quase dez milhões de votos à frente.^{1, 2} Desse modo, a partir de primeiro de janeiro de 2019, conforme breve histórico político feito por Thaís Oyama (2020), assumiu o cargo mais alto do Governo Federal, Bolsonaro, ex-capitão do Exército, com mais de 25 anos de praticamente nula participação na Câmara dos Deputados, integrante do

[...] conhecido 'baixo clero', a periferia do Congresso, formada por deputados de partidos nanicos, sem influência ou projetos relevantes no currículo e desprezados pelas lideranças parlamentares, que só lembram deles se precisam de quórum numa votação. (OYAMA, 2020, p. 6).

1 A sigla, criada em 1998, quando teve candidato a presidente, em 2006, não chegou a 1% dos votos válidos e, até 2018, nunca tinha conseguido sequer uma cadeira eleita para o Senado Federal, de acordo trajeto do partido traçado pela Folha S. Paulo disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/conheca-a-trajetoria-do-psl-de-sigla-nanica-ate-bolsonaro-e-os-laranjas.shtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

2 Conforme consta na página de apuração das eleições de 2018 do portal G1, que extraiu as informações do banco de dados do TSE. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

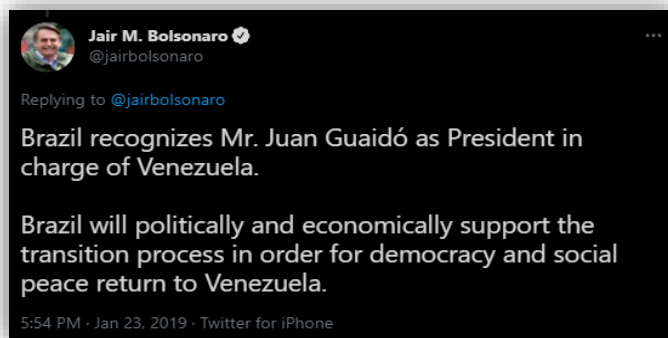
A narrativa dessa noite de outubro de 2018 foi uma forma de “ilustrar” um momento da conjuntura política do país, composta por um complexo caleidoscópio de fatores que remontam desde as manifestações “apartidárias” e as greves sindicais iniciadas em 2013 à reeleição da presidenta Dilma Rousseff, em 2014, e o posterior golpe que findou com seu mandato em agosto de 2016. Na memória nacional, a indigesta visão de seu traíçoeiro vice assumindo como presidente até a eleição de 2018, que teve o resultado já conhecido.

Nesse sentido, aquele que foi eleito presidente da República, em 2018, esteve por quase três décadas em cargos de poder no Legislativo do país, mesmo sem destaque na proposição de projetos de lei. Teve sua formação profissional ligada ao militarismo, ao aparelho repressivo de Estado (ARE), e suas manifestações políticas fazem constante alusão elogiosa e saudosista aos vinte anos de ditadura militar no Brasil. O cargo mais alto do Poder Executivo nacional está ocupado por alguém que teve como formação a disciplina e a obediência à hierarquia, em que não são aceitos questionamentos dos subordinados (inferiores hierárquicos). É o mesmo que, em 17 de abril de 2016, durante a votação do infame impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, dentre outras marcas do interdiscurso relacionadas a sua formação discursiva (FD), proferiu o seguinte discurso elogiando um notório pavoroso torturador do período militar:

[...] Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim. (OYAMA, 2020, p. 9).

As palavras, proferidas pelo então deputado federal, continuam reverberando, em níveis muito além do que parece óbvio, em seus discursos televisivos, em suas constrangedoras *lives*, em seus perfis em redes sociais – onde difunde seus (des)feitos, opiniões, mentiras e (des)afetos, compartilha conteúdos de outras contas, etc. Assim, as condições de (re)produção discursiva que o *Twitter* possibilita ao presidente da República me interessam, de modo que proponho examinar o discurso presidencial de Jair Messias Bolsonaro, especificamente na sua conta oficial @jairbolsonaro, sob a ótica da AD materialista.

Figura 01 – Primeira postagem do @jairbolsonaro no *Twitter* como presidente da República.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (23 de janeiro de 2019).

Para dar início aos gestos de análise, na Figura 01 há o primeiro pronunciamento do perfil @jairbolsonaro após assumir a presidência, em janeiro de 2019. Nessa oportunidade, o recém empossado chefe de Estado brasileiro se posicionou no sentido de apoiar e reconhecer como presidente Juan Guaidó, maior opositor de Nicolás Maduro que até então segue no cargo de presidente como herdeiro político de Hugo Chávez na Venezuela.³ Essa postagem e outras feitas no mesmo período sobre as eleições venezuelanas começavam a indicar a direção que o governo bolsonarista tomaria em relação a questões de diplomáticas e das conjunturas geopolíticas da América Latina e do mundo.

1.2 Primeiros gestos: considerações sobre a biografia de Jair Bolsonaro e a “tempestade de tuítes”

O digital se consolidou, além de suas aplicações no cotidiano, como um dos protagonistas dos interesses de investigação acadêmica, seja pelo potencial de unir as pessoas de todos os cantos do planeta; seja pela possibilidade de circulação de capitais pelos *e-commerce* e mercado financeiro; seja pela velocidade na troca de

3 No início de 2019, Juan Guaidó, principal nome da oposição e presidente do Poder Legislativo da Venezuela, se autodeclarou presidente interino do país logo após Nicolás Maduro ser empossado para um segundo mandato à frente da Venezuela. A postura de Guaidó foi apoiada por outros países, como Estados Unidos, pelo então presidente Trump, e o Brasil, pelo recém empossado Bolsonaro. Porém, Nicolás Maduro segue no comando do país até o presente momento. A situação política na Venezuela continua complexa desde a morte de Hugo Chávez e porque o país segue em crise econômica e social, dentre outros fatores, devido à queda do preço internacional do barril de petróleo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47406269>. Acesso em: 21 jun. 2021.

informações; sejam outras tantas nuances que um mundo conectado em rede permite. Desse modo, os analistas do discurso também estão se debruçando nas temáticas que envolvem as condições de produção do discurso que a *internet* possibilita, especialmente em termos de militância virtual em que há conflitos entre as ideologias dominantes e as ideologias dominadas, um campo de disputas e sentidos em movimento na história.

O presidente da República brasileira em exercício, Jair Bolsonaro, particularmente utiliza a *internet* como seu principal meio de propagação de discursos políticos. O *Twitter* pode ser considerada uma das, senão a principal, redes utilizadas por aquele que atualmente ocupa o cargo mais importante do Poder Executivo Federal utiliza para se comunicar com seus interlocutores.

Na conta @jairbolsonaro são mais de doze mil publicações (até o fechamento deste trabalho), com diversas postagens sendo feitas diariamente, uma injunção ao discurso digital semelhante a que demonstrou o ex-presidente estado-unidense Donald Trump no curso do seu mandato, entre 2017 e 2021, enquanto sua conta @realDonaldTrump não havia sido suspensa pelo *Twitter*.

No caso de Trump, o uso do *Twitter* era tão constante que o termo “*tweetstorms*” –que pode ser traduzido como “tempestade de tuítes”, equivalente a uma verborragia tecnodiscursiva – foi utilizado pela imprensa estado-unidense para se referir à prática do então presidente. A jornalista Julie Bykowicz (2017) observou que Trump chegava a fazer mais de uma dúzia de tuítes por dia direcionados a seus mais de cem milhões de seguidores na rede social.

Trump's frequent social media posts — more than a dozen Monday and Tuesday alone — are read by millions of Twitter followers. 'The Fake News Media hates when I use what has turned out to be my very powerful Social Media - over 100 million people! I can go around them!' Trump boasted last week on Twitter. The president has a long history of communicating directly with people through social media that has worked out very well for him in the past', said Katrina Pierson, a former Trump campaign spokeswoman. 'Many people are no longer getting their information from traditional media sources anyway'. (BYKOWICZ, 2017, online).⁴

4 As frequentes postagens de Trump nas redes sociais – mais de uma dúzia apenas nas segundas e terças-feiras – eram lidas por milhões de seguidores no *Twitter*. ‘A mídia das *fake News* odeia quando eu uso o que se tornou minha poderosa mídia social – mais de 100 milhões de pessoas! Eu posso contorná-los!’, Trump se gabou na semana passada no *Twitter*. ‘O presidente tem uma longa história de comunicação direta com as pessoas por meio da mídia social que funcionou muito bem para ele no passado’, disse Katrina Pierson, uma ex porta-voz da campanha de Trump. “Muitas pessoas não estão mais obtendo suas informações de fontes tradicionais de mídia de qualquer maneira.” (Tradução nossa).

Nesse sentido, Bentes e Koike (2018, *online*) fazem um estudo das *tweetstorms* ainda no curso do mandato de Trump e concluem que as “tempestades de tuítes” faziam parte de um embate por legitimação entre a administração Trump *versus* a grande mídia americana.⁵ A grande diferença nessa luta discursiva era que o primeiro sujeito se legitimava por sua posição de autoridade (era o então presidente dos Estados Unidos), e a segunda pela busca por deslegitimar tuítes específicos que atacavam a própria mídia, pessoas e/ou instituições. Bentes e Koike (2018, *online*) também observam que as postagens “de Trump encontram ‘eco’ na sociedade, dado que resultam de vozes/movimentos organizados e bem representados pelas temáticas e pontos de vista assumidos pelo presidente.”

Essas “tempestades de tuítes” feitas por um chefe de Estado e que encontram “eco” na sociedade são uma das semelhanças entre Donald Trump e Jair Bolsonaro. Inclusive o presidente do Brasil, em suas postagens, demonstrou apreço e buscou apoio do ex-presidente estado-unidense em diversas oportunidades. Parece haver uma identificação entre Jair Bolsonaro com a filiação discursivo-ideológica de Donald Trump: ambos atacam e desqualificam as mídias tradicionais, ambos atacam aqueles que consideram como “inimigos vermelhos” (SCHERER; VENTURINI, 2017); ambos usaram o tecnodiscurso (PAVEAU, 2015) das redes sociais para angariar apoio político.

Porém, ao observar essa relação entre os então presidentes, via-se que Jair Bolsonaro se colocava numa posição de admirador de Trump, numa busca pela atenção de mandatário norte-americano. Em Jair Bolsonaro havia uma injunção para que o então presidente dos Estados Unidos o aprovasse e legitimasse política e discursivamente. Essa é uma contradição com o patriotismo nacionalista do lema “Brasil acima de tudo”, já que era de suma importância que o então chefe de Estado norte-americano desse algum tipo de validade ao discurso do presidente brasileiro. Essa busca por legitimação pode ser observada ao interpretar a Figura 02.

⁵ A conta de Donald Trump segue suspensa. Em nota, o *Twitter* informou que suspendeu permanentemente a conta @realDonaldTrump depois de postagens incitando à violência: “After close review of recent Tweets from the @realDonaldTrump account and the context around them — specifically how they are being received and interpreted on and off Twitter — we have permanently suspended the account due to the risk of further incitement of violence”. Disponível em: https://blog.Twitter.com/en_us/topics/company/2020/suspension.html. Acesso em: 09 jun. 2021.

Figura 02 – Postagem do perfil @jairbolsonaro com vídeo de Donald Trump – o então presidente norte-americano fala sobre o Brasil e indicação de Eduardo Bolsonaro como embaixador.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (30 de julho de 2019).

O recorte da Figura 02 está relacionado com um episódio marcante e que exemplifica a contradição no patriotismo do discurso do presidente brasileiro. Em meados de 2019, Jair Bolsonaro cogitou, explicitamente e sem pudores, indicar seu próprio filho e deputado federal, Eduardo Bolsonaro, ao cargo de embaixador do Brasil nos Estados Unidos, sobrepondo a tradição e a hierarquia diplomática do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty. O presidente brasileiro disse publicamente à imprensa: “Vou nomear, sim. E quem disser que não vai mais votar em mim, lamento.”⁶

Desse modo, para transpassar o teor nepotista dessa indicação política, foi ainda buscar no discurso de Trump a aprovação para sua decisão, como se vê na postagem da Figura 02, @jairbolsonaro traz um vídeo em que dá destaque a uma fala elogiosa de Donald Trump em relação ao deputado da família Bolsonaro. No fim desse episódio, por motivos que não merecem menção para não fugir do escopo deste trabalho, o filho de Jair não assumiu o cargo na embaixada.

6 Na época, Jair Bolsonaro falou que seu filho era apropriado para embaixada em Washington ao considerar o apreço de Eduardo Bolsonaro por Trump e pelos Estados Unidos como o ponto chave à indicação, tanto que chegou a dizer “Qual é o principal papel de um embaixador? Não é ter uma boa relação com o chefe do Estado de outro país? [Eduardo] cumpre esse requisito? Cumpre. Simples assim”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/22/internacional/1563822867_797050.html. Acesso em: 22 jun. 2021.

A conta @jairbolsonaro no *Twitter* é utilizada pelo atual presidente do Brasil desde março de 2010, muito antes dele sequer cogitar oficialmente ser candidato à presidência da República. É fato que esse perfil de Jair Bolsonaro também possui mais de doze mil publicações (até o momento de realização deste trabalho) e possui mais de sete milhões de seguidores nessa rede. Também tem, logo no topo da sua conta, uma imagem com a frase que foi o slogan da sua campanha – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – sobreposta a uma bandeira do Brasil e um busto sorridente. Há ainda a predominância das cores verde e amarelo nessa imagem, compondo um tom ufanista em relação pátria. Esses dados apontados têm um teor discursivo de grande expressão e, por si, já indicam a relevância de analisar o que esse sujeito, em cargo de tamanha importância e poder, tem dito ao mundo pelo *Twitter*. Na Figura 03 há um recorte da parte superior (capa, foto do perfil e minibiografia) da conta @jairbolsonaro.

Figura 03 – Capa e mini biografia da conta oficial de Jair Bolsonaro no *Twitter*, com destaque para os números e a frase da capa.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (2021).

A partir da Figura 03, vê-se na imagem da capa de @jairbolsonaro itens significantes e que dei destaque em vermelho, são elementos que remetem a memórias discursivas específicas. Neste ponto, remeto a noção de memória discursiva, no sentido pecheutiano, utilizado por Scherer e Venturini (2017, p. 170) como sendo uma relação entre “memória e atualidade, em (dis)curso, como processo, sempre ‘se instando’ e instaurando efeitos de sentidos.”

Desse modo, na imagem se vê um homem sorridente, olhando para o horizonte, e ao fundo uma grande bandeira do Brasil que dá um tom patriótico reforçado pela frase e slogan da sua campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.” Nesse recorte já temos alguns significantes que logo de entrada remetem a memórias discursivas que merecem destaque: a presença do tom ufanista em relação à pátria na bandeira nacional no *slogan* “Brasil acima de tudo”; a referência religiosa em “Deus acima de todos”; e ainda uma referência militar com sua autodescrição como “Capitão do Exército Brasileiro” em sua minibiografia. Somente ao acessar o perfil @jairbolsonaro já nos deparamos com a tríade *pátria, religião e militarismo*.

Darei destaque, ao contexto militar em torno de Jair Bolsonaro. Na sua minibiografia, como já dito, tem-se que Jair Bolsonaro se autoidentifica como “Capitão do Exército Brasileiro”, entretanto omite que não está na ativa e sim na reserva do Exército. Esta condição lhe foi imposta pelo Superior Tribunal Militar (STM) após praticar atos de indisciplina, no ano de 1987. A situação militar de Bolsonaro, desse modo, se enquadra no artigo 3º, parágrafo primeiro, letra b, do Estatuto dos Militares (BRASIL, 1980): é um militar inativo (da reserva) e que continua recebendo remuneração da União.

Diante dessa elipse na mini biografia em @jairbolsonaro em relação a ser um militar da reserva, é pertinente fazer uma breve explanação sobre o início da carreira política de Jair Messias Bolsonaro. Conforme extraímos do texto biográfico construído com base em dados oficiais e que está disponível no portal da Fundação Getúlio Vargas (*online*). Quanto aos eventos de indisciplina militar

[...] A revista *Veja* noticiou a invasão da prefeitura de Apucarana (PR) pelo capitão Luís Fernando Valter de Almeida que, à frente de 50 homens, leu manifesto contra os baixos salários das forças armadas. A mesma reportagem apresentava um plano em que o capitão Bolsonaro, na época cursando a Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), era um dos personagens centrais. Denominado ‘Operação beco sem saída’, o plano tinha como objetivo ‘explodir bombas em várias unidades da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras [...] e em vários quartéis’. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, *online*).

Ainda conforme consta em sua biografia (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, *online*), em 1988, após julgamento do STM, Jair Bolsonaro foi posto na reserva remunerada do Exército na patente de capitão. As polêmicas de indisciplina em que esteve envolvido deram a Bolsonaro projeção política nos meios militares da época,

sendo que, ainda em 1988, iniciou suas candidaturas a cargos públicos eletivos, sendo o primeiro como vereador do Rio de Janeiro. Antes de se alçar aos cargos eletivos, o atual presidente do Brasil atuou como espécie de “representante de classe” dos interesses dos militares de patentes mais baixas (já que não há e nem é permitido legalmente haver sindicatos no contexto das Forças Armadas), chegando a praticar atos de insubordinação dentro da corporação que preza pela hierarquia e disciplina. O objetivo era obter melhorias no soldo e nas condições de trabalho dos quartéis.

Também vale mencionar a memória discursiva em torno do sintagma “Brasil acima de tudo” que é um já-dito que vem de outro lugar e se coadunou como *slogan* eleitoral e do governo. A referida frase também é a parte final da “Oração do paraquedista” da Brigada de Infantaria Pára-Quedista do Exército Brasileiro e também está explícita no portal da referida brigada.⁷

Figura 04 – Recorte do portal do Ministério da Defesa na página da Brigada de Infantaria Pára-quedista do Exército Brasileiro com a frase “Brasil, acima de tudo!”.



Fonte: Portal do Ministério da Defesa – <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br> (2021).

Essa é a mesma brigada em que Jair Bolsonaro se formou, em 1977, conforme sua biografia (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, *online*), no curso de paraquedismo militar. Esse sintagma também era o lema da “Centelha Nativista”, grupo de militares paraquedistas que, segundo Maud Chirio em seu livro *A política dos quartéis* (2012), foi

[...] uma espécie de seita ultranacionalista e fascistoide, fundada por oficiais paraquedistas [...] O slogan da Centelha, que diverte e incomoda Pessek, é a primeira referência explícita e assumida de um grupelho de oficiais radicais ao nazismo, pelo viés do nacionalismo. Os rituais, símbolos e postura corporal inventados pelo major paraquedista Valporto de Sá atestam mais genericamente uma atração pelo estilo fascista transmitido por meio de uma reminiscência do integralismo e dos rituais do Estado Novo. (CHIRIO, 2018, p. 124-124).

⁷ Página inicial do portal da Brigada de Infantaria Pára-Quedista do Exército Brasileiro. Disponível em: <http://www.cipqdt.eb.mil.br>. Acesso em: 12 jul. 2021.

Ainda conforme as datas de criação e de maior atividade desse grupo, apresentadas por Chirio (2012), o grupo ultranacionalista e de tendências fascistas denominado “Centelha Nativista” estava em plena atividade durante a formação militar de paraquedista de Jair Bolsonaro. Logo, seu discurso foi atravessado, no contexto da sua formação militar, pela(s) ideologia(s) desse grupo do qual há filiação discursiva, a ponto de adotar o lema da brigada de paraquedismo e também da “Centelha Nativista” em sua campanha eleitoral.

Assim, após essa breve incursão biográfica, começo a construir o perfil de @jairbolsonaro, canal que dá voz aquele que atualmente é presidente do Brasil. Ato contínuo, tratarei das publicações do *Twitter* desse controverso político de forma mais aprofundada ao longo do texto. Antes, faz-se necessário uma incursão pelos marcos teóricos em que me apoio para desenvolver a pesquisa.

1.3 Posições teóricas

De início, para adentrar nas filiações teóricas que norteiam esta pesquisa, faço menção aos encontros e discussões do GedUesc (Grupo de Estudos Discursivos da Universidade Estadual de Santa Cruz). Foram nessas oportunidades que vi na análise do discurso materialista um caminho para pensar a problemática do compartilhamento de discursos no digital. Nos encontros, debatemos e propomos reflexões sobre o pensamento de Michel Pêcheux na AAD69 (*Analyse automatique du discours*, tese de doutorado que foi publicada pela primeira vez em 1969), foi então que me deparei com a seguinte formulação que se tornou muito cara para este trabalho:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa. (PÊCHEUX, 2019, p. 33).

Ter contato com essa obra específica me possibilitou pensar no modo como os discursos atravessam os sujeitos de acordo com as posições que eles ocupam e conforme a relação de subordinação ou de hierarquia a qual os sujeitos de um

discurso assumem. Desse modo, as relações entre os que compõem diversos tipos de processos discursivos remetem às “relações de sentido nas quais [o discurso] é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta” (PÊCHEUX, 2019, p. 33) – um discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio com as “deformações” que se dão na situação presente.

Ademais, ler e debater a AAD69 me levou a formular algumas questões relacionadas à informática e o funcionamento dos algoritmos nas redes sociais, questões que permeiam a reflexão teórica de Pêcheux e são ponto de partida a construção de um dispositivo de análise. Ao buscar produções científicas recentes que também versam sobre essas questões, encontrei a tese de Juliana da Silveira (2015) que também reflete sobre a AAD69 e faz essa relação com o digital e as redes sociais, exemplo de pensar que

[...] As problemáticas levantadas por Pêcheux, até mesmo pelo uso que se fez de seu sistema no momento inicial de seu surgimento e, sobretudo, pelas críticas internas e externas que o projeto sofreu, permite-nos ainda hoje levantar questões sobre o uso dos instrumentos para pensar a prática científica e, mais especificamente no nosso caso, para pensar as práticas políticas existentes nos domínios da política, da mídia e dos recursos informáticos que “não pararam de se aperfeiçoar desde então”. (SILVEIRA, 2015, p. 29).

Por conseguinte, entendendo que os instrumentos tecnológicos para pensar a prática científica seguem em constante desenvolvimento, especialmente quando se pensa no campo político, essas tecnologias podem tender a um encobrimento dos discursos prévios. Tomando a noção de Pêcheux (2019, p. 33) de que "o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio", relaciono esse pensamento com o *Twitter*, cujo funcionamento algorítmico e de seus bancos de dados na nuvem digital permitem replicar indefinidamente um discurso. Essa incessante replicação pode encobrir efeitos relacionados à posição dos sujeitos no discurso e/ou tornar óbvios outros discursos por incessante repetição (“uma mentira contada mil vezes, torna-se uma verdade”).⁸

⁸ Frase que é atribuída a Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha nazista (1933-1945), que utilizava massivamente da máquina estatal alemã para promover campanhas publicitárias que disseminavam mentiras visando atribuir aos judeus e outras etnias a ideia de serem raças inferiores, comparando-os a animais (como ratos) e suas características físicas a de criminosos, com intuito político de legitimar a perseguição e genocídio dessas pessoas.

Os discursos presentes nas postagens do *Twitter* que compõem o meu *corpus* têm diferentes formas de se apresentar. Como é típico de publicações feitas nas redes sociais há *links*, vídeos, imagens, comentários, respostas, etc, de modo que formam um verdadeiro “compósito”, no sentido apresentado por Paveau (2015, *online*), que usa o termo para designar a união entre a linguagem e a técnica nos discursos nativos da *internet*. Para Paveau (2015), as análises de materiais oriundos da internet não podem ser feitas levando em conta apenas questões puramente linguísticas, mas é preciso também considerar questões “compósitas”, ou seja, tratar daquilo que não é da língua e de natureza técnica. Esse “compósito” linguístico-discursivo é entendido por Paveau (2015) como tecnodiscurso.

Nesse sentido, meus esforços se deparam com um arquivo cujas condições de produção do discurso são aquelas presentes no ambiente digital, o que remete a noção de digitalização do mundo dada por Cristiane Dias (2016, p.10-11), ao dizer que

[...] A digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho. (DIAS, 2016, p.10-11).

Dessa maneira, entendo que o digital está interligado com a nossa forma de acessar a língua e de participar do discurso e, por consequência, interpretá-lo. Segundo Cristiane Dias (2016), as formas particulares de gestos discursivos que operam no digital formam a chamada memória digital: resíduo que escapa à unidade totalizante das máquinas e se inscreve no funcionamento do digital no interdiscurso. Nesse sentido, Dias (2016, p. 12) aponta que "a memória digital não é uma reatualização técnica da memória, ou seja, uma expansão horizontal dos enunciados, mas uma atualização discursiva pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital."

Foucault (2008), em *A arqueologia do saber*, quanto às formações discursivas afirma que é uma formação essencialmente lacunar cujas regras de formação determinam as condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada, nesse sentido “uma FD não o é o texto ideal, contínuo e sem asperezas. É um espaço de dissensões múltiplas, um

conjunto de oposições cujos níveis e papéis devem ser descritos” (Foucault, 2008, p.175). Além disso, as FD que determinam sua regularidade própria relativa a processos temporais por meio de relações com acontecimentos discursivos, transformações e mutações, criando diversos laços que constituem um esquema de correspondências com variadas séries temporais. Foucault também define discurso como um conjunto de enunciados oriundos de um mesmo sistema de FD que serão delimitados pelo princípio da dispersão e repartição, sendo que a demarcação dos enunciados vai expor a maneira pela qual se organiza o nível enunciado, possibilitando individualizar uma FD. Assim, um enunciado pertence a uma FD, como uma frase pertence a um texto.

As formações discursivas também precisam ser amplamente consideradas ao se pensar nos efeitos de sentido dos discursos nas redes sociais, como o *Twitter*. Pêcheux, Henry e Haroche (2007) observam que análise científica dos processos característicos de uma FD precisa levar consideração o que liga esses os discursos com as suas condições de produção pois a

[...] posição em relação às representações de que ele é o suporte, desde que essas representações se encontrem realizadas por um 'pré-construído' linguisticamente analisável. É sem dúvida por essa questão, ligada à da sintagmatização das substituições características de uma formação discursiva, que a contribuição da teoria do discurso ao estudo das formações ideológicas (e à teoria das ideologias) pode atualmente se desenvolver mais proveitosamente. (PÊCHEUX, HENRY E HAROCHE, 2007, p.18).

O pré-construído acima mencionado se refere a um elemento constitutivo do interdiscurso de modo que uma “FD é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) e se repetem nela” (Indursky, 2013, p. 43). Esses elementos exteriores, já ditos, compõe o complexo do *interdiscurso*, conceito que tem no pré-construído um regulador dos movimentos de uma FD. As mudanças e transformações que ocorrem no interior de uma FD absorvem pré-construídos exteriores a ela própria, gerando apagamentos, redefinições, negações, esquecimentos entre os elementos que constituem a FD.

Ainda sobre o interdiscurso, Paula Aguilar *et al.* (2014) afirmam, sob o ponto de vista do materialismo histórico, que esse conceito se caracteriza por um complexo corpo de traços de uma materialidade discursiva, que é exterior e anterior à existência de um discurso ou de uma sequência discursiva. Na visão das autoras o interdiscurso está para a linguística como a ideologia está para o materialismo histórico e o

inconsciente está para a psicanálise: todos não são visíveis e nem observáveis por si, apenas por seus efeitos na dinâmica discursiva.

Paula Aguilar *et al.* (2014), ainda sobre o interdiscurso, também tratam quanto ao fato de que mesmo as mutações e transformações epistemológicas no campo do materialismo não puseram em questão a definição de interdiscurso, que continua se referindo a “toda sequência discursiva [que] é dominada por uma ou mais formações discursivas – que constituem a matriz dos sentidos aí formulados e dos objetos que nela estão embutidos – toda FD é, por sua vez, dominada pelas relações de antagonismo.” (AGUILAR *et al.*, 2014, p. 46. Tradução nossa).

É pertinente, após os apontamentos anteriores, introduzir a noção de ilusão discursiva trabalhada por Freda Indursky (2013), em que os

[...] processos discursivos assim concebidos não têm origem no sujeito, já que são determinados pela FD em que o falante se insere. No entanto, o sujeito falante tem a *ilusão discursiva* não apenas de ser a fonte do sentido (ilusão-esquecimento nº1), mas também de ter domínio daquilo que diz, de ser o mestre absoluto de seu próprio processo de enunciação, dominando as estratégias discursivas necessária para dizer o que pretende (ilusão-esquecimento nº 2). (INDURSKY, 2013, p.41. Grifos no original.).

A ilusão discursiva, desse modo, remete ao sujeito do discurso, aquele que, como lembra Althusser (1980), é interpelado em sujeito (ilusoriamente autônomo) para livremente se submeter. Para que essa interpelação ocorra é preciso entender como operam os esquecimentos nº 1 e 2,

[...] tipos de esquecimento acompanham o sujeito na produção do seu discurso e determinam a distinção entre *base linguística* (ilusão-esquecimento nº 1) e *processo discursivo* (esquecimento nº 2). O exame da base linguística torna-se, pois, uma etapa indispensável, embora insuficiente, para identificar a FD que subjaz ao processo discursivo em análise. Para atingir a FD, preciso relacionar esses dois níveis em si. (INDURSKY, 2013, p. 42. Grifos no original).

Entendo que a questão da ilusão discursiva pode ajudar a compreender o conceito das *fake News*, modalidade discursiva amplamente utilizada para disseminar discursos que funcionam por meio do engajamento de memórias discursivas que despertam sentimentos, como o ódio, e de revisionismo de fatos históricos naqueles que se identificam com os discursos apresentados como verdades nas redes sociais. Também há a promoção de desinformação e de negação da ciência, em que exemplifico com uma das temáticas mais abordadas no contexto da Pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2021, enquanto esse trabalho foi feito.

Assim, não é difícil encontrar nas redes sociais, a exemplo do *Twitter*, discursos que reivindicam o monopólio da verdade em um contexto de enfraquecimento das instituições tradicionais de mídia, como resultado da queda na audiência e/ou relevância dos noticiários de televisão e a imprensa jornalística. O compartilhamento indiscriminado de informações, sem levar em conta a veracidade dos fatos, acaba também por disseminar discursivos autoritários ou com fatos distorcidos, conspiratórios e que se alinham a desejos e ansiedades reprimidos nos sujeitos em um contexto de luta de classes. É nesse sentido que Gregolin (2020) afirma que

[...] As falsas notícias [*fake News*] encontram assim um ambiente único. Elas se constituem de textos que 'pretendem' dizer a 'verdade', que se apresentam como enunciados fiáveis, e contam com a ideologia de apagamento, de esquecimento, de negação de determinadas realidades, de ofuscamento de determinadas lutas e formas de resistência de distorção da verdade factual. Sempre houve a possibilidade de falsificação. (GREGOLIN, 2020, p. 78).

A autora também menciona que “forjar” e “falsificar” notícias e textos não é uma prática de hoje, pelo contrário, sempre foi exercida com as tecnologias disponíveis em cada época e menciona o exemplo do cinema, amplamente utilizado por regimes totalitários para recriar e romantizar acontecimentos de acordo com os interesses do Estado. Hoje, com as tecnologias digitais que possibilitam que praticamente qualquer um edite ou monte fotos, vídeos e textos, Gregolin (2020) afirma que haja a “formação de um leitor mais precavido, mais ‘desconfiado’ da autenticidade, da veracidade, da fiabilidade daquilo que lhe chega às mãos”.

Já para Adorno e Silveira (2017), o foco para compreender as *fake News* deve ser a prática de compartilhar notícias falsas e não discutir sobre a produção ou origem delas. Compartilhar e produzir não são a mesma coisa, apesar de ser uma diferenciação complicada no opaco ambiente do digital. Desse, ainda para Adorno e Silveira (2017), esse compartilhamento de sentidos no ambiente da *Internet* funciona com o “efeito-rumor”.

Dentre outros aspectos, Juliana da Silveira (2015, p. 118) aponta que os efeitos de rumor no *Twitter* são resultado de uma saturação dos discursos político-midiáticos tradicionais. Ela afirma que o modo como os discursos são produzidos e reproduzidos funcionam como “mola para a maquinaria discursiva do *Twitter*”, uma vez que o ambiente virtual se propulsiona a circulação de dizeres heterogêneos de diferentes formações discursivas. Essa heterogeneidade se propaga em forma de rumores,

efeito discursivo que faz parte da materialidade digital nessa rede social de microblogues. Silveira (2015, p. 130) ainda aponta que o rumor tem uma relação direta com a leitura do arquivo político brasileiro porque “permite aos sujeitos jogarem com a credibilidade daquilo que eles recebem como informação” de modo que

[...] Essa relação política se torna mais complexa à medida que o rumor deixa de ser uma tecnologia que se beneficia da fala, do boca a boca, do tête-à-tête e passa a incorporar aspectos informáticos que aperfeiçoam e instrumentalizam o diz que me diz. Não há, nesse sentido, ambiente digital que tenha aperfeiçoado tão eficientemente como o *Twitter* a arte de rumorejar. (SILVEIRA, 2015, p. 136).

O tema dos rumores é bem abordado por Juliana da Silveira (2015), em sua tese de doutoramento, sendo a visão teórica a qual me filio ao longo das minhas análises. Apesar das *fake News* serem temática em bastante evidência e notável relevância na atualidade, optei por focar na noção de rumor neste trabalho por pensar que se adequa melhor ao que é produzido na materialidade do *Twitter*, em especial no perfil presidencial @jairbolsonaro. Desse modo, mais à frente tratarei mais detidamente sobre a questão dos rumores.

Desse modo, considero as noções algorítmicas postas desde os primórdios da AD materialista, com Pêcheux em sua AAD69, levando em consideração os pré-discursos que permeiam o interdiscurso, bem como as formações discursivas as quais os sujeitos estão inscritos, para analisar o funcionamento discursivo na materialidade digital das redes sociais, considerando a problemática em torno das *fake News* e dos efeitos de rumor que permeiam os discursos no *Twitter*. A seguir, traçarei meu caminho para ir da teoria a uma prática analítica dos discursos de Jair Bolsonaro no *Twitter*

1.4 Das posições teóricas a uma prática analítica

As proposições teóricas mencionadas direcionam a instauração dos procedimentos metodológicos para condução da análise do *corpus* selecionado para este trabalho. Neste ponto estabeleço o duplo questionamento entre o problema a ser analisado e metodologia adequada para análise dos discursos de Jair Messias Bolsonaro na posição de presidente do Brasil. Assim, retomo o inspirador trabalho de

Freda Indursky (2013) quando ela propõe um caminho da teoria à prática observando que, em AD, não há um modelo, uma equação ou fórmula que seja usado em qualquer discurso. Em suas palavras a autora diz que

[...] Tal propósito conduz uma vez mais à teorização, pois, em análise do discurso (AD), não existe um modelo que se aplique automática e indiferenciadamente a todo e qualquer discurso. Vale dizer que a definição de metodologia a ser utilizada na análise de um discurso específico implica mais uma vez a análise. (INDURSKY, 2013, p. 59).

Nesse sentido, ainda conforme Indursky (2013), estabeleço o campo discursivo de referência que se enquadra cronologicamente na assunção ao cargo de presidente de Jair Bolsonaro, a partir de janeiro de 2019. Portanto, o meu campo teórico de referência possui um único domínio discursivo que é extraído das postagens de @jairbolsonaro no *Twitter*. As “coletas” feitas nessa fonte material me levaram a identificar, no *corpus* empírico, as sequências discursivas que compõe o *corpus* discursivo que formam o objeto de análise.

Delimitar as sequências discursivas não esgota a construção do *corpus* analítico, é preciso organizá-las por meio dos recortes discursivos, noção formulada por Orlandi (1984) para distinguir o gesto do analista do discurso. Ao recortar uma a sequência discursiva, o analista do discurso destaca uma porção de “linguagem-e-situação”. Dessa forma, os recortes discursivos que faço são extraídos do domínio discursivo que compõe o *corpus* do trabalho para formar sequências discursivas específicas.

2 O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO NO DIGITAL

Welcome to the internet! What would you prefer?
 Would you like to fight for civil rights or tweet a racial slur?
 Be happy! Be horny! Be bursting with rage!
 We've got a million different ways to engage

“Welcome to the Internet”, *Inside (The Songs)*, Bo Burnham.

2.1 Uma breve historiografia do digital no Brasil: a *internet* e as redes sociais

Entendo ser pertinente traçar uma breve historiografia do digital, em específico da *internet*, e das redes sociais em terras tupiniquins, a título de entender como essa materialidade passou de uma ferramenta estritamente acadêmica no país para uma necessidade quase comparável aos serviços de água e energia.

O acesso à *internet* para as residências brasileiras, um início deveras restrito, mas que com o passar dos anos e a conseqüente viabilidade econômica pois com o aumento da demanda houve uma ampliação (os preços aos poucos foram sendo barateados) e conseqüente melhoria na infraestrutura da banda larga nacional. Aos poucos o acesso à *internet* (e ao digital) passou abranger mais e mais cidadãos, sujeitos que começavam a descobrir as possibilidades de interação que a web lhes permitia. A geração que, desde muito jovem, começou a ter contato com a *internet*, seja em casa, seja nas quase extintas *lan houses* ou nas casas de amigos ou parentes, representou uma virada cultural cada vez mais significativa.

As novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível. Com apenas um clique, qualquer pessoa pode acessar uma informação específica e manter contato com pessoas que estão distantes. Os jovens nascidos após 1995 são "nativos" da cibercultura, inseridos num modelo de comunicação com equipamentos que operam por meio da convergência de mídias. (VERMELHO *et al.*, 2014, *online*).

Desse modo, no começo da primeira década do século XXI, os ambientes digitais eram compostos por interfaces simples, majoritariamente de texto escrito e que suportavam no máximo imagens em baixa resolução, *gifs*, *smileys*, *emoctions*, *emojis*, formas de expressão que começaram a se tornar parte das interlocuções e a representar emoções e ideias dos sujeitos; novas formas de significar nos textos.

Dadas essas condições materiais de produção discursiva na *internet* dessa época, os *chats* virtuais, *blogs* e canais de mensagem instantânea tiveram sucesso dentre os usuários das redes.

Em seu trabalho, Dias (2004), utiliza constantemente o termo virtual para se referir à *internet*, às nuances tecnológicas e ao *cyberespaço*, ou seja, ela utiliza o virtual de uma forma que também remete ao modo como me refiro, ao longo deste trabalho, ao digital. Nesse sentido, observo como ela vai buscar no pensamento deleuziano as noções conceituais para compreender o virtual ao dizer que

[...] O virtual é, para Deleuze, um real sem ser atual, já que *o virtual possui plena realidade enquanto virtual*. Essa realidade *consiste nos elementos e relações diferenciais*, a saber, a estrutura. Segundo Deleuze, a diferenciação exprime a atualização do virtual e a constituição das soluções. *Atualizar-se é diferenciar-se*. A atualização, por sua vez, enquanto processo do virtual, está na ordem da criação. Ao passo que o processo do possível é a realização, que está na ordem da seleção. O possível realizado representaria, para Deleuze, a repetição do mesmo, pois uma vez realizado o possível, este é *concebido*. (DIAS, 2004, p. 75).

Dias (2004) também observa que, à época em que desenvolveu sua pesquisa, ainda não se sabia mensurar os efeitos que o virtual produziria nos sujeitos. Afinal, se levarmos em consideração a história humana, pelo menos dos últimos quatro mil anos para cá, o digital/virtual como conhecemos hoje, com a evolução dos transistores e da nanotecnologia presentes em máquinas que estão disponíveis em praticamente todos os ambientes sociais, representa apenas uma pequena fração de toda existência humana. Portanto, considero que essas interferências tecnológicas são parte de um espectro demasiado recente e ainda estamos aprendendo a lidar com todas as suas nuances conforme se dão os efeitos de sentido e possibilidades algorítmicas que com frequência se modificam e se aprimoram com a experiência dos usuários e dos desenvolvedores dessas tecnologias.

A dinâmica das redes sociais acompanha as leis de oferta e demanda típicas do capitalismo uma vez que são programadas e administradas empresarialmente por *start ups* e/ou grupos econômicos de capital especulativo do ramo da tecnologia, sempre visando obter e gerar lucros com a atenção dos seus usuários e lucrar com seus produtos (em especial com publicidade *ad sense*, com os joguinhos online vinculados às redes sociais, com o acesso a contas pagas com privilégios *premium* etc.). Dessa forma, quando uma plataforma da web deixa de ser economicamente interessante, ela é descontinuada, como aconteceram com inúmeras plataformas que

tiveram sucesso no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 que há anos já não estão mais *online*.

As redes sociais são atravessadas por uma das características mais tradicionais do capitalismo: a concorrência. Diversas redes sociais começaram a se popularizar, por volta no final da primeira década dos anos 2000 (entre 2008 e 2009), entre as quais destaco a chegada do *Twitter*, do *Facebook* e das redes que hoje são parte do conglomerado *Facebook, Inc.* – como *Instagram* e *WhatsApp*. No decorrer da década de 2010 essas redes sociais entraram de vez no hábito dos brasileiros e continuam sendo meios de comunicação, entretenimento, difusão de informação, meio de renda e de labor de muitas pessoas.

Outro fator relevante para a difusão dessas redes, e que precisa ser levado em consideração, é que a década de 2010 marca o momento em que os *smartphones* se tornaram produtos de consumo básico dos brasileiros, análogo ao que ocorreu em outros tempos com o rádio e a televisão.⁹ Chegamos hoje, no Brasil, em um ponto que o digital é parte inseparável da vida em sociedade, da comunicação e da expressão da subjetividade dos sujeitos; “[...] com um *smartphone* à mão, todo tipo de comunicação é quase instantânea, mensagens podem ser encaminhadas a qualquer momento, por/para qualquer pessoa.” (VERMELHO *et al.*, 2014, online).

2.2 O digital: apontamentos discursivos sobre o *Twitter*

Em artigo publicado em 2019, Marcela Tessarolo faz uma análise da obra *The Culture of Connectivity* (ainda sem tradução para o português), escrita pela pesquisadora holandesa José Van Dijck, esta que se dedica a estudar mídias e sociedades digitais. Nesse sentido, a partir do trabalho de Dijck, a publicação de Tessarolo (2019) expõe que o *Twitter* foi criado em março de 2006 e, segundo seu chefe executivo à época, Joe Hagan, seria “uma plataforma de mídia social que se converteria em um ‘Facebook com adrenalina, cheio de amigos se comunicando entre si em mensagens curtas’.” (TESSAROLO, 2019, p. 3).

9 Em 2019, no Brasil havia mais de 230 milhões de *smartphones* em funcionamento, número maior do que o da população do país. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/04/26/brasil-tem-230-mi-de-smartphones-em-uso.htm>. Acesso em: 07 jun. 2021.

A empresa *Twitter Social network company* nasceu para administrar uma plataforma que funcionaria como uma “câmara de eco de conversas aleatórias”, um local de opiniões de massa, a ponto do cofundador e executivo do *Twitter*, Jack Dorsey, presumir, ainda em 2009, que o *Twitter* seria uma plataforma neutra e invisibilizada, “como os canos de água, que transportam tuítes.” (TESSAROLO 2019, p. 4). Entretanto, é importante observar que

[...] o *Twitter* não é uma plataforma neutra, mas sim gerencia os fluxos de dados e promove determinados usos e usuários, com objetivo de gerar lucro. Assim, alguns usuários têm mais visibilidade que outros. Algoritmos selecionam e dão mais visibilidade a determinados conteúdos, de acordo com variáveis. (TESSAROLO 2019, p. 4).

Tanto não é uma plataforma neutra que, em abril de 2019, o mesmo executivo do *Twitter*, Jack Dorsey, teve uma reunião oficial na Casa Branca com o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para debater sobre a preocupação do então chefe de Estado norte americano com o fato do *Twitter* estar limitando e removendo seguidores da sua conta oficial (@realDonaldTrump) e os efeitos que as interferências na rede social poderiam causar nas eleições presidenciais americanas de 2020.¹⁰ Ato contínuo, já em janeiro de 2021, após questionar (sem fundamentos ou provas) os resultados das eleições e incitar protestos antidemocráticos violentos por meio da sua conta na rede social, a plataforma suspendeu permanentemente a conta Trump.

Assim, os discursos dos desenvolvedores de que a rede social é neutra entra em contradição com a prática operacional dessas plataformas. Os grupos empresariais que operam redes sociais, como Google, Facebook e *Twitter*, discursam no sentido de serem empresas de tecnologia “em clara resistência a ser caracterizadas como empresas de mídia, o que traz implicações regulatórias e legais” (TERASSOLO, 2014, p. 4). Ou seja, as condições de produção discursiva dos sujeitos por trás dessas empresas impõe manter o argumento de que essas plataformas digitais são meras ferramentas “neutras”, em outras palavras, a aparência de que as desenvolvedoras de redes sociais são apenas empresas de tecnologia que desenvolvem *softwares*.

10 O jornal *The Washington Post* publicou matéria detalhando os interesses e a repercussão do encontro do então presidente republicano, Donald Trump, com o executivo do *Twitter*, Jack Dorsey, em abril de 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2019/04/23/trump-meets-with-Twitter-ceo-jack-dorsey-white-house/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

Essa estratégia discursiva, segundo o trabalho de Terassolo (2014), dá margens financeiras e legais favoráveis para essas companhias do que se elas forem caracterizadas como empresas de mídia – o que lhes traria outras responsabilidades fiscais (taxas e impostos) e legais (mudanças na questão da responsabilidade jurídica e na sua relação com os usuários).

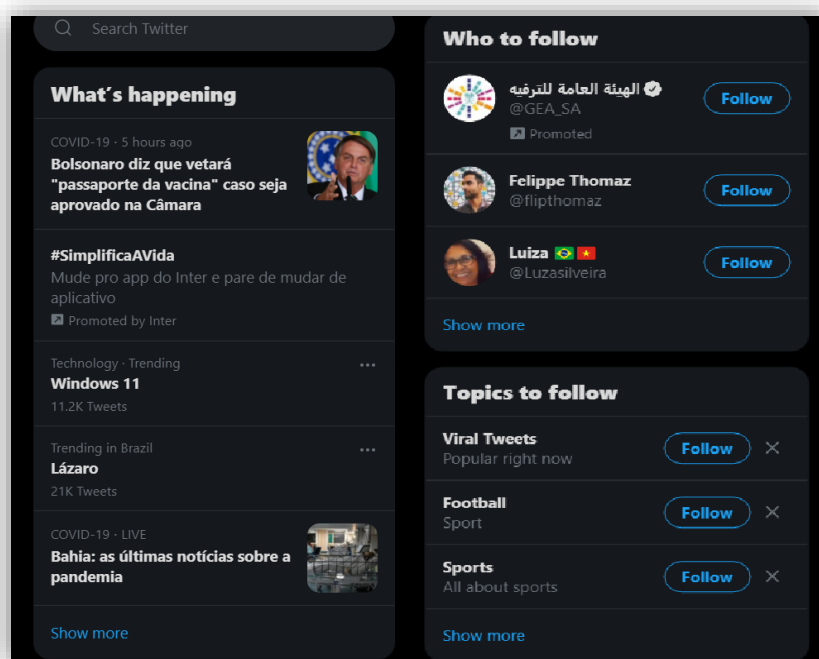
Outra questão que merece destaque é a que aparece na tese de Juliana da Silveira (2015) quanto ao fato de que o “[...] *Twitter* passou por diversas transformações visuais e técnicas, modificando suas formas de uso e suas funcionalidades” (SILVEIRA, 2015, p. 51), o que afeta diretamente as condições de produção dos discursos nessa materialidade do digital. Dessa forma, as transformações nessa rede social estão sempre em curso uma vez que os programadores e analistas de dados se mantêm atentos às tendências de mercado para que a plataforma continue atraente e lucrativa para usuários e investidores, o que contribui para opacidade do interdiscurso pois os “já-ditos”, os ditos em outro lugar, estão relacionados diretamente aos algoritmos de funcionamento da plataforma.

Uma dessas mudanças foi no final de 2017, época em que a empresa dobrou o limite de caracteres e cada postagem passou a ter o limite de 280, enquanto na época da tese de Silveira, em 2015, a rede só permitia o máximo de 140 letras ou símbolos. Em pronunciamento oficial, a empresa se manifestou com o argumento de que, após alguns meses de testes, entendeu que esse aumento diminuiria a preocupação das pessoas com limite de caracteres de modo que os usuários “[...] passam menos tempo editando seus textos, têm mais facilidade para dizer o que querem e podem enviar Tweets mais rápido do que antes”.¹¹

Outro fator que precisa ser levado em consideração é o modo como os *softwares* do *Twitter* e de outras plataformas digitais decidem para quem um determinado conteúdo se dirige ou para quais grupos de usuários alvo um determinado discurso será entregue. No *Twitter*, nas laterais da “linha do tempo” (*timeline*) localizam-se esses conteúdos e sugestões de perfil selecionados pela plataforma para atrair o interesse dos usuários.

11 A notícia do aumento do limite de caracteres nas postagens do *Twitter* e o pronunciamento oficial da empresa foram divulgados no portal *G1* na época em que a mudança aconteceu, conforme matéria do dia 07 de novembro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/Twitter-aumenta-limite-para-280-caracteres.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Figura 05 – Exemplo de lateral da linha do tempo do *Twitter*. É possível ver sugestões de tópicos por assunto que seguem um fio (*threads*) e sugestões de perfis para o usuário seguir.



Fonte: *Twitter*.

Essas operações algorítmicas são bastante complexas e obscuras para os usuários em geral, afinal o funcionamento dessas técnicas de programação digital que compõem os *softwares* das redes sociais (não só do *Twitter*) não são inteligíveis para leigos, além de sequer serem informações públicas.

Nesse sentido, as condições de produção discursiva dessas plataformas digitais, atravessadas e moldadas por algoritmos em linguagem de programação, ainda são enquadradas como propriedade intelectual patenteável e que têm garantidos o sigilo e a proteção legal do Direito, tanto no âmbito nacional como internacional, o que aumenta ainda mais a opacidade das condições técnicas que compõe os modos de operação dessas redes.¹²

12 Os *softwares* (programas de computador) são patenteáveis conforme previsão do “Acordo sobre os Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual” da Organização Mundial do Comércio (OMC) que foi promulgada, em abril de 1994, na Rodada Uruguaia de Negociações Comerciais Multilaterais do GATT. Esse documento dispõe, no artigo 27, que “qualquer invenção, de produto ou de processo, em todos os setores tecnológicos, será patenteável, desde que seja nova” (destaque nosso). O Brasil, por sua vez, é signatário desse acordo internacional (aprovado em território nacional por meio do Decreto nº 1.355, de 30 de dezembro de 1994), além de também dispor sobre propriedade intelectual de programas de computador e sua comercialização na Lei nº 9.609, de fevereiro de 1998.

Esses pontos nebulosos se devem ao potencial da plataforma “escolher” o que o usuário vê é uma demonstração do potencial de influenciar e/ou direcionar quais discursos tomarão maiores proporções. No trabalho de Silveira (2015) é possível compreender a dinâmica de funcionamento dos perfis dos usuários, fator que permanece praticamente inalterado desde 2015, nas palavras da autora:

A dinâmica de trocas do *Twitter* está baseada na ideia de que um perfil deve ‘seguir’ e ser ‘seguido’ por outros perfis, não sendo obrigatória a reciprocidade, como acontece no Facebook, ou seja, um perfil pode seguir outro e ver suas publicações, independentemente do fato de seguir ou ser amigo desse perfil. A menos que o perfil do *Twitter* seja totalmente bloqueado, o que raramente acontece, um perfil não é obrigado a seguir todos os perfis que o seguem e vice-versa. Nesse caso, há perfis que tem mais de mil seguidores e seguem apenas cem e outros que seguem mil perfis e tem apenas 10 seguidores. (SILVEIRA, 2015, p. 52).

Assim, um perfil público como @jairbolsonaro que possui mais de sete milhões de seguidores e, em contrapartida, segue menos de seiscentas pessoas (conforme é possível ver na Figura 02).¹³ Outro fator a ser considerado quanto ao tecnodiscurso do *Twitter* é a estrutura de linha do tempo – *timeline* – que está localizada no meio da página e é o local onde ficam as publicações do usuário e os tuítes dos perfis que o usuário segue.

A linha do tempo só mostrará os tuítes dos perfis que são seguidos pelo usuário, de modo que, se um determinado usuário segue apenas perfis de jogadores de futebol ou apenas perfis de políticos de um determinado partido, sua linha do tempo terá apenas postagens realizadas por esses perfis. Esse aspecto da *timeline* é diametralmente diferente dos conteúdos que aparecem nas laterais da página, que apresentam sugestões e temas escolhidos pelo próprio *Twitter* baseado nos temas populares ou no perfil de comportamento do usuário na rede.

É nesse ambiente onde os rumores se desenvolvem, afinal o usuário pode ver uma postagem de @jairbolsonaro divulgando, por exemplo, dados sobre vacinação e em seguida já se deparar com outros tuítes de perfis diversos que ele também segue compartilhando outros dados concordando ou negando as informações apresentadas pelo perfil presidencial.

¹³ Número de seguidores oscila rapidamente. Em fevereiro de 2022, @jairbolsonaro contava com mais de 7,3 milhões de seguidores.

2.3 Rumores, balbucios e gorjeios

Ao analisar os discursos de um grande volume de postagens no *Twitter* é esperado que haja uma enormidade de não-ditos (elipses) e discursos ditos em outro lugar (interdiscurso) que geram uma sensação de que de há algo que falta. Além disso, há ainda o fator da opacidade dos algoritmos de funcionamento da plataforma. Mas nem por isso os sujeitos deixam de compartilhar, responder e comentar os tuítes que veem em suas linhas do tempo, pelo contrário, há casos em que essa opacidade e é um fator de amplificação de compartilhamentos e comentários. As *timelines* do *Twitter*, afinal, são um ambiente fértil para a disseminação de boatos, de rumores.

Roland Barthes (2004) tratou desse efeito dos rumores muito antes de que se falasse em internet ou em redes sociais, porém conceituou o tema com metáforas que se encaixam muito bem com a proposta deste trabalho. Barthes (2004), por sua vez, compara o rumor ao barulho de um motor em pleno funcionamento e ainda afirma que

O rumor é o barulho daquilo que está funcionando bem. Segue-se o paradoxo: o rumor denota um barulho limite, um barulho impossível, o barulho daquilo que, funcionando com perfeição, não tem barulho; rumorejar é fazer ouvir a própria evaporação do barulho: o tênue, o camuflado, o fremente são recebidos como sinais de uma anulação sonora. (BARTHES, 2004, p. 94).

No *Twitter*, esse barulho ao qual Barthes se refere é uma metáfora para o funcionamento dos mecanismos de compartilhamento e resposta, fatores que fazem parte do projeto de criação da própria plataforma. A própria palavra *Twitter* pode ser traduzida do Inglês como “gorjeio” ou “chilreio”, que se referem aos sons emitidos por pássaros, o que se liga com o ícone símbolo da rede que é um pássaro azul.

Não é à toa que o termo tuíte (*tweet*) faz referência ao som de um pássaro. Larry, o pássaro símbolo do *Twitter*, remete diretamente para essa característica de lugar que reúne uma infinidade de piados e balbucios, nem sempre identificáveis e nem sempre compreensíveis, mas que indicam sempre que ele vem de uma multidão. (SILVEIRA, 2015, p. 131).

Os “piados” que são as postagens dos usuários se misturam e se multiplicam na rede. As postagens do *Twitter* podem ser apagadas, deletadas das *timelines* pelo usuário, diferentemente da palavra falada que, conforme afirma Barthes “é irresistível, tal é a sua fatalidade. Não se pode retomar o que foi dito, *a não ser que se aumente*: corrigir é, nesse caso, estranhamente, acrescentar.” (BARTHES, 2004, p. 93). Entretanto, em casos de perfil muito grandes e/ou de figuras públicas, como

@jairbolsonaro, mesmo que um tuíte seja apagado é possível que já tenha sido feita capturas de tela daquela postagem ou por *softwares* que constantemente estão salvando publicações de perfis de grande relevância

Desse modo, há casos em que tuítes antigos e já deletados voltam à tona e o sujeito responsável por publicá-lo acabará eventualmente tendo que dar explicações, assim como acontece com a fala, de modo que, conforme Barthes (2004, p. 93), não será possível “usar borracha, apagar, anular” o que acontecerá é que o sujeito vai ter que “falar mais”. Barthes denomina esse “falar mais” para retificar algo que já foi dito como balbucio que:

[...] é uma mensagem duas vezes malograda: uma parte, compreende-se mal; mas, por outra, com esforço, chega-se a compreender apesar de tudo; não está verdadeiramente nem na língua nem fora dela: é um ruído de linguagem comparável à sequência de barulhos pelos quais um motor dá a entender que está mal regulado. *O balbucio (do motor ou do sujeito) é, em suma, um medo: tenho medo de que a marcha venha a parar.* (BARTHES, 2004, p. 93. Grifos do original).

É muito comum observar os sujeitos balbuciando nas redes sociais quando tem postagens antigas recuperadas. Cito aqui o caso do diretor e roteirista James Gunn, em 2018, quando ele trabalhava para os estúdios *Disney*, que foi abordado em artigo de Brito *et al* (2019). Em meados daquele ano, Gunn tuitou críticas diretas ao então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Em seguida, os correligionários do ex-chefe de Estado norte-americano ficaram irritados e recuperaram postagens feitas por James Gunn, entre os anos de 2008 e 2012, que já tinham sido apagadas do *Twitter*.

Nessas postagens antigas havia discursos discriminatórios e até criminosos que não tinham reverberado quando foram feitos nos anos anteriores. Entretanto, após a exposição dos tuítes antigos, já em 2018, o roteirista foi sumariamente demitido dos estúdios *Disney*, por mais que Gunn tenha “balbuciado” em notas e em entrevistas tentando se justificar ou amenizar os acontecimentos. Os estúdios *Disney*, à época, ainda emitiram o seguinte pronunciamento: “As ofensivas e comentários descobertos no *Twitter* de James são indefensáveis e inconsistentes com os valores do nosso estúdio, por isso encerramos nossos negócios com ele.” (Brito *et al*, 2019, p. 204). Interessante ressaltar que, mesmo depois disso tudo, os estúdios *Disney* voltaram atrás e recontrataram o diretor, em meados de 2019.

Dando continuidade aos elementos tecnodiscursivos, outro elemento a ser considerado no funcionamento dos rumores são as *hashtags*, especialmente quando se tratam de discursos estritamente políticos, como os que analiso no presente trabalho. Em sua tese, Silveira (2015, p. 130) afirma que “[...] enquanto um elemento tecnodiscursivo, a *hashtag* política, ao mesmo tempo em que permite a ampla circulação dos rumores políticos, produz espaços de resistência ao discurso político-midiático.” Os rumores agora são tecnologizados em pequenos textos de tuítes que se propagam na velocidade que as conexões via fibra ótica permitem. Entra em cena a teoria de “virais” que Silveira (2015, p. 132) chama atenção “para a capacidade dessa pequena fala em se autopropagar como um vírus.”

O potencial de propagar os rumores torna fértil e fluida a viralização de discursos políticos nos mecanismos algorítmicos do *Twitter*, por mais rasos e sem fundamento que sejam, de modo que

[...] é possível dizer que a capacidade de rumor do *Twitter* está na possibilidade que os sujeitos ordinários têm de colocar em relação, por meio da mediação de versões ‘não autorizadas’ em uma mesma *timeline*, as versões sistematicamente silenciadas de um e de outro lado do discurso político-midiático (partidos e empresas de ‘esquerda’ e de ‘direita’, ‘liberais’, ‘comunistas’, ‘progressistas’, empresa de mídia x e empresa de mídia y, etc.), que são confrontadas nesse espaço com a sua revelação. (SILVEIRA, 2015, p. 132).

Assim, minhas análises em @jairbolsonaro caminham no “lamaçal” de rumores, balbucios e gorjeios que constituem sua *timeline*, que não teriam o mesmo destaque e continuariam silenciados no centro dos debates e discursos do *establishment* político brasileiro. Entretanto, a democracia liberal e o sistema eleitoral adotados pelo Estado brasileiro, que inclusive são atacados pelo discurso bolsonarista, possibilitaram a eleição para o cargo de presidente da República alguém que já falou que a ditadura militar deveria ter matado “uns trinta mil”.^{14 15}

14 Após queda da sua popularidade em pesquisas eleitorais, Bolsonaro adotou a postura de “atacar, sem apresentar evidências, a legitimidade das urnas eletrônicas —o mesmo sistema eleitoral que o elegeu presidente e a outros cargos eletivos ao longo de sua carreira política— faz parte de sua campanha mais recente para não entregar o poder no ano que vem caso seja derrotado”. Disponível em: <http://encurtador.com.br/nprGJ>. Acesso em: 25 jul. 2021.

15 Em 1999, Jair Bolsonaro, então deputado federal falou em rede nacional que “Só vai mudar infelizmente quando partirmos para uma guerra civil, fazendo um trabalho que o regime militar não fez. Matando uns 30 mil.”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bclT1>. Acesso em: 25 jul. 2021.

2.4 Sobre arquivo, *corpus* e sua composição

Um dos pontos de partida teóricos foram as noções de *arquivo* enquanto objeto de pesquisa, e de *corpus*, enquanto materialidade de análise. Assim, entendo que não posso “[...] considerar a passagem do arquivo ao *corpus* como um simples movimento, visto que a constituição tanto do arquivo de pesquisa quanto do *corpus* de análise, colocam em jogo gestos de interpretação.” (SCHNEIDERS, 2014, p. 100). De outro modo, os recortes realizados para a constituição do meu dispositivo analítico já são resultado de gestos de interpretação.

Portanto, foi preciso realizar um levantamento dos tuítes da conta @jairbolsonaro a partir do momento em Jair Bolsonaro assume o posto de presidente da República, em 01 de janeiro de 2019. Este dia foi emblemático, é o dia em que finda o mandato de quatro anos do presidente anterior, que era Michel Temer (vice de Dilma Rousseff que assumiu o cargo após o golpe de 2016), e é passado para o novo presidente eleito, no caso Jair Bolsonaro.

O primeiro dia de 2019, definido para iniciar a coleta dos dados para esta pesquisa, é deveras simbólico porque é no primeiro dia de janeiro do ano posterior a eleição para o cargo de Chefe do Poder Executivo que ocorre a chamada “posse presidencial”, nome dado ao conjunto de cerimônias que oficializam a posse do presidente.

No Brasil, os compromissos e solenidades deste dia estão determinados pelo Decreto nº 70.274, de 9 de março de 1972, assinada pelo general Emílio G. Médici, terceiro presidente do período da ditadura militar. Dentre as solenidades, há uma que merece destaque, sendo estabelecida no artigo 37 e seguintes do decreto nº 70.274, chamada de “Compromisso Constitucional” em que

[...] O Presidente da República eleito, tendo a sua esquerda o Vice-presidente e, na frente, o Chefe do Gabinete Militar e o Chefe do Gabinete Civil, dirigir-se-á em carro do Estado, ao Palácio do Congresso Nacional, a fim de prestar o compromisso constitucional. (BRASIL, 1972, *online*).

Esse compromisso que Jair Bolsonaro encenou é uma representação simbólica da aderência às regras do jogo constitucional em relação à Presidência da República respeitar o Poder Legislativo e os ditames constitucionais do Estado brasileiro. Porém, é uma simbologia que foi determinada por decreto em período de ditadura militar do Brasil (em 1972), tanto que conta com a presença do “Chefe do

Gabinete Militar e o Chefe do Gabinete Civil”, simbolizando a união entre Forças Armadas e Poder Executivo. Assim, em 01 de janeiro de 2019, foi solenemente cumprida essa simbologia por um presidente democraticamente eleito que é capitão da reserva cuja discursividade é alinhada ao militarismo, o mesmo que abertamente se mostra favorável e saudosista aos anos de chumbo e que adota discursos não democráticos. Um enredo que remete aos generais que assumiram o mesmo cargo outrora, porém sem que houvesse eleições diretas para a Presidência da República.

Já o momento que estabeleci para findar a coleta de postagens e então dar início aos recortes para as posteriores análises, o último tuíte selecionado foi do dia 26 de maio de 2021. Diferentemente do dia que estabeleci para iniciar a coleta, ressalto que essa data final foi por questões práticas, não há nenhum motivo especial nessa data específica para além da necessidade de apontar um marco temporal final para a coleta de dados. Em outras palavras, foram as condições materiais de produção dadas à pesquisa que me levaram a arbitrar o dia 26 de maio como fim da coleta de tuítes da conta @jairbolsonaro.

Para prosseguir com os recortes, com efeito, levei em consideração a materialidade digital e o compósito tecnodiscursivo, conforme Paveau (2015) para moldar meu trabalho em torno do funcionamento do *Twitter* com um *corpus* digital que me permitiu analisar, conforme as palavras de Cristiane Dias (2016, p. 9), “processos de resignificação do funcionamento das instituições e dos discursos”.

Por conseguinte, tratando da técnica utilizada para obter, compilar e organizar os tuítes que compõe o meu material de pesquisa assevero que precisei utilizar de ferramentas específicas disponibilizadas pelo próprio *Twitter*, a chamada Interface de Programação de Aplicações ou API (sigla para *Application Programming Interface*) da rede de microblogues. Segundo a própria empresa,

[...] A API do *Twitter* pode ser usada para recuperar e analisar dados do *Twitter* de forma programática, bem como para obter conversas no *Twitter*. Ao longo dos anos, a API do *Twitter* cresceu adicionando níveis adicionais de acesso para desenvolvedores e pesquisadores acadêmicos terem como dimensionar seu acesso para aprimorar e pesquisar as conversas públicas. (TWITTER, 2022, online, tradução nossa).

Entretanto, foi um caminho árduo para um leigo nas linguagens de programação, some-se a isso o fato de que as condições materiais para a obtenção de dados para pesquisas acadêmicas e científicas nos grandes conglomerados de redes sociais (como *Twitter*, Facebook, LinkedIn, Google etc.) sofreram reveses

depois de escândalos em relação ao acesso e venda de dados privados das contas de seus usuários.

Me refiro especificamente ao caso *Cambridge Analytica* cuja coleta e utilização indevida de dados de 87 milhões de usuários na rede *Facebook* interferiu diretamente na campanha eleitoral dos Estados Unidos, em 2016, e despertou debates no Congresso norte-americano e outros países, como o Brasil, além de também levantar conflitos de ordem judicial envolvendo direito à privacidade.¹⁶

Sobre essa dificuldade que se seguiu ao vazamento de dados, Marcelo Marcelino do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD) afirma que

[...] A pesquisa com dados de mídias sociais sempre teve o *Twitter* como um forte aliado. Enquanto plataformas como Facebook e Instagram dificultavam cada vez mais o acesso aos dados devido aos escândalos e problemas sérios de privacidade, o passarinho azul manteve suas portas minimamente abertas para pesquisadores interessados em explorar fenômenos sociais (em suas imbricações online-offline) através de suas APIs. (MARCELINO, 2021, *online*).

Assim, mesmo com essas dificuldades, prossegui na minha coleta de dados. Para isso foi necessário primeiramente solicitar permissão junto à rede social e aguardar uma chave criptografada.¹⁷ Em seguida, os dados podem ser obtidos por meio de solicitações feitas por códigos de programação no Ubuntu, um sistema operacional com base no kernel Linux que é desenvolvido pela empresa *Canonical Ltd.* e distribuído de forma *open source* (gratuita e aberta para estudantes e desenvolvedores interessados).

Por meio desse sistema operacional é possível operar códigos de comando que se comunicam com a API do *Twitter* e dela obtém os dados solicitados. Entretanto, para essas operações é preciso utilizar linguagem de programação de *softwares* o

16 Em apertada síntese extraída do portal de notícias G1, tem-se que a “*Cambridge Analytica*, assessoria britânica que trabalhou para a campanha eleitoral do presidente americano, Donald Trump, se declarou culpada nesta quarta-feira (9) por ter se negado a revelar dados pessoais que tinha extraído do Facebook. A empresa foi condenada por um tribunal de Londres a multa de 15 mil libras (US\$ 19,1 mil ou 16,7 mil euros) e terá ainda de pagar os custos do processo, no valor de 6 mil libras”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2021.

17 A criptografia é um recurso amplamente utilizado com o intuito de evitar invasões de pessoas mal-intencionadas às mensagens e aos arquivos salvos em diferentes formatos, especialmente no caso da API do *Twitter* que lida com dados pessoais dos seus usuários. Em linhas gerais a criptografia consiste em enviar mensagens em forma cifrada ou codificada para que apenas seu emissor e seu receptor sejam capazes de ter acesso ao conteúdo do material criptografado. Esse é um dos principais mecanismos de segurança digital usados para proteger dados e informações confidenciais das ameaças relacionadas ao uso da Internet.

que me fez buscar aprender noções básicas de programação, em específico da linguagem Python, para conseguir gerar comandos para a API do *Twitter* e obter os dados solicitados.

Também utilizei bancos de dados de instituições que estão constantemente extraíndo e arquivando em servidores na nuvem os tuítes e publicações da conta presidencial @jairbolsonaro. A plataforma de dados que utilizei de forma mais ampla foi projeto feito pela agência de notícias Aos Fatos (2021). Esta agência é jornalística que “por meio de ferramentas inerentes ao jornalismo investigativo, é especializada em monitoramento e investigação de campanhas de desinformação na internet e checagem de fatos” (AOS FATOS, 2022, *online*).

Uma das metodologias utilizadas pela Aos Fatos é a composição de base de dados de postagens de personalidades públicas, sendo que uma dessas bases é chamada “Todas as declarações de Bolsonaro” que “agrega todas as declarações de Bolsonaro feitas a partir do dia de sua posse como presidente.” (AOS FATOS, 2021, *online*).

Dentro do lapso temporal que estipulei, compus uma planilha que pode ser executada no programa *Microsoft Excel* (em formato .csv) com 10.502 linhas de conteúdo referentes aos tuítes, retuítes e repostas da conta presidencial, com suas datas e endereços de *links* para acesso no *Twitter*.

Foi um volume deveras significativo de material que, de todo modo, tornou prática a procurar por textos específicos e as datas em que foram postadas, ao encontrá-los, bastava copiar e colar o link na barra de endereços do navegador da Internet e já era direcionado para a página do *Twitter* com a postagem desejada.

Em seguida, nas páginas das publicações, fiz capturas de tela em que recortei os tuítes de demais figuras que compõem as análises já que dessa forma se mantinha a formatação original das postagens que selecionei.

Foi necessária uma detida e paciente leitura desse grande volume de tuítes para poder organizá-los e, em seguida, encontrar e/ou me deparar com repetições e traços que fossem pertinentes à análise. Nesse sentido, a ferramenta de busca do *Microsoft Excel* (que pode ser executada pelos comandos de teclado “ctrl + L”) por vezes também ajudou a confirmar quantas vezes determinadas palavras ou conjuntos de palavras se repetiam e em quais discursos apareciam.

Figura 06 – *Print screen* de como ficava a disposição dos dados coletados para o *Microsoft Excel* os dados obtidos pela API do *Twitter* através de comando no sistema *Ubuntu*.

ID	Tweet Text
10477	jairbolsonaro,2019-02-13T22:31:06Z,RT @CarlosBolsonaro: Não há roupa suja a ser lavada! Apenas a verdade: Bolsonaro não tratou com Bebiano o a
10478	jairbolsonaro,2019-02-13T22:31:02Z,RT @CarlosBolsonaro: Ontem estive 24h do dia ao lado do meu pai e afirmo: é uma mentira absoluta de Gus
10479	jairbolsonaro,2019-02-13T20:45:57Z,"O Presidente Jair Bolsonaro por intermédio do Ministro da @AdvocaciaGeral, @andre_mendonca_, fez a susten
10480	jairbolsonaro,2019-02-13T20:07:35Z,"STF, a criminalização da Homofobia e a @AdvocaciaGeral da União: https://t.co/lbrpJ7CEq ,"Capitã
10481	jairbolsonaro,2019-02-13T15:58:57Z,"@xicograziano Valeu, Xico! ðŸ™ˆ,"xicograziano,"Capitã do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da Repúb
10482	jairbolsonaro,2019-02-13T15:58:57Z,"@xicograziano Valeu, Xico! ðŸ™ˆ,"xicograziano,"Capitã do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da Repúb
10483	jairbolsonaro,2019-02-13T15:02:52Z,Foram 3 cirurgias e mais de 1 mês no hospital nestes últimos 5 passados. Finalmente deixamos em definitivo o risc
10484	jairbolsonaro,2019-02-13T10:06:46Z,"Para maior transparência e melhor empregabilidade do dinheiro público, Informamos que todos os patrocínios
10485	jairbolsonaro,2019-02-13T00:22:08Z,» https://t.co/juWK4jR3Hd ,"Capitã do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativ
10486	jairbolsonaro,2019-02-12T22:25:55Z,"RT @MEC_Comunicacao: Enquanto a Fundação Joaquim Nabuco investe em pesquisa, a Superintendência do D
10487	jairbolsonaro,2019-02-12T22:24:24Z,"RT @ppinvestimentos: O Secretário de Coordenação de energia e aeroportos do #PPI, Pedro Bruno Barros de S
10488	jairbolsonaro,2019-02-12T22:24:03Z,"RT @portosdobrasil: #MovimentaçãoPortuária Em 2018, os portos públicos movimentaram 374 milhões d
10489	jairbolsonaro,2019-02-12T21:30:28Z,"Por favor GloboNews, sejamos honestos: O STF SUSPENDEU os processos que sou responsável por ter RESPONDIDO A UM
10490	jairbolsonaro,2019-02-12T17:27:00Z,"RT @planalto: Levantamento do IBGE comunica projeto uma safra de grãos 1,9% maior neste ano em comparaçã
10491	jairbolsonaro,2019-02-12T17:17:32Z, https://t.co/DQeYyFORc1 ,"Capitã do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Br
10492	jairbolsonaro,2019-02-12T14:53:08Z,"Difícil não se afetar diante de tantas tragédias seguidas em tão pouco tempo, mas não devemos de maneir
10493	jairbolsonaro,2019-02-12T10:10:03Z,A inserção social de deficientes através do esporte é mais uma das frentes de investimento do novo Brasil qu
10494	jairbolsonaro,2019-02-12T00:20:04Z,"@RoYamasaki Muito bem, Rodrigo. Em breve em Brasília. Um forte abraço!,"RoYamasaki,"Capitã do Exérci
10495	jairbolsonaro,2019-02-11T23:44:13Z,Muito obrigado pela consideração e confiança! https://t.co/mHYpovlwle ,"Capitã do Exército Brasileiro, ele
10496	jairbolsonaro,2019-02-11T23:35:22Z,"RT @planalto: General Rêgo Barros: O ministro do @MinCidania, @OsmarTerra, está discutindo nesta tarde al
10497	jairbolsonaro,2019-02-11T23:35:07Z,"RT @ltamaratyGovBr: O Ministro @ernestofaraujo reuniu-se hoje no @ltamaratyGovBr c/ Marã-a Teresa Belandria,

Fonte: *Print* de tela do arquivo de pesquisa (20 de outubro de 2021)

Assim, não há como negar que, quando parti para selecionar e recortar o material do arquivo também já o estava interpretando, o que de certo modo já representou o início do processo análises visto que as escolhas precisavam de embasamento em torno de sua composição (repetições, contradições, elipses, metáforas etc.).

Após essa explanação do meu percurso técnico para a composição do arquivo digital, iniciarei a análise detida dos pontos que recortei para compor meu *corpus*.

3 ANÁLISE DO DISCURSO PRESIDENCIAL NO *TWITTER*

Well I've been watching
 While you've been coughing
 I've been drinking life
 While you've been nauseous
 And so I drink to health
 While you kill yourself
 And I've got just one thing
 That I can offer
 Go and save yourself

“Cochise”, *Audioslave*, Audioslave.

3.1 O presidente

Depois de tratar desses pontos tecnodiscursivos do *Twitter*, me dedico à análise dos discursos do perfil @jairbolsonaro com foco em detalhar os fatos discursivos que compõem essa conta na rede de microblogues. Em seguida, busco verificar como se representa esse sujeito e quais configurações que assume.

Em *Análise automática do discurso*, Pêcheux (2019) propõe que o discurso produzido por um sujeito [A] sempre pressupõe um destinatário [B] que estará em algum lugar da estrutura de uma formação social. Esses lugares são discursivamente representados a partir de *formações imaginárias* que designam as posições que A e B se atribuem mutuamente (a imagem que tem do seu próprio lugar e do lugar do outro). Nesse sentido, Pêcheux indica quatro questionamentos para examinar as formações imaginárias, sendo duas referentes ao sujeito A e duas referentes ao sujeito B. Neste trabalho, com efeito, focarei somente nas formações imaginárias de A, já que trabalho apenas com os discursos presidenciais de bolsonaristas.

Essas formações imaginárias, conforme se extrai do trabalho de Pêcheux (2019) que é fortemente influenciado pelo pensamento althusseriano, regem o funcionamento do discurso do meu *corpus* de análise. O funcionamento das formações imaginárias pode ser observado na diferença que há entre a forma como funcionam os discursos de Jair Bolsonaro, pessoa física em sua oralidade, nas suas falas para jornalistas ou nas suas *lives*, em contraste com as formulações feitas por @jairbolsonaro, sua conta virtual no *Twitter*. Nesse sentido, observo que há semelhanças nas temáticas do que @jairbolsonaro posta na rede social com o que

Jair Bolsonaro fala na suas *lives* na plataforma de vídeos *YouTube*. As semelhanças estão presentes quando

[...] menciona a caserna, Bolsonaro gosta de fazer reminiscências do seu passado militar (ele foi capitão do Exército), afirmações grandiloquentes sobre sacrificar a própria vida e soberania do povo e elocubrar sobre “o inimigo”, uma referência velada ao combate ao “comunismo” muitas vezes tratado como sinônimo de esquerdismo ou petismo. (SOARES, 2021, *online*).

Existe, porém, uma distinção no tom do tecnodiscurso das postagens de @jairbolsonaro no *Twitter*. Em seus tuítes, apesar de haver, em diversos casos, um tom beligerante com ataques aos que não estão alinhados a sua discursividade, nas gravações semanais exibidas no *YouTube* e *Facebook* o chefe de Estado apresenta maior liberdade para mostrar seu afeto pelos militares, pelo seu passado na caserna, explicitamente atacar quem bem entende, bem como propagar rumores e boatos.

É pertinente asseverar, quanto às condições materiais de produção e reprodução dos discursos, que no *Twitter* uma mesma conta na plataforma pode ser acessada por mais de uma pessoa. Ou seja, é comum a existência de assessorias profissionais de comunicação social que administram em tempo integral os perfis de celebridades, personalidades públicas e de empresas. Assim, é possível que haja uma espécie de linha editorial por trás de uma conta do *Twitter*, uma verdadeira “multiplicidade de mãos” que produzem, redigem e editam os discursos para serem postados na rede social. Esse fato aduz um questionamento: será que há esse funcionamento múltiplo na conta @jairbolsonaro? Quais as consequências dessa multiplicidade no funcionamento do discurso bolsonarista?

Quanto ao primeiro questionamento, sabe-se que Carlos Bolsonaro, segundo filho do presidente e que atualmente cumpre seu quinto mandato de vereador da cidade do Rio de Janeiro, usa a conta faz postagens no microblogue do seu pai e, conforme Abrão (2019, *online*), foi um dos mais influentes colaboradores nas redes sociais durante a campanha presidencial, ainda em 2018. Além de Carlos ter assumido publicamente que posta em @jairbolsonaro, a repórter Camila Abrão (2019) fez uma análise de 602 tuítes do perfil presidencial, ao longo do ano de 2019, e encontrou características (tecnodiscursivas) que indicam que não é apenas o próprio Jair Bolsonaro quem escreve.

Abrão (2019, *online*) também observou que assessores do presidente influem nas postagens, especificamente as que possuem tom mais formal e divulgam

acontecimentos oficiais com linguagem corporativa. Ato contínuo, ela observou uma característica que se repete na escrita de Jair Bolsonaro que é seguida de um tom informal, em suas palavras:

[...] Há, aparentemente, uma diferença entre certas publicações de assessores e de Bolsonaro. O presidente tem 'mania' de publicar com um travessão – antes das postagens. Ainda que os próprios assessores tenham percebido isso e haja tom sério em diversas postagens, é batata: são justamente nessas postagens com travessão que o tom informal impera. (ABRÃO, 2019, *online*).

Dessa forma, quanto às consequências dessa “multiplicidade de mãos” na produção dos discursos em @JairBolsoanro, vê-se que, por mais que estejam alinhados e que tenham a intenção de tuitar da mesma forma e na mesma direção do que prega Jair Messias Bolsonaro, cada um tuita na conta presidencial deixa para trás uma marca (tecno)discursiva própria. São como “escapes” ou “deslizes” discursivos que estão presentes tuítes e que corroboram para o que Indursky (2013) desenvolve sobre a categoria de sujeito.

Para AD, a categoria de *sujeito* não é idealista por ser interpelada ideologicamente [...] e o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por, não ter consciência do seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso. (INDURSKY, 2013, p. 35)

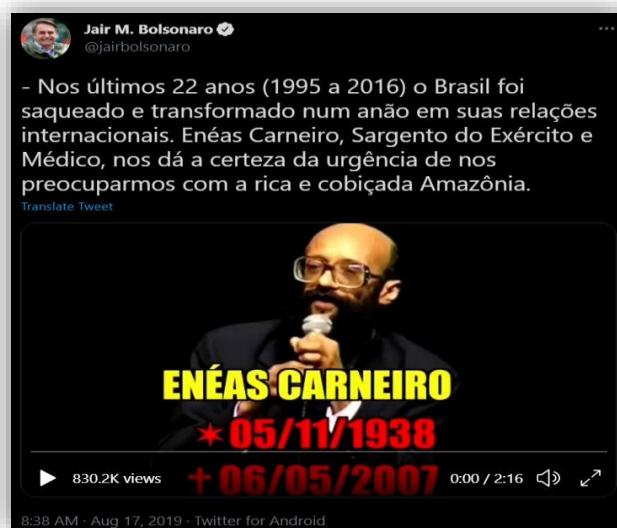
Assim, Jair Messias Bolsonaro e os demais que acessam e postam em sua conta no *Twitter* compõem um todo complexo chamado @jairbolsonaro. Os discursos são reproduzidos conforme as condições de produção políticas que lhes são apresentadas: ora comedido e corporativo, ora agressivo e provocador, ora informal e galhofeiro. Há em @jairbolsonaro uma complexidade própria que marcadamente lhe separa da pessoa física e verborrágica no cargo de chefe de Estado do Brasil.

Não procederei especificamente a análise de discursos da oralidade do presidente, porém é notório que quando o presidente se manifesta sozinho, sem estar lendo um texto pré-produzido, em pé diante da imprensa ou de seus correligionários, com seu discurso integralmente proferido na materialidade oral, o tom presidencial é outro, constantemente cometendo “gafes”, causando problemas diplomáticos e até humanitários (como nas questões envolvendo a Covid-19).

3.1.1 Enéas e o Nióbio

Inicialmente, nos discursos de @jairbolsonaro, do início de 2019 (logo quando assume como presidente), há repetidas alusões a significantes e a formulações já-ditas que preexistem no interdiscurso de décadas passadas da história do Brasil. Especificamente estão presente alusões a um personagem polemista brasileira: o cardiologista e político Enéas Carneiro. Este foi por três vezes candidato à Presidência da República após a redemocratização e era defensor, dentre outras coisas, de que o Brasil produzisse uma bomba atômica e explorasse as reservas minerais de nióbio, sendo também foi fundador e presidente do extinto Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), de visão conservadora e nacionalista.¹⁸ Esse personagem nunca alcançou apoio do *establishment* político e financeiro, sendo mais um personagem que a redemocratização possibilitou do que alguém que, de fato, alcançou apoio político das massas votantes.

Figura 07 – Postagem em @jairbolsonaro fazendo homenagem a Enéas Carneiro.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (17 de agosto de 2019).

As postagens de @jairbolsonaro por vezes mobilizam diretamente memórias discursivas, como na menção do recorte na Figura 07 em que é feita uma homenagem

¹⁸ Informações extraídas de texto biográfico do sítio do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneas-ferreira-carneiro> Acesso em: 17 jul. 2021.

a Enéas Carneiro. Na postagem, ainda há ataques a governos federais anteriores (“nos últimos 22 anos o Brasil foi saqueado e transformado em anão em suas relações internacionais”), como é de costume em suas publicações, sem citar dados ou fontes, dando um efeito de rumor das postagens.

Também há remissões feitas de forma indireta ao caricato político fundador do PRONA, segundo se pode extrair do texto de Fellet (2017) que, em matéria para a *BBC Brasil*, traçou referências e semelhanças entre Enéas e Bolsonaro.

Visto como autoritário e truculento por muitos, um político se lança à Presidência prometendo restabelecer a ordem no Brasil. Aos berros, acusa PT e PSDB de serem faces da mesma moeda, defende os valores da família tradicional brasileira e questiona os interesses internacionais por trás da demarcação de reservas na Amazônia. [...] Vinte e três anos depois, várias bandeiras de Enéas ressurgem na disputa presidencial - agora encampadas por Bolsonaro, que se diz grande admirador do cardiologista acreano e o considera uma de suas maiores influências na política. (FELLET, 2017, *online*).

A diferença entre esses dois sujeitos é que Bolsonaro, após décadas como um personagem polemista e irrelevante do parlamento nacional, se encontrou em uma conjuntura que lhe foi favorável no cenário político do Brasil após o golpe na presidenta Dilma Rousseff. Diferentemente de Enéas, Bolsonaro conseguiu atrair apoio do *establishment* do capital financeiro e político, passando a angariar mais e mais apoio de setores conservadores e que era contra qualquer possibilidade da eleição de membros, simpatizantes ou que sequer remetessem ao Partido dos Trabalhadores (os antipetistas).

O político de Enéas Carneiro, por sua vez, era conhecido publicamente por ser defensor da exploração das jazidas de nióbio em seus discursos.¹⁹ Conforme Fellet (2017, *online*), nos discursos de Bolsonaro como parlamentar costumava “dizer que Enéas foi um ‘homem do futuro’ e destacar as posições do médico sobre o nióbio, metal que também ocupa um papel central na plataforma econômica do deputado”.

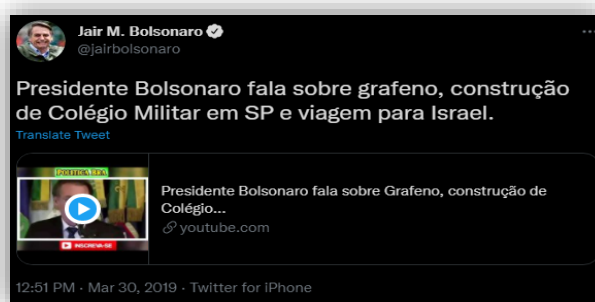
Após assumir a Presidência, ato contínuo, houve um esforço discursivo em suas *lives* e em suas publicações em redes sociais para mover políticas públicas envolvendo o metal. Em @jairbolsonaro há diversos tuítes exaltando o minério e

19 Segundo pesquisas do Datafolha feitas ao longo dos períodos eleitorais da década de 1990, Enéas era o candidato que tinha mais rejeição entre os eleitores, sendo lembrado apenas pelo seu bordão “Meu nome é Enéas”. Mais detalhes na matéria “Campeão da rejeição, Enéas prega moralidade”, escrita por Luiz Antonio Ryff e publicada na Folha da São Paulo, em 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc21079817.htm>. Acesso em: 14 jul. 2021.

outros produtos específicos, como o grafeno. Na Figura 08, o perfil presidencial faz uma postagem em tom de notícia, assuntos corporativos em que trata do minério grafeno junto com outros assuntos e temas que muito se repetem nos discursos do presidente (temática militar e sobre Israel).

A Figura 08 contém um tuíte com propaganda institucional divulgando acordo que o governo federal firmou com o governo do Japão em relação ao nióbio, em janeiro de 2021. Na propaganda há uma exaltação do acordo durante a fala o ex-ministro das relações exteriores, Ernesto Fonseca Araújo, que é filho de Henrique Fonseca de Araújo (1913-1996), Procurador Geral da República no governo do ditador Ernesto Geisel, entre os anos de 1975 e 1979.

Figura 08 – Postagem em @jairbolsonaro em que divulga vídeo com balanço de assuntos recorrentes em seus discursos.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (30 de março de 2019).

Figura 09 – Postagem em @jairbolsonaro divulgando um acordo entre Brasil e Japão para uso dos metais grafeno e nióbio. Em vídeo, Ernesto Araújo, ex-ministro das relações exteriores do governo Bolsonaro, também fala sobre o acordo.



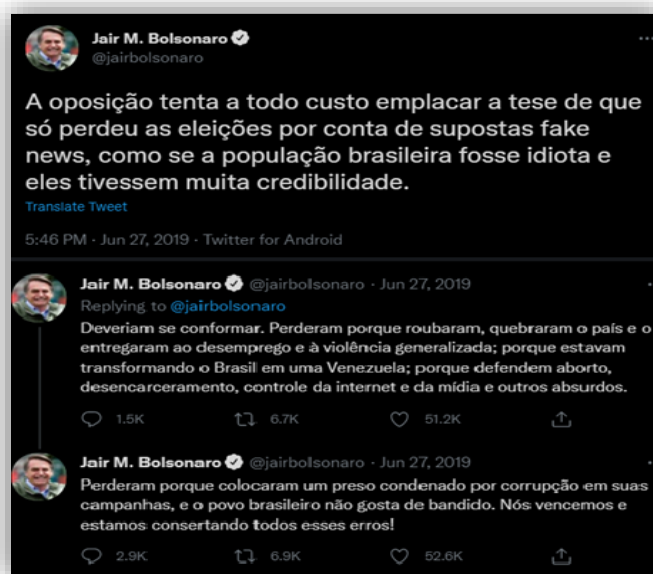
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (21 de janeiro de 2021).

Para finalizar essa subseção, ressalto que muitas das temáticas abordadas por @jairbolsonaro em suas postagens no *Twitter* não têm precedentes dentre os chefes de Estado brasileiros após a redemocratização. Esse ponto do nióbio, por exemplo, apenas tinha sido tratado de forma tão contundente nos discursos políticos nacionais por Enéas Carneiro, personagem que transitava entre o cômico e o autoritário no imaginário do Brasil da década de 1990, pós redemocratização. Desse modo, o nióbio era um assunto pouco popular no alto escalão da política brasileira, de modo que, ao “desenterrar” esse tema, chamou atenção o esforço discursivo empregado por Bolsonaro em torno da matéria.

3.1.2 Esquerda e oposição – o *Outro* em @jairbolsonaro

Ao longo da análise das postagens, chamou-me atenção a forma agressiva e termos ofensivos dirigidos por @jairbolsonaro àqueles que não estão alinhados com seus posicionamentos, tratados como inimigos a serem combatidos, especificamente ao observar o funcionamento do significante “oposição” usado por @jairbolsonaro em seus discursos. Na Figura 10 há uma *thread* com três postagens em sequência que se referem expressamente à “oposição”.

Figura 10 – Postagens em @jairbolsonaro ataca com acusações a seus opositores e faz menção a derrota da oposição nas eleições realizadas em 2018.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (27 de junho de 2019).

Nesse caso, o significante “oposição” funciona elipsando diversos sujeitos (*Outros*) que não estão alinhados aos posicionamentos do presidente, mais especificamente o Partido dos Trabalhadores (PT) e seus aliados que perderem o pleito eleitoral, em 2018. Na dialética do discurso político, @jairbolsonaro está tão à direita que tudo aquilo que não esteja alinhado aos seus posicionamentos é interpretado sumariamente como sendo da esquerda: à esquerda está o inimigo. Não se encontra em seus tuítes uma ponderação, nem uma busca pelo centralismo político ou sequer uma visão conciliadora com opositores. É como se o presidente possuísse um sensor que “apita” toda vez que se depara com uma discursividade e/ou com sujeitos que estão “desalinhados” com seus posicionamentos, considerando-os como seus inimigos (opositores) à esquerda.

Assim, nas postagens de @jairbolsonaro o termo “oposição” só aparece uma vez como sujeito da primeira oração em “a oposição tenta a todo curso emplacar...”. Nas demais postagens apenas faz anáforas à “oposição” por meio da indeterminação do sujeito na terceira pessoa do plural (eles/elas). Dessa forma, a “oposição” está elipsada na terceira pessoa do plural da frase: “[...] *Perderam* porque *roubaram*, *quebraram* o país e o *entregaram* ao desemprego e à violência; *estavam* transformando o Brasil em uma Venezuela; porque *defendem* aborto, desencarceramento [...]”. E conclui: “*nós* vencemos e estamos consertando todos esses erros!”, o que cria uma distinção dicotômica e maniqueísta que interdita qualquer incerteza. Há o “nós” moralmente ilibado e correto, que abrange Jair Bolsonaro e seus correligionários à direita, *versus* “eles” que engloba os governos anteriores e toda a “oposição” supostamente errada e corrupta à esquerda.

Com efeito, somente nesse pequeno trecho da Figura 10, encontram-se marcas discursivas que se repetem em outras postagens do perfil presidencial no *Twitter*. Cito as menções à “corrupção” que é praticada por um *Outro* ligado à esquerda o que tem como efeito demarcar o alinhamento à discursividade conservadora de um espectro político da (extrema) direita. Esses discursos se alicerçam em um tom de superioridade moral e o que não se encaixar no espectro discursivo-ideológico bolsonarista estará, imediatamente, relegado à “esquerda” corrupta.

O significante “oposição”, contudo, é pouco utilizado se comparado ao termo “esquerda”, este que aparece fartamente nas publicações de @jairbolsonaro para se referir a sujeitos ou a ideias que não estão alinhados ao seu governo. “Oposição” e

“esquerda” quando aparecem nas postagens do presidente da República tem funcionamentos análogos, comumente acompanhados de ofensas, acusações e atrelados à rumores negativos.

Uma razão para essa possível omissão de “oposição” nos discursos bolsonarista é que talvez semanticamente ele seja demasiado “brando”, um significante que não carrega a mesma memória que o significante “esquerda”. Nesse sentido, levo em consideração o fato de que no período da ditadura militar no Brasil existiu um sistema bipartidário que se instaurou com o

[...] Ato Institucional nº 2 (AI-2), extinguindo todos os partidos. A legislação que se seguiu permitia a criação de outros partidos, mas exigia como pré-requisito 20 senadores e 120 deputados federais. Na prática, era impossível a existência de mais do que dois partidos. Dificilmente haveria condições para uma terceira legenda reunir tantos parlamentares e se estruturar nacionalmente. Entre 1966 e 1979, o Brasil viveu o bipartidarismo. Eram dois partidos legais, a Aliança Renovadora Nacional, mais conhecida como Arena, de apoio ao governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição consentida. (INSTITUTO VLADMIR HERZOG, [s.d.], *online*).

Desse modo, houve uma oposição que era permitida no Parlamento, composta pela sigla do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que abrangia aqueles que “queriam se acomodar ao regime, sem provocar conflitos diretos, e aqueles que queriam manter um princípio claro de oposição, com base em bandeiras democráticas e liberais” (INSTITUTO VLADMIR HERZOG, [s.d.], *online*). Porém, esses opositores não eram equivalentes à “esquerda”, abrangida por partidos que existiam na clandestinamente, dos quais menciono “o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a Ação Popular (AP), o Partido Operário Revolucionário (Port) e a Política Operária (Polop). Essas forças políticas, e as que delas se originaram, foram protagonistas de grandes lutas contra a ditadura” (INSTITUTO VLADMIR HERZOG, [s.d.], *online*). Esses partidos, então clandestinos, eram compostos por marxistas de diversas vertentes, anarquistas, sindicalistas e outros sujeitos politicamente postos na ilegalidade pelo regime militar, à margem da ideologia política normatizada pelo bipartidarismo, e amplamente perseguidos e censurados pelos aparelhos repressores do Estado.

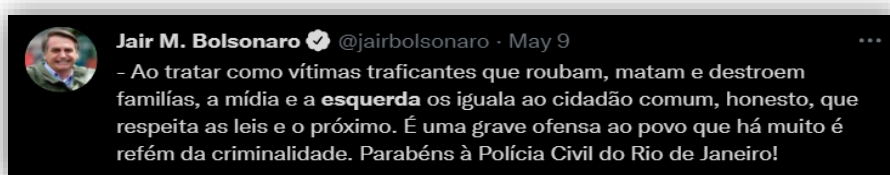
Retomando o trabalho de Indursky (2013) que analisou discursos presidenciais de todo período da ditadura militar brasileira, os chefes de Estado daquela época praticamente não faziam menções diretas à oposição ou à esquerda, usavam de artifícios, elipses, adjetivos. Os militares daquele período, em seus discursos,

buscavam “apagar” os contrários ao regime, diferente do militar da reserva que assumiu a Presidência em janeiro de 2019. O bolsonarismo, por sua vez, satura as menções aos governos anteriores ao seu; é incansável nas menções e ataques a qualquer *Outro* que não estiver alinhado a discursividade militar conservadora.

Assim, “esquerda” aparece nas postagens do perfil presidencial de forma genérica, abrangendo pautas e sujeitos que não se identifiquem imediatamente com a discursividade do presidente da República, sendo, possivelmente, o termo mais utilizado quando ele se refere a quaisquer ideias contrárias as suas. Essa repetição reforça que há uma dicotomia de lados políticos: do lado dos “corretos”, à direita, está Jair Bolsonaro e os seus; à esquerda os “incorretos”, como se houvesse uma clara e evidente a linha que separa o espectro da direita e da esquerda na política.

Nas Figuras 11 a 17, fiz uma seleção de diversas postagens em que “esquerda” aparece nos tuítes em @jairbolsonaro.

Figura 11 – Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” caracteriza aqueles que defendem que o tráfico de drogas e a criminalidade são reflexo de conjunturas e desigualdades sociais.



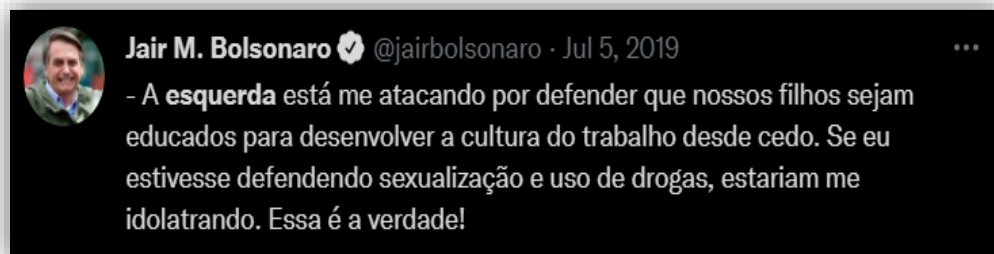
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (09 de maio de 2021).

Figura 12 – Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada às políticas de reforma agrária de governos anteriores e ao Movimento Sem Terra.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (27 de novembro de 2021).

Figura 13 – Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada a plataformas educação sexual nas escolas públicas.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (05 de julho de 2019).

Figura 14 – Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” predica os manifestantes que, em Santigado do Chile, protestaram atacando diversos símbolos e locais públicos, como mercados, estações de metrô, prédios do governo, praças, duas igrejas católicas, dentre outros.²⁰



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (19 de outubro de 2020).

²⁰ Os protestos no Chile começaram em 2019 e se agravaram durante o curso da pandemia no decorrer do ano de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-19/duas-igrejas-sao-incendiadas-no-primeiro-aniversario-das-revoltas-no-chile.html>. Acesso em: 10 jul. .2021.

Figura 15 – Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada a uma suposta descriminalização da pedofilia.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (14 de julho de 2020).

Figura 16 – Postagens em @jairbolsonaro em que “esquerda” se relaciona ao derramamento de óleo bruto na costa brasileira.²¹



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (22 de outubro de 2019).

²¹ Segundo o portal G1, “Um ano depois, a Marinha diz que encerrou as investigações sobre o desastre e concluiu que o óleo ‘navegou’ por 700 quilômetros em alto mar até chegar à costa brasileira. E que esse óleo é venezuelano, mas não necessariamente foi lançado por navios ou empresas daquele país”. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/27/marinha-conclui-investigacao-sobre-derramamento-de-oleo-mas-nao-encontra-culpado.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Figura 17 – Postagem em @jairbolsonaro em que “esquerda” está atrelada ao militante político Che Guevara, personagem que “só inspira marginais, drogados e a escória da esquerda”, e ao Foro de São Paulo.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (09 de outubro de 2020).

Essas diversas postagens com o significante “esquerda” me levam a revisitar mais uma vez o trabalho de Freda Indursky (2013) em relação ao discurso autoritário dos presidentes (ditadores) do período em que o Poder Executivo Federal brasileiro foi regido por militares. Ao longo das suas análises, Indursky (2013, p. 144) trata da construção discursiva do *Outro* nos discursivos presidenciais dos “anos de chumbo” do Brasil e adentra na representação lexical do contrário.

A pesquisadora percebe que, em diversos discursos dos ditadores daquele período, o *Outro* aparece totalmente desprovido de qualquer traço positivo de caráter, há um esforço em desumanizá-lo. O *Outro* é o “adversário da revolução” (do golpe de abril de 1964), é o “inimigo do regime”, o “subversivo”, o “corrupto”. Outrossim, Indursky (2013, p. 145) também ressalta que há momentos em que esse *Outro* é caracterizado como “apático, frágil, descrente, derrotista, ou seja, é o contrário de cidadão, é um *antidadão*”.

Em @jairbolsonaro, o significante “esquerda” também engloba o *Outro* opositor, mas diferentemente dos discursos autoritários dos ditadores brasileiros dos “anos de chumbo”, esse *Outro* em @jairbolsonaro é sempre ativo, perigoso e está constantemente sendo combatido pelo governo atual. Há uma injunção a desqualificar

e atacar esse inimigo da “esquerda”, tanto que as postagens do perfil presidencial tem o tom de que o combate à “esquerda”, ao fato de que “estamos corrigindo esses erros”, ao *Outro* é uma das plataformas desse Governo Federal.

3.1.3 Ditadura e golpe militar de 1964

Há diversas menções saudosistas ao período da ditadura militar e ao militarismo em geral nas publicações do presidente da República. Não é à toa que Jair Bolsonaro é o

[...] Presidente que mais empregou militares na administração pública desde o fim da ditadura, Bolsonaro, desde a posse, já falou em 31 formaturas de academias militares e policiais — 23 das Forças Armadas, 8 de polícias militares, uma frequência de participação que não era comum a outros presidentes. (SOARES, 2021, *online*).

Assim, os discursos do sujeito presidencial estão repletos de sentidos que o ligam ao autoritarismo e ao combate a um “comunismo” latente na “esquerda”, que também esteve presente no contexto da ditadura militar. Ao interpretar as postagens do presidente capitão da reserva, percebe-se que há um constante tom beligerante contra “inimigo vermelho”, no sentido trabalhado por Scherer e Venturini (2017), que está sempre pronto para dar um “golpe”, que é “corrupto” e que é contra a “liberdade” dos brasileiros.

Figura 18 – Postagem em @jairbolsonaro com destaque ao trabalho de militares para concluir uma obra iniciada no governo do general e ditador Ernesto Geisel.

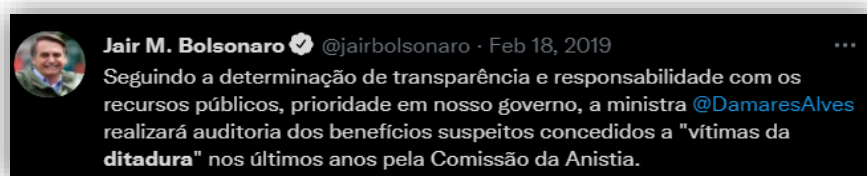


Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (09 de março de 2019).

Na postagem da Figura 18, @jairbolsonaro dá destaque a uma obra que estava em curso de uma rodovia “aberta pelo General Geisel”, ditador que foi chefe de Estado brasileiro entre 1974 e 1979. Percebe-se que os sujeitos para quem a estrada foi liberada são os “caminhoneiros”, classe em que o discurso bolsonarista encontrou respaldo e apoio ao longo da sua campanha eleitoral.²²

Além disso, a fala entre aspas no tuíte é de Tarcísio Gomes de Freitas, ministro da infraestrutura do governo bolsonarista, que faz uma ligação entre o “capitão” Jair Bolsonaro com o “general Geisel”. Uma das possibilidades de interpretação é de que há entre os dois sujeitos mencionados e seus governos uma identificação por meio de uma relação continuidade. Assim, mais uma vez há margem para entendimento de que o atual governo está dando seguimento ao governo ditatorial de décadas passadas, que a atual gestão executiva federal está “consertando todos esses erros” cometidos pela dita “esquerda” (conforme abordado na subseção 3.1.2). Os dois presidentes referenciados e seus governos estão ligados pelo militarismo: o atual presidente “capitão” (da reserva) está concluindo o que o ex-presidente “general” começou nas décadas passadas. Dessa forma, discursivamente é como se a gestão bolsonarista fosse aquela que conclui o que ficou inacabado pelo regime militar.

Figura 19 – Postagem em @jairbolsonaro sobre auditoria em indenizações às vítimas de tortura e perseguição da Comissão da Verdade durante a ditadura militar.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (18 de fevereiro de 2019).

No caso da Figura 19, havia pouco mais de dois meses que Jair Bolsonaro estava empossado no cargo de chefe de Estado quando. Esse foi o período em que o foco do governo era a aprovação da chamada “Reforma da Previdência”.²³ Nesse

²² Durante sua campanha, em 2018, Bolsonaro apoiou a greve dos caminhoneiros e também recebeu da classe suporte político na época, fato que foi amplamente divulgado, a exemplo da matéria do portal Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/em-video-bolsonaro-apoia-greve-de-caminhoneiros-contra-alta-do-diesel/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

²³ Emenda Constitucional nº 103 promulgada em 12 de novembro de 2019.

contexto de reformar a legislação dos benefícios previdenciários, o chefe do Poder Executivo se utiliza do pretexto da “transparência e da responsabilidade dos recursos públicos” para uma suposta auditoria em indenizações pagas às vítimas de tortura e perseguição durante o regime militar. Notório apontar, com efeito, que em @jairbolsonaro nenhum dos tuítes há, por exemplo, menção a uma auditoria nas pensões e benefícios pagos pelo Estado às filhas de militares que já morreram há décadas.

A União gastou R\$ 19,3 bilhões com pensões de dependentes de militares ao longo de 2020. A maior parte do dinheiro foi para as filhas. Das 226 mil pessoas que recebem este tipo de benefício no País, nada menos do que 137.916, ou 60% do total, são filhas de militares já mortos. Os dados também revelam que as pensões nas Forças Armadas são maiores do que as dos servidores civis. (SHALDERS, 2021, *online*).

Ao silenciar-se completamente sobre os altos gastos da União com os descendentes de militares, o discurso presidencial ainda adota um tom revisionista ao colocar entre aspas “*vítimas da ditadura*”. Desse modo, há um afastamento crítico do sujeito ao adotar o discurso relatado, de modo que esse significante remete a algo que foi dito por um *Outro* (da “oposição”, da “esquerda”) e não pelo próprio presidente da República. Por conseguinte, @jairbolsonaro não considera que houve vítimas e também não admite que houve uma ditadura militar no Brasil, pelo contrário, defende que houve um regime militar legítimo. Na sequência, destaco uma postura mais agressiva adotada quando se refere a Comissão Nacional da Verdade.

Figura 20 – Postagem de @JairBolsonaro em que predica a CNV como uma “cafetina”.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (08 de agosto de 2019).

No tuíte há um vídeo da época em que ele ainda era deputado federal, em 2014, já após a vitória nas urnas que garantiu a reeleição para a presidente Dilma Rousseff. Nesse sentido, o então congressista diz que a Comissão Nacional da Verdade é uma “cafetina” e ao final do vídeo há uma corte na edição que mostra uma plateia dispersa batendo palmas para o discurso do deputado após atacar a comissão.²⁴

Desde o início da redemocratização, em meados dos anos 1980, grupos de militares, tanto da reserva como da ativa das Forças Armadas do Brasil, carregaram um ressentimento pela perda dos postos poder político, de modo que mantiveram duras críticas à Lei da Anistia (Lei Federal nº 6.683 de 1979) e à Constituição Cidadã de 1988. Em 2011, no governo Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (ela própria que foi uma vítima da tortura e perseguição do Estado), cria a Comissão Nacional da Verdade para investigar as graves violações de direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. A criação dessa comissão afetou diretamente o posicionando dos militares alinhados aos governos do período da ditadura que passaram a compartilhar ideias de que é uma comissão composta por “ex-comunistas querendo vingança” e que “o Partido dos Trabalhadores aparelhou o Estado para criar uma revolução gramsciana”. (Informações verbais).²⁵

A Figura 21 é uma postagem em tom de crítica de @jairbolsonaro, já em 2021, em que escreve que “democratas não apagam fotos ou fatos”, possibilitando que aqueles que estão alinhados ao bolsonarismo interpretem que anulação da sessão de 1964 foi um ato antidemocrático praticado pelo Congresso Nacional, em 2013, que teria “apagado” da História aquela fatídica sessão do Congresso Nacional.

Ora, nesse ponto o discurso bolsonarista desliza numa equivocidade histórica, afinal dentro do contexto de um Estado dito de Direito (como é o caso do Brasil) a anulação jurídica e legal de uma sessão legislativa que, em décadas passadas,

24 A Comissão Nacional da Verdade (CNV), órgão temporário criado pela Lei 12.528, de 18 de novembro de 2011, encerrou suas atividades em 10 de dezembro de 2014, com a entrega de seu Relatório Final. Os detalhes, documentos e relatórios da comissão estão disponíveis no portal do Arquivo Nacional em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br>.

25 Essas falas foram extraídas do estudo apresentado pela Dr^a Marina Basso Lessa na quarta aula do curso de extensão “Entendendo o bolsonarismo” da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ministrada em 06 de maio 2021. Aula está disponível no *YouTube* através do link: https://www.youtube.com/watch?v=OfSDwEmQjIA&list=PL-A0PPdfxKsyEjVKwl_SqGfGeXS_NAp8B&

determinou o início de um regime antidemocrático e ditatorial, não é o mesmo que apagá-la da historiografia. Dessa forma, as atas, os atos, os fatos, os documentos e os personagens daquela sessão de abril de 1964 permanecem amplamente registrados e acessíveis nos arquivos historiográficos oficiais do país. O que o Congresso fez, em 2013, não foi apagar ou remover a historicidade de um evento, mas sim construir um sentido novo por meio de uma simbologia performática em um Estado democrático de Direito, este que anulou os poderes e efeitos normativos de uma sessão legislativa que havia perpetrado justamente sua contradição: um regime militar antidemocrático e de exceção.

Figura 21 – Postagens em @jairbolsonaro com imagem dele no período em que era militar da ativa – faz críticas à anulação da sessão do Congresso Nacional do dia 02 de abril de 1964.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (31 de março de 2021).

É importante contextualizar o tuíte da Figura 21, postado às vésperas do aniversário do golpe de Estado de 1964 e traz uma foto de Jair Bolsonaro em algum momento em que era militar da ativa. O discurso da postagem reforça a posição sujeito alinhada com o discurso autoritário dos aparelhos repressores de Estado das Forças Armadas, demarcando seu autoritarismo ao criticar a anulação legislativa aprovada pelo Congresso Nacional da sessão de 02 de abril de 1964, dia em que se confirmou o golpe de Estado do então presidente João Goulart. Termina a postagem retomando os significantes “Deus” e “liberdade”.

Em 2013, na época em que foi aprovada por ampla maioria do Congresso Nacional a anulação da sessão de 1964 que declarou vago o cargo de presidente que

era ocupado por João Goulart, o então congressista Jair Bolsonaro foi o único que se manifestou veementemente contra tal anulação, conforme foi noticiado pela Agência Câmara de Notícias (2013).

O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi a voz dissonante na votação do projeto. Para ele, o projeto quer 'tocar fogo' no Diário do Congresso Nacional. 'Querem apagar um fato histórico de modo infantil. Isso é mais do que Stalinismo, quando se apagavam fotografias, querem apagar o Diário do Congresso', disse. [...] 'Tiremos o peso dos militares, salvamos o País de um regime ditatorial', disse. (Agência Câmara de Notícias, 2013, *online*).

Vê-se no trecho destacado que o termo “ditatorial” é utilizado para dizer que, segundo o então congressista, “salvamos o País de um regime” análogo ao “Stalinismo”. Essa menção ao stalinismo, feita décadas depois do fim da União Soviética, remete esse discurso a uma memória da Guerra Fria, período histórico em que pairava o medo de uma “revolução comunista” contra o sistema capitalista ocidental, em que havia uma paranoia em relação aos “vermelhos” do Oriente. É com essa referência que o então deputado faz menção hiperbólica a “tocar fogo no Diário do Congresso Nacional”, algo que nunca aconteceu e cujos registros permanecem intactos, apesar de não ter mais validade jurídico normativa de outrora.

É importante tocar na temática da Guerra Fria, muito presente nos tuítes de @jairbolsonaro, afinal foi nesse período histórico que Jair Bolsonaro se formou e atuou como militar. Também foi nesse contexto que se deram as condições materiais de produção e reprodução de discursos e de violência que possibilitaram a perpetração de regimes militares autoritários com características fascistas na América Latina e em outras partes do mundo. Dentre esses regimes militares autoritários se insere o Brasil dos “anos de chumbo” que, conforme o discurso bolsonarista proferido em 2013, representaram uma “salvação” da qual Jair Bolsonaro, como militar, fez parte.

Por conseguinte, na fala do então deputado é empregada a primeira pessoa do plural em “salvamos”, o que põe o próprio Jair Bolsonaro dentre os militares que estiveram no poder naquele período dos idos anos de 1960 e 1970. Há um esforço bolsonarista, para tirar “o peso dos militares” pela responsabilidade ante as atrocidades e arbitrariedades (torturas, homicídios, sequestros, censuras etc.) praticadas nos “anos de chumbo” do Brasil.

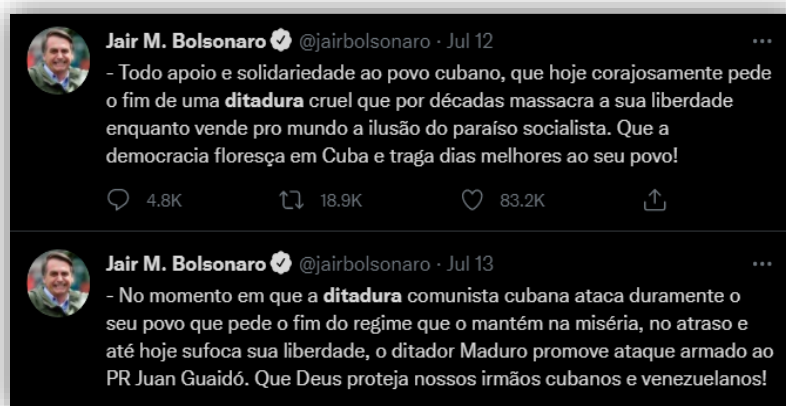
Há em seus discursos uma constante repetição e demarcação da relação do presidente com a caserna, um funcionamento pragmático e em consonância com as

políticas adotadas durante o seu governo e também com aqueles que passaram a assumir cargos públicos por indicação.

Quando menciona a caserna, Bolsonaro gosta de fazer reminiscências do seu passado militar (ele foi capitão do Exército), afirmações grandiloquentes sobre sacrificar a própria vida e soberania do povo e elocubrar sobre “o inimigo”, uma referência velada ao combate ao “comunismo” muitas vezes tratado como sinônimo de esquerdismo ou petismo. Presidente que mais empregou militares na administração pública desde o fim da ditadura, Bolsonaro, desde a posse, já falou em 31 formaturas de academias militares e policiais —23 das Forças Armadas, 8 de polícias militares, uma frequência de participação que não era comum a outros presidentes. (SOARES, 2021, *online*).

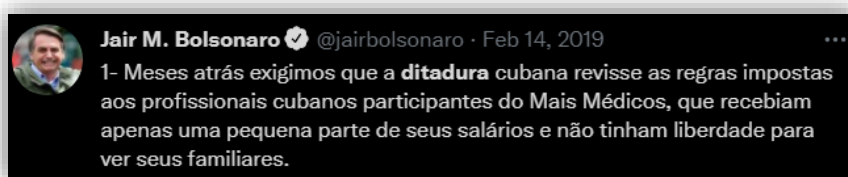
Os próximos recortes são tuítes em que o significante “ditadura” é utilizado para ser referir aos governos de países que se enquadram na noção de “esquerda” trabalhado anteriormente, tanto que “Cuba” e “Venezuela” são constantemente mencionados.

Figura 22 – Postagem em @jairbolsonaro em apoio às manifestações que ocorreram em Cuba contra o governo e a crise econômica. Na oportunidade ainda fala sobre o governo Venezuelano.



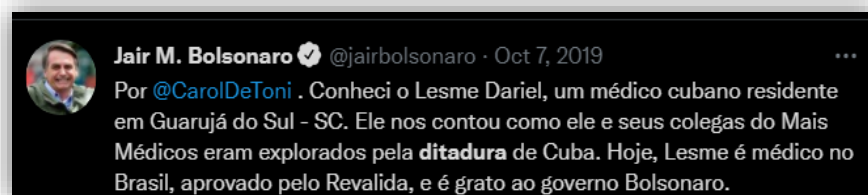
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (12 e 13 de julho de 2019).

Figura 23 – Postagem em @jairbolsonaro sobre o programa do governo federal, Mais Médicos, e os médicos cubanos.



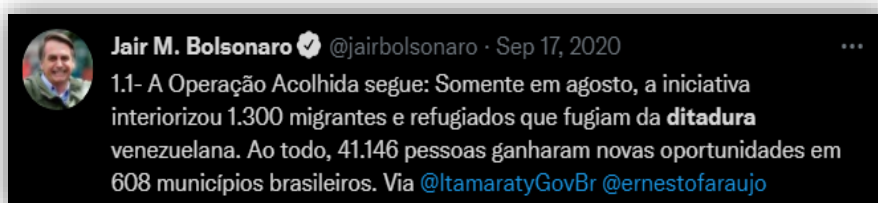
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (14 de fevereiro de 2019).

Figura 24 – Postagem em @jairbolsonaro sobre um médico cubano que agora atua no Brasil e, nas palavras do tuíte, “é grato ao governo Bolsonaro”.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (07 de outubro de 2019).

Figura 25 – Postagem em @jairbolsonaro falando sobre a emigração de venezuelanos diante da crise política e econômica que o país atravessa, no tuíte ele utiliza o termo “ditadura” para se referir ao governo do país.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (17 de setembro de 2020).

Os tuítes das Figuras 22 a 25 são doses do tom constante de supostas denúncias e de hostilidade sobre Cuba e Venezuela, utilizando os termos “ditadura” e “ditador” para falar do governo e de seus governantes, respectivamente. Nesse contexto, @jairbolsonaro aproveita para criticar especificamente os pagamentos feitos pelo programa Mais Médicos do governo federal, bem como sua relação com o governo cubano. Esse programa de saúde pública foi criado e desenvolvido pelos governos antecessores do Partido dos Trabalhadores e que ainda está em andamento, mesmo no governo de Jair Bolsonaro.²⁶

Os significantes “ditadura” e “ditador” são utilizados para predicar os “vermelhos” (SCHERER; VENTURINI, 2017); os governos que estão à “esquerda” do presidente, como desenvolvi na subseção 3.1.2. O regime militar brasileiro não se enquadra no que o @jairbolsonaro trata como “ditadura”, pelo contrário, para o atual presidente da República se trata de um governo legítimo, que salvou “o País de um

26 De acordo com informações do próprio portal do programa, “Atualmente, o Programa Mais Médicos conta com um total 18.240 vagas em 4.058 municípios de todo o país, cobrindo 73% das cidades brasileiras e 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs).” Disponível em: <http://maismedicos.gov.br/conheca-programa>. Acesso em: 21 jul. 2021.

regime ditatorial” e há até casos de que é possível interpretar, a partir das postagens, que está dando continuidade aquilo que os governos militares deixaram em aberto.

3.1.4 China

Anteriormente, tratei de como Cuba e Venezuela, países pobres e em crise econômica e política, ambos governados por seus partidos comunistas (Partido Comunista de Cuba e Partido Socialista Unido da Venezuela), são rotineira e diretamente mencionados como ditaduras por @jairbolsonaro com seus ataques discursivos anticomunistas, sem receios ou pudores diplomáticos. Por outro lado, o há comedimento ao tuitar sobre a China, Estado que é governado pelo Partido Comunista da China, tem o segundo maior Produto Interno Bruto do planeta (em torno de US\$ 14,723 trilhões) e é um país do qual o Brasil é dependente comercial, principalmente em exportações de commodities e também por importações de produtos industrializados.

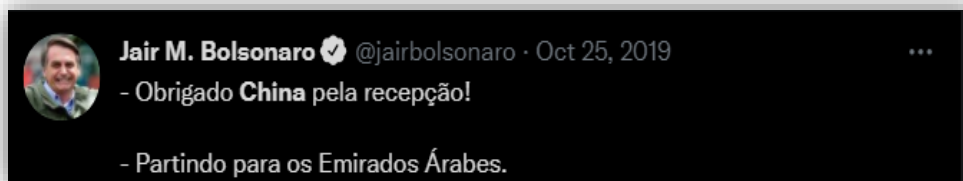
Segundo Silva *et al* (2021) as relações econômicas entre Brasil e China movimentaram dezenas de bilhões de dólares nos últimos anos de modo que

[...] A China é o principal parceiro comercial do Brasil desde 2009 e as relações comerciais entre os países têm se tornado cada vez mais intensas. [...] A corrente de comércio entre os países cresceu 19,5%, e as exportações brasileiras para a China 28%. Os destaques das vendas brasileiras têm sido a soja, o petróleo e o minério de ferro. Somados, os 3 produtos constituíram 79% das exportações brasileiras para a China entre janeiro e março de 2021, refletindo a continuidade da pauta de exportações para a China que nos últimos anos foi dominada – sempre em mais de 70%, de acordo com dados do ME – pelos mesmos três produtos. (SILVA *et al*, 2021, *online*).

Essa dependência econômica entre os dois países talvez seja a razão do comedimento de @jairbolsonaro quando se refere especificamente à China em seus tuítes em comparação a outros assuntos, como Cuba e Venezuela.

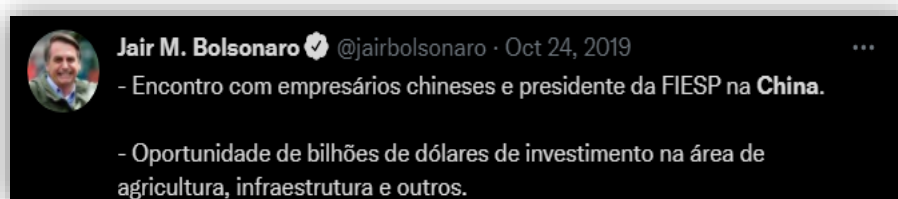
Nas Figuras 26 a 30, exponho recortes de postagens em que há referências diretas ao país asiático.

Figura 26 – Postagem em @jairbolsonaro agradecendo a recepção da China após visita da cúpula governo brasileiro ao país asiático.



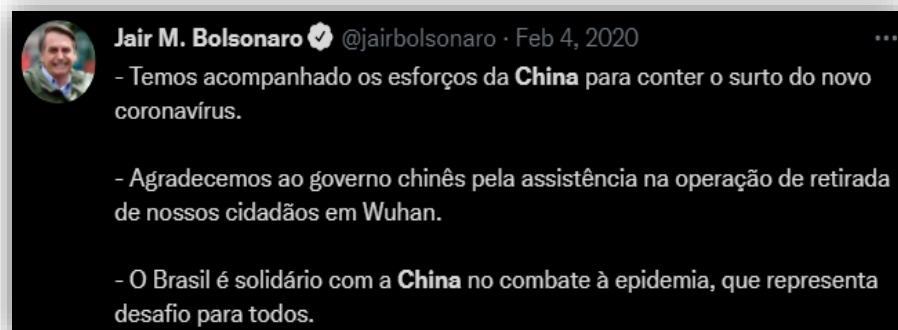
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (25 de outubro de 2019).

Figura 27 – Postagem em @jairbolsonaro em que fala do investimento de bilhões de dólares entre Brasil e China.



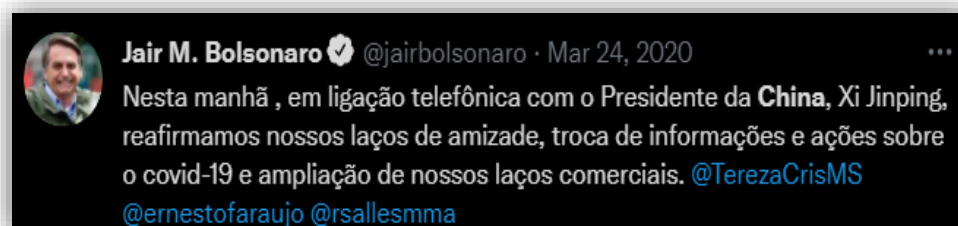
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (24 de outubro de 2019).

Figura 28 – Postagem em @jairbolsonaro mostrando solidariedade à China no começo da pandemia da Covid-19.



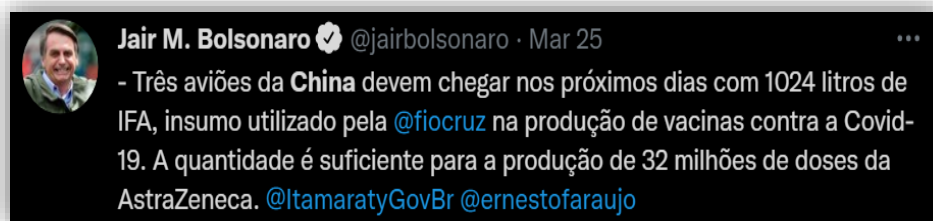
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (04 de fevereiro de 2020).

Figura 29 – Postagem em @jairbolsonaro sobre “laços de amizade” entre a China e o Brasil.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (24 de março de 2020).

Figura 30 – Postagem em @jairbolsonaro sobre a chegada de insumos para produção de vacinas contra a Covid-19.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (23 de março de 2021).

Pelo menos em sua conta no *Twitter* o discurso não se dirige à China com a mesma animosidade que aos outros dois países latinos que tem governados por partidos comunistas. Somente em tuítes anteriores ao período da campanha eleitoral para presidência (antes de meados de 2018) existem discursos em @jairbolsonaro busca ligar os governos do Partido dos Trabalhadores com más negociações e investimentos feitos com a China.

Fora da rede social, entretanto, eventualmente “escapam” discursos discriminatórios já que, ao longo do curso da pandemia de Covid-19, Jair Bolsonaro oralmente proferiu insultos relacionadas ao país asiático, mesmo que isso trouxesse desconforto às relações diplomáticas e econômicas. No dia 05 de maio de 2021, por exemplo, Jair Bolsonaro fez insinuações públicas contra a China sobre uma suposta “guerra biológica”, como se a nação oriental tivesse desenvolvido propositalmente o vírus Sars-CoV-2 e que os militares (aliados do bolsonarismo) “sabem disso”. Seu embasamento estava no fato do país asiático ter sido o epicentro da origem da disseminação do vírus que desencadeou a crise sanitária. Na época, essa declaração criou uma séria tensão diplomática na Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal.

A declaração dada nesta quarta-feira (5) pelo presidente Jair Bolsonaro, insinuando que a pandemia de coronavírus seria parte de uma ‘guerra biológica’ chinesa e que ‘os militares sabem disso’, teve forte repercussão na audiência da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado com o chanceler Carlos França, nesta quinta-feira (6). (AGÊNCIA SENADO, 2021, *online*).

Logo após essa manifestação chefe de Estado brasileiro, o ministro das Relações Exteriores do governo, Carlos França, saiu em um esforço discursivo para minimizar os danos da fala do presidente ao afirmar que “‘nossas relações com a China devem continuar sendo as melhores’ e que [Bolsonaro] não teria se referido

especificamente ao país [China] quando mencionou a ‘guerra biológica’” (AGÊNCIA SENADO, 2021, *online*).

Falas incisivas do presidente da República, como a do caso de maio de 2021, não são publicadas na conta @jairbolsonaro, visto que condições de reprodução dos discursos no *Twitter* permitem um alcance internacional mais direto, e outras autoridades políticas e chefes de Estado do mundo fazem uso da rede social com função diplomática. Esses discursos belicosos do presidente brasileiro costumam ser proferidos no “cercadinho” em frente ao Palácio da Alvorada, área reservada para o presidente Jair Bolsonaro pessoalmente dar declarações e tirar selfies com eleitores (local montado apenas para o presidente ouvir elogios e manifestações de apoio), bem como em suas *lives* semanais transmitidas na plataforma de vídeos YouTube. Esses discursos ofensivos são endereçados, quase que exclusivamente, para seu eleitorado mais fiel e reproduzido em mídias que alcançam especificamente seus apoiadores (como grupos em aplicativos de conversa como *WhatsApp* e *Telegram*, além de programas de rádio e televisão de viés de ultradireita).

Um chefe do Poder Executivo falar pública e abertamente sobre rumores infundados, bem como expor suas opiniões negativas e xenofóbicas em relação a outras nações, são posturas que não encontram precedentes no Brasil desde a redemocratização. Até mesmo no período dos “anos de chumbo” (entre 1964 e 1985), tinha-se nos discursos dos sujeitos presidenciais militares um emprego constante de elipses e comedimento em relação a referências diretas ou belicosas a outros países, conforme se extrai do trabalho de Freda Indursky (2013).

Nos Estados Unidos, outrossim, durante a gestão Donald Trump (2017-2021) – governo ao qual o bolsonarismo dá mostras apreço – também houve menções desrespeitosas à China, bem como a outras nações. Desse modo, há em Jair Bolsonaro uma semelhança e/ou uma subordinação discursiva não assumida com o ex-presidente estadunidense.²⁷ Ademais, abordei na sessão 1.2 sobre a declarada identificação discursiva e admiração que o chefe de Estado brasileiro demonstra por Donald Trump.

²⁷ Era comum nos discursos de Donald Trump encontrar menções preconceituosas e xenofóbicas. Em relação à China, especificamente, o chefe de Estado norte-americano se referia à Covid-19 como “vírus chinês”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/efe/2020/03/25/trump-deixa-de-chamar-coronavirus-de-virus-chines.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Entretanto, há uma significativa diferença entre o atual presidente brasileiro e o ex-chefe de Estado norte-americano: os Estados Unidos tiveram condições econômicas de implementar restrições à China, mesmo que lhes causassem prejuízos; já o Brasil está numa posição de dependência econômica do país asiático de modo que os discursos de Jair Bolsonaro, além de expor à comunidade internacional suas posturas desrespeitosas e improdutivas (do ponto de vista do capital), também são formas de mostrar aos seus correligionários e/ou eleitores que ele permanece com suas opiniões “fortes” à “direita” e contra a “esquerda”. Aqui cabe lembrar o dito popular “cão que ladra não morde” como uma metáfora em alusão às posturas discursivas do presidente.

Segundo Silva *et al* (2021), as atitudes discursivas e econômicas do governo chinês dão a entender que eles não se abalam com isso, de modo que os orientais agem com Bolsonaro de forma semelhante a que agiram com Trump.

Os dados do comércio apresentados demonstram que os ataques do governo brasileiro à China se traduziram em mera retórica, ao menos do ponto de vista econômico, dado o evidente fortalecimento das relações comerciais entre os dois países no período recente. Até o momento, prevaleceu a visão chinesa de longo prazo, cuja compreensão é de que o governo Bolsonaro resulta de uma sazonalidade de turbulências, e, portanto, assim como o governo Trump, um dia acabará. (SILVA *et al*, 2021, *online*).

Nesse contexto das insinuações de Jair Bolsonaro em relação a uma guerra biológica liderada pela China ainda proferiu falas sobre a vacina para combate a Covid-19 desenvolvida pelo país oriental, chamando-a de “vachina” em tom xenofóbico.

Chamado de ‘peste chinesa’ ou ‘vírus chinês’ por apoiadores de Bolsonaro e de Olavo, um termo evidentemente xenofóbico, o coronavírus se tornou foco nas pesquisas científicas do último ano a fim de que uma vacina fosse disponibilizada e pudesse conter o avanço da pandemia. Esse cenário de crise sanitária e de mortes causados por um vírus até então desconhecido e sem cura descoberta, promoveu a emergência de duas narrativas de base conspiratória: o tratamento precoce e o movimento antivacina. (MIRANDA, 2021, p 11).

A palavra “vachina” se junta a outros neologismos (como “fraudemia”), que compõem um conjunto de significantes reproduzidos no *Twitter*, no sentido que “o uso de palavras inventadas é recorrente em postagens com desinformação relacionada à pandemia. Usuários que minimizam a gravidade da Covid-19 ou que atacam a eficácia

das vacinas já criaram termos que servem de indicativo de conteúdo enganoso.” (AOS FATOS, 2021, *online*).

Na subseção seguinte, de forma mais aprofundada, trato sobre o discurso bolsonarista face à pandemia, em relação ao dito “tratamento precoce” e aos movimentos antivacinas. Portanto, adentro na temática da pandemia da Covid-19 pois há uma injunção pessoal quanto a abordar essa crise sanitária que abalou o planeta, expôs ainda mais a (indi)gestão presidencial de Jair.

3.1.5 @jairbolsonaro e a gestão sanitária da pandemia da Covid-19: “e daí?”

Este trabalho é feito concomitantemente com os desdobramentos da “CPI da Pandemia”, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado Federal, iniciada em 13 de abril de 2021, que investigou os servidores do Ministério da Saúde e pessoas envolvidas com o alto escalão do governo bolsonarista, por crimes relacionados à gestão sanitária da pandemia da Covid-19, dentre eles o próprio presidente da República.²⁸

Já abordei a questão de que Jair Bolsonaro em suas falas para imprensa se mostra mais polemista do que @jairbolsonaro no *Twitter*. Na oralidade respondia aos jornalistas que lhe questionaram sobre as vidas perdidas ao vírus da Covid-19 pandemia com falas irônicas e que não demonstravam respeito às vítimas e suas famílias enlutadas; “e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, questionou o presidente, que sequer usava máscara, quando o Brasil somou 5.017 mortes por Covid-19, em 28 de abril de 2020.²⁹

Ao falar em público o presidente performava como se buscasse manter vivo o imaginário da uma persona polemista, utilizando-se da mesma estratégia que lhe deu visibilidade e que fez o então deputado federal ser procurado constantemente por mídias de entretenimento, como rádios e canais de televisão, para dar entrevistas, bem como passou frequentar como convidado programas de auditório onde expunha

28 A CPI teve foco na aquisição de vacinas e na recomendação feita pelo governo federal quanto ao “tratamento precoce” da doença com medicamentos e metodologias ineficazes, à revelia das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto à vacinação, o uso de máscaras e o isolamento social (lockdown).

29 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2021.

suas visões de mundo e seus discursos controversos que atraíram a atenção de novos públicos.³⁰

A redação de O Estado de São Paulo (2020) fez um apanhado das falas do presidente em relação à crise sanitária. O jornal destacou que

[...] Na terça-feira, 10 [de novembro de 2020], ele [Jair Bolsonaro] disse que 'tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô'. Ao repetir que 'todos nós vamos morrer um dia', o que reduz a importância dada à pandemia, o chefe de Estado afirmou que o Brasil 'tem que deixar de ser um País de maricas' ao lidar com a situação. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020, *online*).

No começo da pandemia, em de 2020, o Jair Bolsonaro tentou verbalmente minimizar a importância do que estava acontecendo no mundo. Segundo O Estado de São Paulo (2020, *online*), em março daquele ano o chefe do Poder Executivo disse que o potencial letal do vírus era "superdimensionado"; falou que "temos no momento uma crise, uma pequena crise, né, no meu entender muito mais fantasia a questão do coronavírus"; que o havia uma "histeria, como se fosse o fim do mundo". Ainda chegou a dizer em comunicado oficial transmitido em rede nacional que "pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho".

Em abril de 2020, ainda conforme o compilado de falas bolsonaristas feito por O Estado de São Paulo (2020, *online*), o chefe de Estado passou a desdenhar da crise sanitária ao dizer: "Eu não sou cozeiro, tá?", quando um jornalista perguntou sobre as 300 mortes registradas em um dia. Ainda naquele mês, dentre outras falas, ainda disse demonstrando descaso: "E daí, lamento. Quer que faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", sobre o fato de o Brasil ultrapassar a China no número total de mortes pela Covid-19.

Portanto, analisarei a seguir os discursos das postagens em @jairbolsonaro sobre o período pandêmico, mas penso que, para situar na historicidade as condições de produção desses discursos, foi preciso antes fazer esse breve apanhado de discursos da oralidade do presidente. Assim, por meio das citações acima procurei

30 Segundo matéria de Pablo Cantó para o El País, "Jair Bolsonaro foi, durante anos, objeto de piada da televisão brasileira. O presidente eleito, em sua época como parlamentar, era uma mina de comentários polêmicos e controversos que alguns programas, como o CQC, Pânico e Superpop, tentaram explorar". Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/31/politica/1540978539_344863.html. Acesso em: 14 ago. 2021.

destacar que, por mais comedido que algumas vezes tente ser no seu microblogue, não se desconecta do que Jair Bolsonaro discursa oralmente.

3.1.5.1 @jairbolsonaro versus Organização Mundial da Saúde

Frente à pandemia @jairbolsonaro adotou uma postura dita negacionista. Essa postura não se confunde com a negação crítica de dados ou de argumentos com fundamentos metodológicos, pelo contrário, tem a ver com a negação e ataques pessoais a pesquisadores e as suas pesquisas científicas partindo de pressupostos e referenciais anedóticos; além de questionar as instituições médicas e científicas sem se preocupar com a metodologia adotada. Além disso, Jair Bolsonaro usou a “economia” e o “desemprego” para ir contra as medidas propostas pela OMS e pela comunidade médico-científica. Em suma, entendo essa postura negacionista, no contexto do governo bolsonarista, funciona como um verdadeiro trabalho discursivo que se utilizou da máquina do Estado para ignorar os esforços de pesquisadores/cientistas e (re)produzir discursos que atraem e dão fundamentos unicamente para os correligionários já alinhados ou aquele com disposição a se alinharem a discursividade presidencial.

Assim, durante a crise sanitária da Covid-19 houve uma diferença perceptível das falas de Jair Bolsonaro entre os discursos que exigiam formalidade em eventos governamentais oficiais e as falas dirigidas para os seus seguidores correligionários tanto nas suas já mencionadas *lives* semanais como nos seus tuítes. Metaforicamente essa mudança de tom da verborragia presidencial funcionou como em uma versão abasileirada da distopia *1984*, escrita por George Orwell. Nas falas mais informais, tanto no *Twitter* como nas gravações para o *Youtube*, foi-se aos poucos mudando de tom e deixando de falar sobre determinados significantes (como “cloroquina” e “ivermectina”), parando de mencionar dados e números distorcidos de pesquisas obscuras, falando cada vez menos sobre como os medicamentos ineficazes do dito “tratamento precoce” seriam a solução para as mazelas da Covid-19. Soares (2021) observa que

[...] Essas diferenças entre discurso formal e o feito sob medida para mobilizar para seus seguidores também fica claro no manejo discursivo da pandemia de covid-19. No segundo semestre de 2020, a bala de prata favorita de Bolsonaro para enfrentar a covid-19 era a cloroquina, ou hidroxiclороquina, remédios prescritos para malária que o Governo transformou em política de Estado pela qual agora nenhum ministério se responsabiliza. (SOARES, 2021. *Online*).

Antes do início da CPI e da possibilidade de ser indiciado por crimes humanitários e de responsabilidade na administração pública conexos à gestão da pandemia da Covid-19, o chefe de estado brasileiro proferiu falas que reverberaram boatos ou deslegitimavam àqueles que não estavam alinhados ao modo como seu governo buscou gerir a crise sanitária.

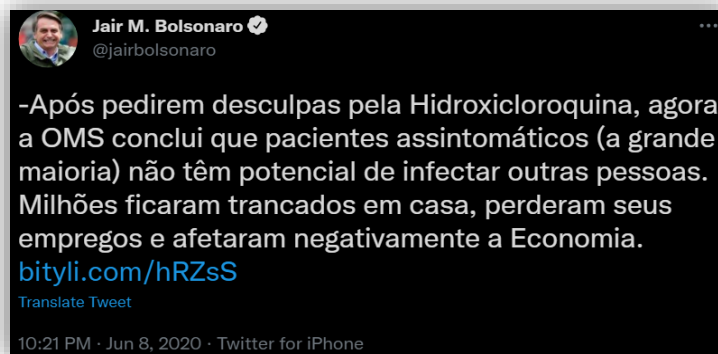
A agência *Lupa* fez um levantamento especificamente sobre as medidas de isolamento social (*lockdown*) que foram adotadas por vários governadores estaduais e prefeitos de municípios, estes dois últimos que passaram a ser paulatinamente criticados pelo presidente da República por adotarem as medidas recomendadas pela OMS. Em matéria de Rômany (2021), para a agência *Lupa*, é feita uma relação entre as diversas falas do presidente.

Com o aumento expressivo nas últimas semanas do número de casos e óbitos pela Covid-19, muitos governadores e prefeitos voltaram a adotar medidas mais rígidas de isolamento social. As restrições [*lockdown*] têm o objetivo de diminuir o impacto da pandemia, uma vez que reduzem o risco de contágio do novo coronavírus. *O presidente Jair Bolsonaro (sem partido), no entanto, tem usado informações falsas sobre a restrição de locomoção de pessoas para criticar essas decisões em seus discursos.* (RÔMANY, 2021, *online*).

Ainda de acordo com Rômany (2021), somente ao longo do mês de março de 2021, Jair Bolsonaro disse que “(...) até mesmo a desacreditada OMS diz que o *lockdown* não serve para a pandemia”; “O Japão não teve Fique em Casa”; “Tenho vários atestados de óbito comigo, vários (sic) comorbidades, e lá embaixo tá escrito ‘suspeita de Covid’, entra na estatística ‘morte por Covid’”; entre outras falas. Esses são apenas exemplos pontuais de rumores e dados falsos que foram compartilhados verbalmente pelo chefe de Estado brasileiro.

Esses boatos foram desmentidos por agências de verificação de fatos, dentre elas a própria *Lupa*, que assim como outras do mesmo ramo se dedicaram a checar o presidente diz. Na Figura 31, destaque postagem em que @jairbolsonaro propaga informações falaciosas em relação a OMS.

Figura 31 – Postagem em @jairbolsonaro compartilhando boatos sobre um suposto pedido de desculpas da OMS.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (08 de junho de 2020).

O discurso do tuíte não apresenta fontes (o link apresentado apenas leva à uma página de propagandas) e propaga boatos. A OMS jamais pediu desculpas em relação à hidroxicloroquina, conforme asseverou Pacheco (2020) à agência de variação *Aos Fatos* após pesquisar o tema e entrar em contato direto com a organização internacional de saúde. Nas palavras de Pacheco (2020),

Não é verdade que a OMS (Organização Mundial da Saúde) tenha admitido algum erro e pedido desculpas a respeito de seu posicionamento sobre o uso da hidroxicloroquina no tratamento de Covid-19, conforme afirmam postagens que têm circulado nas redes sociais. [...] Desde julho [de 2020], o medicamento deixou de fazer parte das pesquisas lideradas pela entidade no combate ao novo coronavírus. (PACHECO, 2020, *online*).

Em seguida, a frase quanto uma suposta conclusão de que “pacientes assintomáticos (a grande maioria) não têm potencial para infectar outras pessoas” foi uma interpretação distorcida dada pelo chefe do Poder Executivo para corroborar com os seus próprios discursos relacionados ao não uso de máscaras de proteção e contra medidas de isolamento social. Sobre o caso apresentado por @jairbolsonaro no tuíte, de acordo com Oliveira (2020, *online*), a médica da OMS, Maria Van Kerkhove, responsável técnica pelo time de combate à covid-19, em seguida a sua fala esclareceu à comunidade internacional que

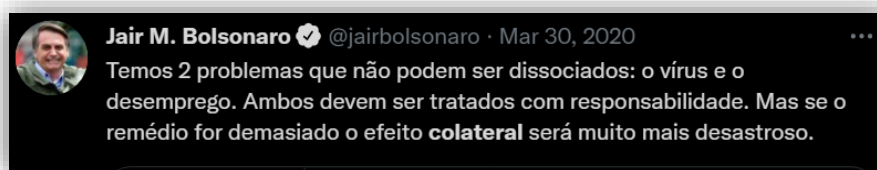
[...] O que fiz referência ontem, durante a coletiva de imprensa, foi a poucos estudos, dois ou três, que foram publicados e tentaram seguir casos assintomáticos. Eu estava apenas respondendo a uma pergunta [feita por jornalistas], não estava declarando qualquer mudança de abordagem da OMS. Nisso, usei a frase ‘muito rara’, mas isso não quer dizer que a transmissão vinda de pessoas assintomáticas seja ‘muito rara’ globalmente. (OLIVEIRA, 2020, *online*).

Entretanto, mesmo com explicação pública e oficial da médica, nem o presidente e nem sua assessoria se retrataram de nenhuma maneira, mantendo a postagem no seu perfil.

3.1.5.2 @jairbolsonaro e o “tratamento precoce” à Covid-19

O governo bolsonarista, ao longo do curso da pandemia, em geral, seguiu o discurso de que as recomendações da OMS quanto às aglomerações e as políticas de isolamento social – *lockdown* – para preservar vidas ao evitar a contaminação massiva do vírus pela população, enquanto não houvesse um remédio ou vacina adequados, causaria danos à “economia” e geraria “desemprego”.

Figura 32 – Postagem em @jairbolsonaro em que faz ponderação entre as medidas de combate ao vírus e o desemprego.



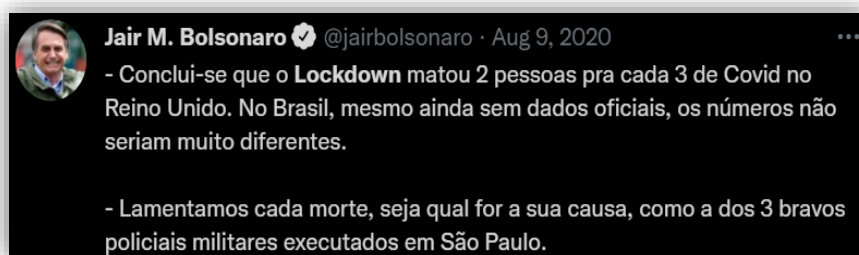
Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (30 de março de 2020).

É interessante fazer uma breve passagem pelas legislações que aprovou durante a crise sanitária, bem como as políticas públicas adotadas. Segundo boletim de direitos desenvolvido pela organização não governamental Conectas Direitos Humanos (2021), que mapeou e analisou 3.049 normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil,

[...] Como resultado da estratégia que, segundo o Tribunal de Contas da União, configura a ‘opção política do Centro de Governo de priorizar a proteção econômica’, o Brasil ultrapassou a cifra de 200 mil óbitos em janeiro de 2021, em sua maioria mortes evitáveis por meio de uma estratégia de contenção da doença. Isto constitui uma violação sem precedentes do direito à vida e do direito à saúde dos brasileiros, sem que os gestores envolvidos sejam responsabilizados, ainda que instituições como o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal de Contas da União tenham, inúmeras vezes, apontado a inconformidade à ordem jurídica brasileira de condutas e de omissões conscientes e voluntárias de gestores federais. (CONNECTAS DIREITOS HUMANOS, 2021, p. 7. Grifos nossos).

O boletim da Conectas Direitos Humanos (2021) ainda mostra a improdutividade dos embates discursivos para promulgação e efetivação de normas relacionadas à pandemia. Houve constantes disputas políticas entre a “estratégia federal de disseminação do vírus, e as numerosas estratégias estaduais e municipais de contenção da propagação da doença” (CONNECTAS DIREITOS HUMANOS, 2021, p. 20). Nesse sentido, houve uma inflação de normas federais, estaduais e municipais, somando-se a isso uma judicialização exacerbada de causas relacionadas a legalidade e violações de medidas de isolamento e para evitar aglomerações. Portanto, não se adotou uma política específica de *lockdown* em nível nacional, não houve um alinhamento discursivo entre os âmbitos federal, estadual e municipal. Pelo contrário, o governo federal especificamente adotou uma postura belicosa de deslegitimação e de ataques aos governos locais (municipais e estaduais) que seguissem as recomendações da OMS sobre isolamento social.

Figura 33 – Postagem com afirmações anedóticas sobre o *lockdown* no Reino Unido.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (09 de agosto de 2020).

O tuíte da Figura 33, postado em 09 de abril de 2020, demonstra como não há preocupação alguma em fundamentar os discursos, apenas em propagar rumores que confirmem o que o presidente da República e seus seguidores creem ou querer crer. Desse modo, @jairbolsonaro ainda faz uma comparação desproporcional entre as vidas perdidas devido ao Covid-19 com as mortes de “bravos” policiais militares que ocorrem dias antes da postagem, funcionando como se equivalência a morte de policiais em atuação com vítimas da crise sanitária.

Os discursos adotados pelo governo bolsonarista foram, para além de deslegitimar a OMS como instituição que se pauta na comunidade científica (como visto em subseção anterior), também divulgar boatos e rumores sem embasamento que fragilizassem a adesão da população às políticas de restrição social. Nesse

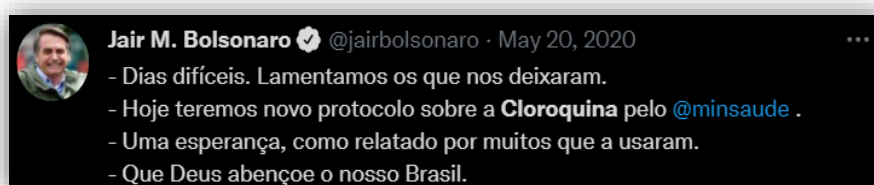
sentido, era necessário adotar alguma medida que pudesse “substituir” o *lockdown*. Eis que, então, o chefe de Estado e o governo federal brasileiro passam a se apegar aos significantes “hidroxicloroquina” e “cloroquina”, medicamentos que se tornam símbolos do suposto “tratamento precoce” da Covid-19 e que foram comprovados como ineficazes no tratamento da doença.

Figura 34 – Postagem em @jairbolsonaro com vídeo de telejornal sobre hidroxicloroquina.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (27 de março de 2020).

Figura 35 – Postagem em @jairbolsonaro sobre protocolo da cloroquina – parte do “kit covid”.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (20 de maio de 2020).

No primeiro semestre de 2020, antes do desenvolvimento aprofundado de estudos científicos sobre medicamentos e testes de vacinas eficazes contra o vírus, a “hidroxicloroquina” e a “cloroquina” foram apontados como possíveis no tratamento da doença.

[...] Diante da explosão de novos casos da covid-19 e do atual ritmo da vacinação no país, seria mais do que oportuno encontrar um remédio eficaz que elimine a doença. Mas é importante ressaltar que não há tratamento medicamentoso que comprovadamente previna ou cure a covid-19. Pelo contrário, evidências científicas mostram que além de não darem resultado, medicamentos do chamado ‘Kit covid’ podem causar danos ao organismo. (FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG, 2021, *online*).

Desse modo, com a passagem do tempo e ampliação de estudos farmacológicos, não houve comprovação da eficácia dos medicamentos defendidos por pelo governo bolsonarista. A comunidade médico-científica inclusive passou a divulgar que tais medicamentos indicados pelo presidente da República poderiam causar problemas à saúde das pessoas submetidas ao chamado “tratamento precoce”.

Além disso, houve ainda a problemática relacionada a demora na vacinação no Brasil, que possui ampla experiência em campanhas nacionais de vacinação pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Entretanto, “mesmo depois de fazer um discurso em cadeia de rádio e TV em março [de 2021] defendendo a imunização, Bolsonaro segue sabotando a campanha pela vacina com informações equivocadas” (SOARES, 2021, *online*). Chegando a afirmar, segundo Soares (2021), o rumor de que quem já teve a doença uma vez está imune de ter novamente, informação que não procede e não possui embasamento em estudo médico-científico.

Ademais, os discursos por parte do governo federal foram em defesa do chamado “kit covid”, composto pelos dois medicamentos já citados e também e a “ivermectina”. Os estudos feitos na administração desses fármacos em relação à Covid-19 demonstraram que

[...] Não existe nenhuma comprovação de que os medicamentos atuem contra o coronavírus. Pelo contrário, já foi demonstrado em estudo feito em grupo de pessoas que a melhora no grupo que usou os medicamentos foi idêntica ao grupo que não tomou. Nem três dias, nem um dia por semana, nem dia nenhum. Consumir medicamentos sem eficácia comprovada pela ciência pode causar prejuízos para o corpo. Para se ter uma ideia, neste mês [março de 2021], médicos do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP) e do Hospital da Universidade de Campinas (Unicamp) concluíram que *o uso indiscriminado do medicamento Ivermectina levou pacientes a desenvolverem graves lesões no fígado, demandando até a necessidade de transplante.* (FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG, 2021, *online*. Grifo nosso).

O governo federal, portanto, adotou desde o início da pandemia no Brasil, uma postura na contramão da ciência e ainda com toda problemática em relação à aquisição de vacinas que a CPI no Senado Federal revelou – inclusive com a descoberta de um chamado “gabinete paralelo” que tomava as decisões sobre a condução sanitária da pandemia à revelia dos médicos, epidemiologistas e cientistas do Ministério da Saúde. Assim, ao longo do ano de 2020 e início de 2021,

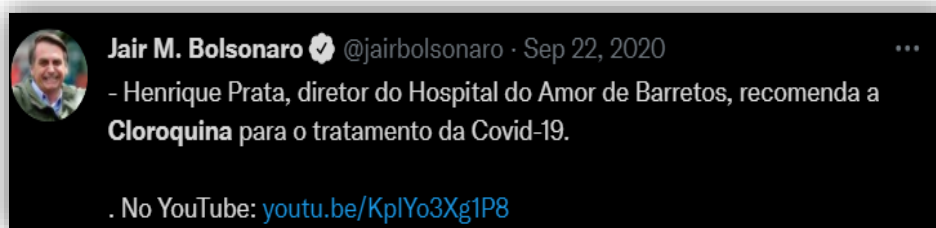
@jairbolsonaro dispendeu uma “saga” discursiva para divulgar e dar legitimidade tanto aos seus posicionamentos como aos supostos acertos de gestão na saúde.³¹

Figura 36 – Postagem com vídeo em que médica Nise Yamaguchi, alinhada à discursividade de Jair Bolsonaro, defende o tratamento precoce e do uso de hidroxicloroquina.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (07 de abril de 2020).

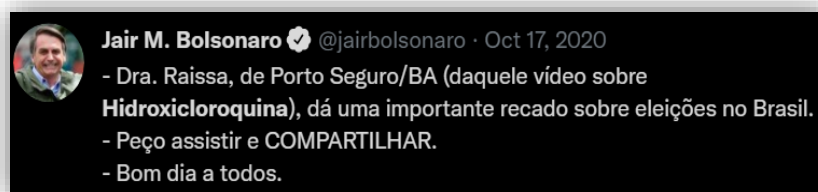
Figura 37 – Postagem em @jairbolsonaro com discurso de um médico que apoia o uso da cloroquina – o vídeo foi removido da plataforma YouTube por promover informações falsas.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (22 de setembro de 2020).

31 Segundo reportagem de Constança Rezende e Raquel Lopes publicada na Folha de São Paulo, em 21 de junho de 2021, “O chamado ‘gabinete paralelo’ ganha notoriedade à medida que a CPI da Covid avança. Sob holofotes de senadores e apadrinhados por Jair Bolsonaro, integrantes do grupo de suposto assessoramento ao presidente colecionam ambições políticas e oferecem consultas particulares para o tratamento precoce [...] Ao largo do Ministério da Saúde, são médicos, atuais e ex-assessores palacianos, um empresário bilionário e até um congressista que desprezaram a importância da vacina e enalteceram, em sintonia com Bolsonaro, a defesa de medicamentos sem eficácia comprovada contra a Covid”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/ambicao-politica-moveu-gabinete-paralelo-de-bolsonaro-hoje-principal-foco-da-cpi-da-covid.shtml>. Acesso em: 23 jul. 2021.

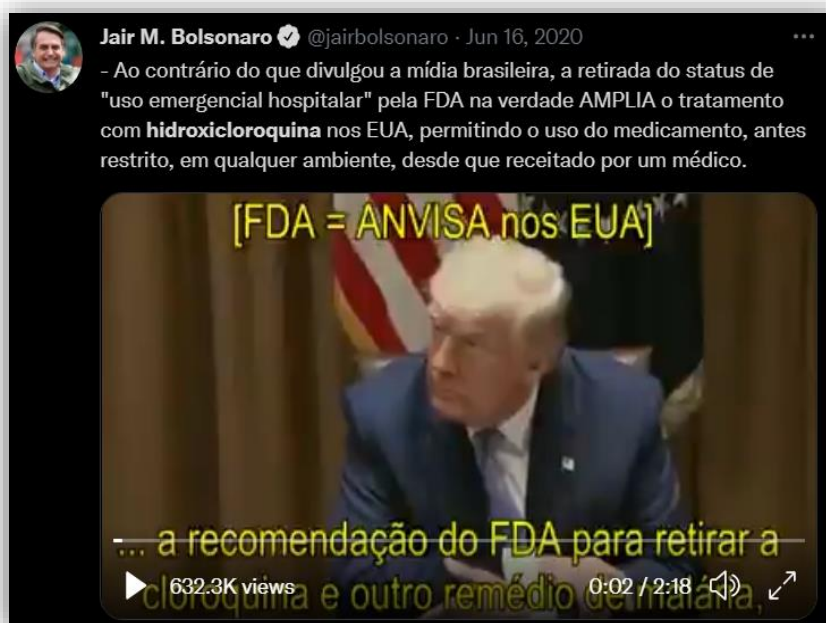
Figura 38 – Postagem em @jairbolsonaro em que menciona uma médica que indica o uso da hidroxicloroquina em um vídeo.



Twitter – @jairbolsonaro (17 de outubro de 2020).

Nas publicações das Figuras 36, 37 e 38, @jairbolsonaro faz menção a médicos brasileiros específicos que estiveram alinhados discursivamente à política do governo federal e à discursividade do bolsonarista. Esses médicos mencionados nos tuítes, a partir de supostas experiências pessoais e anedóticas em si próprios e com seus próprios pacientes, sem preocupação científico-metodológica, também eram a favor do “tratamento precoce” e do uso dos medicamentos do chamado “kit covid”.

Figura 39 – Postagem em @jairbolsonaro com vídeo de Donald Trump falando sobre suposta ampliação do uso de hidroxicloroquina nos Estados Unidos.



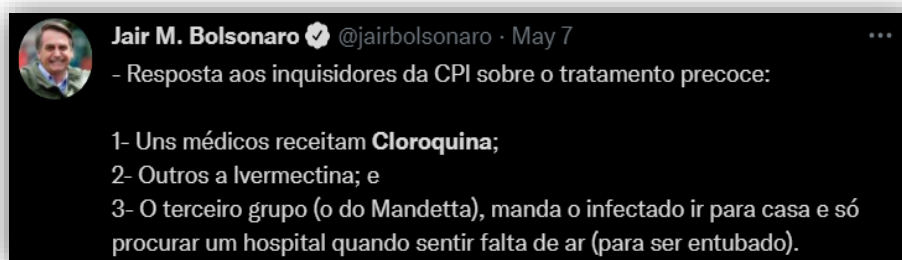
Fonte: Twitter – @jairbolsonaro (16 de junho de 2020).

Na Figura 39, trago recorte em que há uma demonstração de subordinação do chefe do Poder Executivo brasileiro em relação ao ex-presidente estado-unidense Donald Trump, como se o discurso do ex-chefe de Estado norte-americano enfim validasse os argumentos do presidente brasileiro. No tuíte há um vídeo com falas do

ex-presidente norte-americano em que @jairbolsonaro expõe um entendimento falacioso ao distorcer que é dito por Trump. Entretanto, por mais absurda que seja a interpretação, a preocupação não é com a verdade, mas compartilhar uma versão do discurso do que foi dito por Trump de modo que haja um funcionamento no sentido de corroborar com os vieses bolsonaristas e daqueles que com ele estão alinhados.

O capitão da reserva aponta, no seu texto da postagem, que o órgão sanitário americano, *Food and Drug Administration* (FDA), teria permitido amplamente o uso da hidroxicloroquina nos Estados Unidos. Porém, esse discurso é incoerente com a fala do vídeo, além de que o referido órgão, à época, havia revogado a autorização do uso dos fármacos em pacientes de Covid-19. Dias depois do tuíte de @jairbolsonaro, por conseguinte, o governo Trump enviou (ou se desfez) de dois milhões de caixas dos medicamentos que não seriam mais usados no país, enviando-as para o Brasil.^{32 33}

Figura 40 – Postagem em @jairbolsonaro direcionada à CPI em que defende o “tratamento precoce” e ataca o ex-ministro da saúde do seu próprio governo.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (07 de maio de 2021).

O significante “cloroquina” aparece em um tuíte, no dia 07 de maio de 2021, para se dirigir criticamente ao ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, este que prestou depoimento na CPI justamente três dias antes da postagem, em 04 de maio

³² A *Lupa* checkou as afirmações de que supostamente houve a liberação do uso de hidroxicloroquina pelo FDA, nos Estados Unidos, e concluiu que no “[...] dia 15 de junho [de 2020], o órgão decidiu revogar essa autorização. Em um novo parecer, a FDA afirmou que, com base em descobertas científicas recentes, ‘é improvável que a cloroquina e a hidroxicloroquina sejam eficazes no tratamento da Covid-19’. A instituição ponderou ainda que essas drogas podem causar ‘sérios problemas cardíacos’ e que os potenciais benefícios em seu uso não superam os riscos”. Disponível em: <http://www.encurtador.com.br/gtLU2>. Acesso em: 23 jul. 2021.

³³ Após revogação do uso dos medicamentos pelo FDA, o governo Trump fez acordo com o Itamaraty, este que ainda era chefiado por Enersto Araújo, e mandou para o Brasil dois milhões de caixas de hidroxicloroquina “como demonstração da solidariedade” entre os dois países na luta contra o coronavírus”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-06/brasil-recebe-dois-milhoes-de-doses-de-hidroxicloroquina-dos-eua>. Acesso em: 25 jul. 2021.

de 2021, e foi contra a adoção do “tratamento precoce” durante a sua gestão do Ministério da Saúde do governo bolsonarista.

Por conseguinte, observei que, a partir do mês de abril de 2021, com as movimentações na conjuntura política nacional devido ao início da CPI no Senado Federal, as postagens do capitão da reserva no *Twitter* deixaram de ter os termos “cloroquina” e “hidroxicloroquina” com a mesma frequência de antes, aparecendo apenas para fazer defesas pontuais ao governo.

As menções ao fármaco se reduziram a quase nada no final do ano, quando a busca pelas vacinas se tornou o principal assunto do Brasil. As citações ao remédio voltaram, agora de maneira defensiva, após a abertura da CPI da Pandemia, no final de abril. Neste mês, o órgão técnico que assessora o Ministério da Saúde finalmente enviou documento à CPI no qual afirma que os remédios do chamado “kit covid” promovido pelo Planalto, mas também por clínicas privadas, não têm qualquer efeito para mitigar a covid-19. (SOARES, 2021, *online*).

Assim, houve uma mudança nas condições de produção discursivas de @jairbolsonaro que o levaram a interditar os significantes dos medicamentos ineficazes. As investigações sobre as recomendações do Ministério da Saúde sobre “tratamento precoce” e com o aumento das pressões em relação a receitar medicamentos cientificamente inúteis à Covid-19 fizeram o tom mudar e o foco das postagens passar às vacinas.

3.1.5.3 @jairbolsonaro *versus* vacina

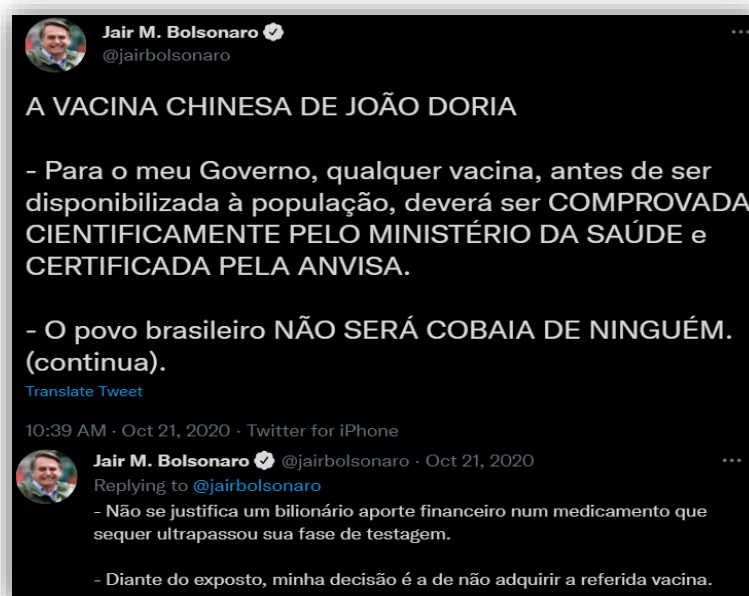
A vacinação nunca foi prioridade do governo bolsonarista. Como dito anteriormente, até meados de março de 2021, o foco do governo federal e do Ministério da Saúde era ainda o “tratamento precoce”. Ainda ao longo de 2020, quando começaram a surgir informações sobre vacinas, o presidente da República começou a pôr em xeque a eficácia e obrigatoriedade da vacinação. Fortaleceu-se um pensamento antivacina no Brasil, uma sabotagem discursiva capitaneada pelo próprio capitão da reserva em suas *lives* e tuítes.

A primeira vacina a ser aplicada no Brasil, por exemplo, foi desenvolvida em parceria entre o governo de São Paulo, por meio do Instituto Butantan, com a biofarmacêutica chinesa Sinovac. Aconteceu que, o governador do estado de São Paulo, João Dória, outrora aliado do bolsonarismo durante a eleição, e que se tornou

seu desafeto e opositor. Outrossim, como já dito anteriormente, o chefe do Poder Executivo brasileiro demonstra, especificamente em seus discursos na oralidade, xenofobia e discriminação em relação a China.³⁴

Com efeito, o posicionamento discursivo de @jairbolsonaro pouco antes da aprovação da vacina pode ser visto, emblematicamente, no tuíte da Figura 41.

Figura 41 – Postagem em @jairbolsonaro com críticas a vacina desenvolvida em parceria entre o Instituto Butantan e um laboratório chinês.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (21 de outubro de 2020).

Na oportunidade, @jairbolsonaro escreveu “vacina chinesa de João Dória”, ponto que merecem comentário. O significante “chinesa” que adjetiva o substantivo “vacina” atrela o governador de São Paulo, João Dória, à falta de patriotismo por estar desenvolvendo o imunizante em parceria com um laboratório chinês. Além disso, o país a quem @jairbolsonaro é aquele que, como já abordado em seção anterior, supostamente seria o responsável por iniciar uma “guerra biológica”.

Já em “o povo brasileiro não será cobaia de ninguém”, o significante “cobaia” funciona para deslegitimar a vacina e desincentivar que a população se vacinasse com o imunizante para não serem “cobaias”. Naquele momento de 2020, a

34 No dia 17 janeiro de 2021, foi aplicada em uma enfermeira paulista a primeira vacina contra a Covid-19 no Brasil. Houve um evento capitaneado pelo governador de São Paulo para realização do feito, o que causou sérios atritos entre governo federal e o governo estadual. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55699131>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Presidência da República defendia veementemente o uso de medicamentos sem comprovação científica para tratamento da doença como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, azitromicina, nitazoxanida, entre outros.

Ainda nesse contexto, demarco aqui que o governo bolsonarista também ignorou as ofertas de 70 milhões de doses de vacinas da empresa *Pfizer*, esta que ofereceu oficialmente e com prioridade a venda dos imunizantes ao Ministério da Saúde, ao longo do ano de 2020, e foi preterida pelo Governo Federal.³⁵ Essa atitude atrasou o cronograma de vacinação que poderia ter salvado vidas daqueles que seriam imunizados.

Na sequência, a partir do final de 2020, o discurso bolsonarista começa a mudar de direção e se mostrar favorável à vacinação, conforme os tuítes das Figuras 41, 42 e 43. Porém, há sempre o destaque para o fato de que a aplicação será de forma “não obrigatória” ou “voluntária”.

Figura 42 – Postagem em @jairbolsonaro sobre “aquisição de vacinas no período em que o Ministério da Saúde se omitia ante as ofertas de imunizantes da empresa *Pfizer*.”



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (07 de maio de 2021).

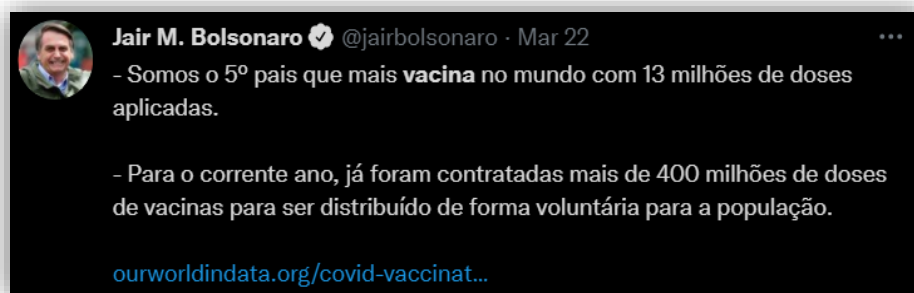
35 Conforme matéria da BBC feita após depoimentos à CPI de servidores do alto escalão do Ministério da Saúde e executivo da *Pfizer*, o Governo Federal foi omissivo na aquisição de imunizantes assim que estiveram disponíveis. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>. Acesso em: 25 jul. 2021.

Figura 43 – Postagem em @jairbolsonaro em que defende “tratamento precoce” reforça que a vacina é não obrigatória.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (04 de janeiro de 2021).

Figura 44 – Postagem com destaque para as doses de vacina da *Covaxin* que nunca foram entregues e foram alvo da CPI da pandemia.³⁶



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (22 de março de 2021).

Por que essa obsessão do capitão da reserva em frisar que a vacinação é “voluntária” e “não obrigatória”? Somente analisando as suas postagens no *Twitter* não é possível entender a complexidade dos vários não-ditos em torno da voluntariedade ou não de tomar a vacina. Para tentar compreender o que postou @jairbolsonaro sobre esse tema é preciso analisar as falas orais de Jair Bolsonaro. Levo aqui em consideração o crescimento dos movimentos antivacina no Brasil e as falas públicas do presidente.

³⁶ “Esta foi a vacina mais cara encomendada pelo governo brasileiro, ao preço unitário de R\$ 80,70. E o negócio foi fechado com velocidade atípica, em 97 dias, em comparação a 330 dias para a assinatura de contrato com a Pfizer. [...] A gestão Jair Bolsonaro afirma que não gastou nada com a compra das vacinas que nunca chegaram”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57605471>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Jair Bolsonaro e suas declarações irresponsáveis estimularam a desconfiança de parte da população sobre a vacina, como ao comentar, em dezembro de 2020, que no contrato com a Pfizer/BioNTech *a empresa não se responsabilizava sobre os efeitos colaterais e que 'se você virar um jacaré, é problema seu. Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver com isso. E o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas'*. (MIRANDA, 2021, p. 12. Grifos nossos).

Essas falas são de um chefe de Estado à frente de uma nação de mais de 210 milhões de pessoas sobre uma questão de saúde pública fundamental e que envolve a vida de milhões de cidadãos. São as mesmas falas em relação aos efeitos colaterais da vacina também poderiam ser ditas por uma criança de sete ou oito anos usando sua criatividade para fantasiar sobre a vacina; criando argumentos a partir da sua imaginação para tentar convencer os seus pais que não a vacinem por ter medo de agulhas, por exemplo.

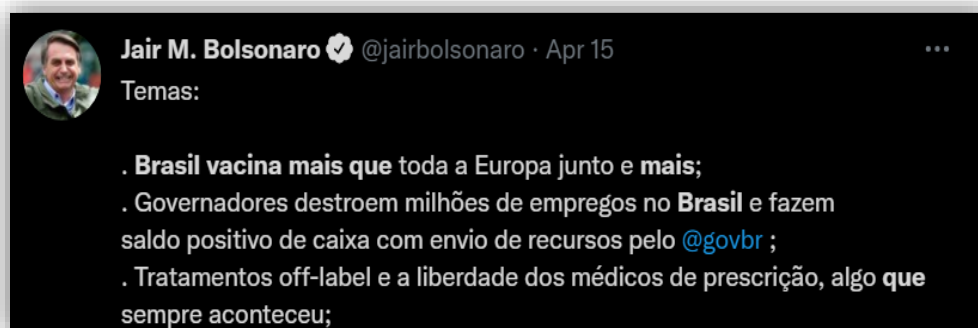
As publicações de @jairbolsonaro com discursos que reforçam a voluntariedade e a não obrigatoriedade da vacinação buscam garantir a identificação discursivo-ideológica com os seus eleitores e correligionários que corroboram com o viés antivacina. Para isso, utiliza-se indiscriminadamente de rumores e boatos sobre os efeitos colaterais do imunizante para demarcar sua posição sujeito sobre o tema.

Por conseguinte, pouco antes do início da CPI que passou a investigar e expor esquemas para obtenção de vantagens escusas nos setores responsáveis pela aquisição de vacinas do Ministério da Saúde, o tom dos discursos muda e o que se vê são publicações em tom otimista e com dados positivos sobre as vacinas. Sob pressão, há uma mudança brusca nas falas de Jair Bolsonaro, este que chega a dizer em um pronunciamento televisivo em rede nacional que "2021 será o ano da vacinação dos brasileiros. [...] As vacinas estão garantidas".³⁷

Desse momento em diante, sob os holofotes da investigação parlamentar, as postagens de @jairbolsonaro já não tem o mesmo tom de crítica e de dúvida em relação à eficácia da vacinação, pelo contrário, os tuítes passam a ser otimistas em relação à vacinação com os números de doses que chegam ao Brasil, as expectativas de vacinação, quantos brasileiros já foram vacinados e comparações sem fundamento ou referências desproporcionais com outros países e regiões do globo.

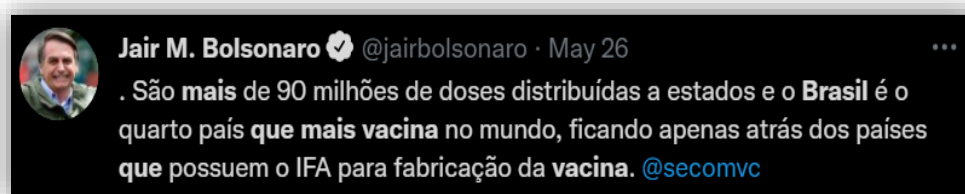
37 Em 23 de março de 2021, "O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) afirmou, em pronunciamento em rede nacional de rádio e TV, que o Brasil conseguirá vacinar toda a população até o fim deste ano". Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/24/sem-criticar-opositores-bolsonaro- agora-diz-que-2021-sera-o-ano-da-vacinacao>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Figura 45 – Postagem em @jairbolsonaro em que compara a vacinação do Brasil com a Europa, critica governadores e defende tratamentos *off-label* (referência ao “tratamento precoce”).



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (15 de abril de 2021).

Figura 46 – Postagem em @jairbolsonaro exalta a distribuição de doses de vacina.



Fonte: *Twitter* – @jairbolsonaro (26 de maio de 2021).

Portanto, quanto à vacinação contra a Covid-19, observei três posições discursivas de @jairbolsonaro. Primeiramente, ainda no contexto de desenvolvimento das vacinas, os discursos na conta presidencial adotam uma postura de opositor político e com traços xenofóbicos em relação à vacinação. Isso porque o fármaco foi desenvolvido pelo Instituto Butantan (parte do governo estadual do seu atual opositor de São Paulo, João Dória) em parceria com os “vermelhos” – no sentido de Scherer e Venturini (2017) – de um laboratório chinês.

Num segundo momento passou a uma postura voltada a agradecer aqueles que se identificam com discursos negacionistas da vacina e àqueles que defendiam tratamentos com medicamentos sem comprovação de eficácia para a Covid-19. Assim, @jairbolsonaro focou seus discursos no fato de que a vacinação seria voluntária, “toma quem quer”, e ainda seguiu em apoio à aplicação do dito “tratamento precoce” em que buscava se legitimar na reprodução discursos de alguns poucos médicos que defendiam essa metodologia.

Em um terceiro momento, há uma nova postura adotada nas postagens de @jairbolsonaro, mesmo que na sua oralidade nas suas *lives* e entrevistas siga ainda com posições negacionista. Dessa forma, as mudanças na conjuntura política que ocorreram após o início da CPI no Senado Federal e as pressões que seguiram sobre cometimento de crimes de responsabilidade e contra a humanidade, conduziram os discursos no microblogue do presidente a adotar discursos otimistas e com dados sobre a vacinação, mesmo que na oralidade o chefe de Estado seguisse atacando governadores e prefeitos que “destroem milhões de empregos”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE @jairbolsonaro: UM ERRANTE E AUTORITÁRIO COMO CHEFE DE ESTADO

There's an unceasing wind that blows through this night
 And there's dust in my eyes, that blinds my sight
 And silence that speaks so much louder than words
 Of promises broken

“Sorrow”, *A Momentary Lapse of Reason*, Pink Floyd

O processo de pesquisa e escrevivência desta dissertação me fizeram concluir que o discurso na materialidade digital toma proporções demasiado amplas, o que torna um desafio recortar e traçar análises sucintas, como nos ensinamentos do Abade Dinouart em *A arte de calar* (2002), obra em que o clérigo francês propõe “falar muito sem falar demais”. Esse desafio é ainda maior diante da basilar necessidade de levar consideração as nuances específicas do digital já que, nas palavras de Dias (2016, p. 18), “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria”, com condições de produção específicas dessa materialidade e que estão em constante (r)evolução tecnológica, sendo um campo instigador e desafiador de ser explorado em AD.

Assim, após ter percorrido longo percurso das análises das postagens de conta oficial do presidente no *Twitter*, fui sendo direcionado pelos muitos vestígios que encontrei no caminho. As análises das repetições, das contradições e das elipses identificam @jairbolsonaro com uma discursividade autoritária militar e religiosa direcionada aos que com ele se identificam. Contudo, uma das conclusões mais expressivas foi me deparar com o que Iago Santos (2019, p. 23) disserta sobre *auscultar os vestígios*, afinal

[...] O discurso não corresponde à fala, primado enunciativo dos subjetivismos idealistas. O discurso é, ao revés, não-subjetivo, no sentido mesmo em que é ele que diz o sujeito, significa-o, dá-lhe a sua identidade (se), sua realidade, o seu sentido. (SANTOS, 2019, p. 23).

Nesse sentido, há numerosos vestígios e também marcas que apontam para o que Indursky (2013, p. 312) trata como determinações discursivas em relação ao “trabalho discursivo de determinação do que pode/deve ser dito, bem como do que pode, mas não convém ser dito e ainda do que não pode ser dito, devendo ser refutado pelo sujeito do discurso”. Com efeito, já na capa da conta do *Twitter* presidencial já

constam indícios da que pode/deve ser dito por aquele que tem como slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

No início de gestão presidencial, no começo de 2019, @jairbolsonaro fez diversas referências às suas filiações político-ideológicas, abertamente falando de Enéas Carneiro (personagem caricato da política brasileira), tecendo ligações com o então presidente estadunidense, Donald Trump, e fazendo constantes referências ao governo ditatorial militar brasileiro. Esses são os discursos que podem ser ditos, repetidos e reforçados por @jairbolsonaro, utilizando as ferramentas tecnodiscursivas com vídeos, imagens e links para reforçar suas filiações (como mostram os recortes dos tuítes ao longo do trabalho). Também convém constantemente se referir ao *Outro*, que é ativo e perigoso, com determinados significantes como: a “oposição”, a “esquerda”, aos “vermelhos” que são predicados como os “corruptos”, os “comunistas”, os “criminosos”, os “ladrões”. Essas noções são utilizadas em tom de superioridade moral que funcionam como espantalhos e que reforçam a posição presidencial à direita. É como se a Guerra Fria (1947-1991) nunca tivesse acabado; há a constante sombra de um inimigo à esquerda.

A forma como o *Outro* é (re)tratado em @jairbolsonaro é violenta, seja um opositor (à esquerda) ou mesmo alguém não alinhado à discursividade bolsonarista. Esse modo como os diferentes são violentamente tratados remonta o discurso de ódio que SCHERER E VENTURINI (2017), tratam em artigo reforçando que

[...] a divisão política do Brasil [que] ocorre em espaços sociais, institucionais por por meio de manifestações discursivas que dão visibilidade ao medo que as elites demonstram ter da esquerda e de um suposto ‘comunismo’ representado pela cor vermelha. [...] Esse medo que acaba se transformando em um discurso de ódio advém da memória, designada, por Courtine (2014), de memória discursiva. Essa é estruturada por repetições, falhas, faltas, pelas quais ressoa um possível ‘comunismo’ como representação de uma mal ancorado pelo religioso e por nossa submissão econômica. (SCHERER; VENTURINI, 2017, p. 167).

Assim, o *Outro* nas publicações de @jairbolsonaro é abjeto e está à esquerda, tem a cor vermelha. Esse *Outro* é despersonalizado e é inimigo, é um espantalho do medo e maldade e desprovido de dignidade humana. Com efeito, esse *Outro* é genérico e deve ser combatido e vencido, não nas urnas como seria numa oposição dentro de um sistema democrático, mas com violência discursiva verbal e física, em nome da superioridade moral que existe à direita que é onde se encontra a discursividade bolsonarista. Em um Estado Democrático de Direito que tem como

fundamentos pétreos, dentre outros, a cidadania, a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político, como é o caso do Brasil, ter como ocupante do cargo máximo um sujeito com uma postura discursiva excludente, violenta e militarista é incoerente e incompatível com o texto constitucional. É como se a Constituição não tivesse o seu significado social e se tornasse apenas um conjunto de palavras frias e sem sentido.³⁸

Em @jairbolsonaro convém dizer que o regime militar brasileiro foi legítimo e salvou o país de uma “ditadura comunista”. Há uma elipse temporal que permite uma ligação do militarismo do atual presidente, “capitão” [da reserva], como um herdeiro do governo repressivo de outrora, mesmo que esse período de repressão militar jamais seja mencionado no entremeio dos discursos bolsonaristas. Também não passam despercebidos os vestígios do silêncio em relação aos gastos bilionários com as pensões às descendentes dos militares e, por outro lado, a ruidosa crítica, por vezes chula e indecorosa, à Comissão Nacional da Verdade e às pensões pagas pelo Estado brasileiro às vítimas da perseguição política ditatorial. É um trabalho discursivo de defesa do militarismo, que torturou e matou cidadãos nos anos do governo ditatorial.

O significante “ditadura”, em @jairbolsonaro, aparece para predicar negativamente aqueles que não estão alinhados à sua discursividade, como Cuba e Venezuela, atacadas pelas postagens bolsonaristas, enquanto a China, segunda maior economia do mundo e país que tem fortíssimas relações comerciais com o Brasil, também governada por um partido comunista, é tratada pelo presidente com comedimento e em tom de respeito. Por fim, parafraseando o filósofo norte-americano Daniel Dennett ao mencionar (metaforicamente) uma comparação entre ideologia e a halitose, a noção de “ditadura” no microblogue do presidente seria como mau-hálito: ele só sente a do outro.³⁹

Já em relação à pandemia da Covid-19, desde seu início (em março de 2020) até a data em que encerrei a composição do arquivo (em maio de 2021), e a pandemia ainda não tinha acabado, concluí que houve três momentos com posicionamentos discursivos distintos na conta do presidente.

38 Sob a interpretação dos incisos II, III e V, do artigo 1º da Constituição Federal de 1988 que respectivamente tratam da cidadania, da dignidade da pessoa humana e do pluralismo político.

39 O filósofo Daniel C. Dennett traz essa analogia à halitose na obra *Quebrando o encanto*, publicado no Brasil pela editora O Globo, em 2006

O primeiro, ainda no contexto de desenvolvimento das vacinas, o chefe do poder Executivo al adota uma postura de opositor político à vacinação, predicando o imunizando com o neologismo “vachina”, por exemplo. Isso porque o fármaco foi desenvolvido pelo Instituto Butantan (parte do governo estadual do seu então opositor de São Paulo, João Dória) em parceria com os “vermelhos” – no sentido de Scherer e Venturini (2017) – de um laboratório chinês.

Nesse interim também se pautou em significantes “economia” e “desemprego” para desestimular as medidas de isolamento social, constantemente compartilhando em sua conta rumores e boatos que pudessem corroborar com seus posicionamentos. Foi um momento em que o trabalho discursivo das publicações era no sentido de “desmentir” as recomendações da Organização Mundial da Saúde e demais órgãos sanitários (como o próprio Ministério da Saúde à época) e “apostar” na direção contrária do que os cientistas demonstravam por meio de pesquisas e experimentos. A Presidência da República, em sua conta oficial no *Twitter* se pautava em pesquisas científicas obscuras e amplamente refutadas, bem como se buscava legitimação em personalidades específicas, como a oncologista Nise Yamaguchi, para disseminar “curas” sem fundamentos científicos e com medicamentos ineficazes (destaque para a ivermectina e a cloroquina) em detrimento das já existentes vacinas.

Num segundo momento passou a uma postura direcionada a agradecer aqueles que se identificam com discursos negacionistas da vacina e àqueles que defendiam tratamentos com medicamentos sem comprovação de eficácia para a Covid-19. Além disso, @jairbolsonaro focou seus discursos no fato de que a vacinação seria voluntária, “toma quem quer”, e ainda seguiu em apoio à aplicação do dito “tratamento precoce” em que buscava se legitimar na reprodução discursos de médicos aleatórios que defendiam essa metodologia.

Em um terceiro momento, há uma guinada no tom dos discursos após mudanças na conjuntura política que ocorreram após o início da “CPI da Covid” no Senado Federal e as pressões que seguiram sobre cometimento de crimes de responsabilidade e contra a humanidade. A postura das postagens, então, passa a ter vieses otimistas e com dados sobre a vacinação, (mesmo que na oralidade das suas *lives* seguisse atacando governadores e prefeitos que aplicavam as medidas de restrição e distanciamento social que “destroem milhões de empregos”).

Menciono, ademais, o funcionamento das formações imaginárias, desenvolvido por Pêcheux (2019) na obra *Análise automática do discurso*, que pode ser percebida

na diferença que há entre a forma como funciona o discurso bolsonarista pessoa física em sua oralidade em falas para jornalistas ou nas suas *lives*, em contraste com as formulações tecnodiscursivas feitas por @jairbolsonaro, sua conta virtual no *Twitter*. Por conseguinte, pela via da teoria e das análises apresentadas, ao retomar as noções pecheutianas trabalhadas por Indursky (2013, p.41), concluo que nem mesmo a verborragia tecnodiscursiva (ou “*tweetstorms*”) em @jairbolsonaro escapa à ilusão-esquecimento nº1 e nº2. Quanto à ilusão-esquecimento nº1, desde que assumiu o cargo de chefe de Estado do Brasil os discursos publicados e compartilhados na conta no *Twitter* do presidente funcionam como fonte dos sentidos e como houvesse o completo domínio daquilo que é dito, como se na plataforma digital o sujeito presidencial tivesse o controle absoluto de seu próprio processo de enunciação.

Esse apontamento quanto a ilusão-esquecimento nº1 também se coaduna com a ilusão-esquecimento nº 2 que dá a noção de que o sujeito domina as estratégias discursivas necessária para dizer o que pretende. As mudanças de tom em @jairbolsonaro em diferentes momentos da pandemia (ou seja, em diferentes condições materiais de produção e de reprodução dos discursos), são sintomas do funcionamento desses esquecimentos discursivos já que o sujeito, na ilusão de controle do que fala (ou no presente caso, do que tuita).

Durante a pandemia da Covid-19, a postura de @jairbolsonaro já não pode mais ser considerada apenas como postagens polemistas e que defendem um ponto de vista à direita no espectro político. Nos primeiro e segundo momentos citados anteriormente, seus discursos ceifaram vidas e puseram em risco seres humanos, pessoas que veem as postagens do chefe de Estado e acreditam que há credibilidade, que a vacina é ineficaz e o que a cura do vírus letal é um “tratamento precoce” composto por medicamentos inócuos em infecções virais, que “os brasileiros não serão cobaias” de imunizantes testados por cientistas e aprovados por órgãos de saúde de Estado do Brasil e do mundo.

A crise sanitária do vírus da Covid-19 pode ter sido um acaso, uma circunstância que fez as condições materiais de (re)produção dos discursos se alterarem abruptamente com eventos que não estavam previstos nem na agenda política mais pessimista. Porém, a discursividade violenta e não democrática de @jairbolsonaro não é um acaso, é uma constante nas suas publicações que atrai o apoio dos que com ele se identificam. Não é uma novidade, é uma postura militarizada

e de antagonismo ao *Outro* que se mantém constante e que já estava presente antes mesmo de assumir o cargo presidencial.

Por fim, @jairbolsonaro é mais do que um problema de pesquisa acadêmico; é um problema e um risco à vida daqueles que não estão alinhados à discursividade bolsonarista. A forma errante e caótica como se manifestou seus discursos em sua rede de microblogues compõe um sujeito sem preocupação com preceitos de um Estado Democrático de Direito e nem com a existência digna daqueles que não estão alinhados aos seus vieses político-ideológicos.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Camila. Carlos publica no *Twitter* de Bolsonaro pai: dicas para saber quando é ele. *In: Portal Gazeta do Povo*, 2019, *online*. Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/Twitter-bolsonaro-carlos-mensagens/>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana da. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. *In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 8., 2017, Recife. **Anais...** Recife, 12-15 set. 2017. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ADOPEF>. Acesso em: 31 jun. 2021.
- AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Congresso anula sessão que declarou vaga a Presidência de João Goulart. *In: Portal da Câmara dos Deputados*, 2013, *online*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/421429-congresso-anula-sessao-que-declarou-vaga-a-presidencia-de-joao-goulart/>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- AGÊNCIA SENADO. Fala de Bolsonaro sobre China causa polêmica em reunião da CRE com chanceler. *In: Portal Senado Notícias*, 2021, *online*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-polemica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- AGUILAR, *et al.* ¿Qué es un corpus? *In: Revista de la carrera de Sociología*. Buenos Aires, 2014, v. 4, n. 4. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/entramadosyperspectivas/issue/view/65/showToc>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.
- AOS FATOS. Todas as declarações de Bolsonaro. *In: Portal Aos Fatos*, 2021, *online*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declarações-de-bolsonaro/>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- AOS FATOS. Quem somos. *In: Portal Aos Fatos*, 2022, *online*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/quem-somos/>. Acesso em: 09 jan. 2022.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRASIL. **Decreto nº 70.274, de 9 de março de 1972**. Aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência. Brasília, 1972. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d70274.htm. Acesso em: 27 fev. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980**. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Brasília, 1980. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6880.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.

BRITO *et al.* Vigilância nas redes digitais: um estudo do caso de James Gunn. *In: Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação*. Palmas, 2019, v. 3, n. 1, p. 197-212.

BYKOWICZ, Julie. *Trump tweetstorms wash away White House press briefings*. **The Associated Press**, 2017, *online*. Disponível em: <https://apnews.com/article/fac985708649414c89bd657d884370a8>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis**: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CONNECTAS DIREITOS HUMANOS. **Direitos na pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil. São Paulo, 2021, n. 10.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Redisco**. Vitória da Conquista: 2016, v. 10, n. 2, p. 8-20.

DIAS, Cristiane. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo HIV. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem do Departamento de Linguística, Campinas, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Língua(gens), mídia(s) e poder sob a ótica discursiva foucaultiana. *In: Revista Heterotópica*. Uberlândia: 2020, v. 2, n. 1, p. 70-83.

FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG. Kit covid: o que diz a ciência? *In: Programa Saúde com Ciência*, 2021, *online*. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/kit-covid-o-que-diz-a-ciencia/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FELLET, João. O retorno de Enéas, ícone da extrema-direita e 'herói' de Bolsonaro. *In: Portal BBC*, 2017, *online*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40833881>. Acesso em: 31 maio 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Jair Messias Bolsonaro (verbete biográfico)**. *Online*: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>. Acesso em: 31 maio 2021.

KOIKE, Dale; BENTES, Anna Christina. *Tweetstorms* e processos de (des)legitimação social na administração Trump. *In: Cadernos CEDES*. Campinas: 2018, v. 38, n. 105. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622018183528>. Acesso em: 22 jun. 2021.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

INSTITUTO VLADMIR HERZOG. Partidos políticos. *In: Memórias da Ditadura*, [s.d.], *online*. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/partidos-politicos/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MARCELINO, Marcelo. *Twitter libera API especial para acadêmicos: o que você precisa saber*. In: **Portal do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados**. *Online*, 2021. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/Twitter-libera-api-especial-para-academicos-o-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em 20 jul. 2021.

MIRANDA, Beatriz Castro. A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo. In: **Revista de História da UEG**. Morrinhos, 2021, v.10, n.2. Disponível em: <https://www.praxia.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11663/8421>. Acesso em: 26 jul. 2021.

O ESTADO DE SÃO PAULO. 'Maricas', 'histeria', 'não sou coveiro': relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. In: **Portal Estadão Saúde**, 2020, *online*. Disponível em: <http://encurtador.com.br/gkouF>. Acesso em: 28 jul. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Ivo. OMS esclarece que assintomáticos podem transmitir covid-19. In: **Agência Brasil**, 2020, *online*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/oms-esclarece-que-assintomaticos-podem-transmitir-covid-19>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? In: **Sério Estudos** (10). Uberaba, Faculdades Integradas de Uberaba, 1984, p. 9-26.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.

OYAMA, Thaís. **Tormenta**: o governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PACHECO, Priscila. É falso que a OMS admitiu erro e se desculpou por posicionamento sobre hidroxiquina. In: **Aos Fatos**, 2020, *online*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-oms-admitiu-erro-e-se-desculpou-por-posicionamento-sobre-hidroxiquina/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. "Composite". In: **Technologies discursives** [Carnet de recherche], 2015, *online*. Disponível em: <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=699>. Acesso em 30 abr. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Trad. Eni P. Orlandi e Grecielly Costa. Campinas: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Catherine. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. **Análise do discurso**:

apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.

RÔMANY, Ítalo. Para atacar isolamento, Bolsonaro mente sobre OMS, atestados de óbito e STF. *In: Agência Lupa*, 2021, *online*. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/19/isolamento-bolsonaro-mente/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SANTOS, Iago Moura Melo dos; BECK, Maurício. Vestígios do silêncio. *In: Rua*, Campinas: 2019. Vol. 25, n. 1, p. 137-64.

SCHERER, Amanda Eloína; VENTURINI Maria Cleci. O discurso do/sobre ódio no contexto brasileiro: nosso compromisso político com o dizer. *In: Revista Fragmentum*, n. 50, p. 163-178, 2017.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. Do retorno ao arquivo à constituição do *corpus* e dos gestos de interpretação. *In: Conexão Letras*, Porto alegre: 2014, v. 9, n. 11, p. 99-109.

SHALDERS, André. Filhas solteiras de militares recebem até R\$ 117 mil mensais. *In: Portal Terra*, 2021, *online*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/filhas-solteiras-de-militares-recebem-ate-r-117-mil-mensais,d34490aa536b44fdda819e513d5a7911u38hoxwg.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA *et al.* Comércio Brasil-China e seus três pilares: soja, petróleo e minério de ferro. *In: Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil (OPEB)*, 2021, *online*. Disponível em: <https://opeb.org/2021/04/24/comercio-brasil-china-e-seus-tres-pilares-soja-petroleo-e-minerio-de-ferro/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

SOARES, Marcelo. Radiografia das 'lives' e discursos de Bolsonaro mostra escalada de autoritarismo e desinformação. *In: El País Brasil*, 2021, *online*. Disponível em: encurtador.com.br/mxDLN. Acesso em: 27 jul. 2021.

TWITTER. *Getting started: about the Twitter API*. *In: Developer Platform*, 2022, *online*. Disponível em: <https://developer.twitter.com/en/docs/twitter-api/getting-started/about-twitter-api>. Acesso em: 08 jan. 2022.

VERMELHO, Sônia Cristina *et al.* Refletindo sobre as redes sociais digitais. *In: Educação & Sociedade*, 2014, *online*, v. 35, n. 126, p. 179-196. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>. Acesso em: 7 jun. 2021.